



**Xakwaru  
wara riikomo  
waiwai tapota  
yahsitopo  
pokono**

**Como o  
Japiim  
ensina as  
crianças waiwai  
a aprender  
as línguas**



Este livro é fruto de um esforço coletivo para dar forma escrita, sonora e visual aos conhecimentos dos povos que habitam a Terra Indígena Trombetas-Mapuera.

Trata-se de uma caminhada partilhada ao longo de dois anos, realizada por pesquisadores indígenas e não indígenas que ouviram com atenção, caminharam com os conhecedores pelas comunidades, florestas e rios, convivendo com respeito e aprendendo uns com os outros. A escuta, a observação e a curiosidade orientaram cada registro.

Organizado no âmbito do projeto Patrimônio e Territorialidade, o livro reúne saberes ancestrais que os Waiwai elaboram há muitas gerações sobre lugares, artefatos, plantas, animais, modos de vida e de pensamento. São memórias e conhecimentos vivos, contados por quem habita o território, escreve sobre ele e o transforma no caminhar cotidiano.

Cada capítulo convida o leitor a entrar em um universo onde tudo se relaciona: as terras pretas e os roçados, a produção de flechas e a coleta de cipós, os registros de petróglifos nas pedras dos rios, os segredos do veneno okomkîrîsî, os cantos dos pássaros, os nomes dos caminhos e os modos waiwai de pensar, falar e escrever o mundo.

Mais do que um livro de registros, Xakwaru é uma forma de continuar ensinando. Suas páginas, são como se ouvíssemos o eco das histórias que ressoam entre o território e as pessoas, como se os caminhos da floresta se revelassem aos poucos. Este é um livro que fala com a força das palavras partilhadas — e com o encantamento de quem aprende caminhando junto.

**Xakwaru  
wara riikomo  
waiwai tapota  
yahsitopo  
pokono**

**Como o  
Japiim  
ensina as  
crianças waiwai  
a aprender  
as línguas**

## Como o Japiim ensina as crianças waiwai a aprender as línguas

### Xakwaru wara riikomo waiwai tapota yahsitopo pokono

© Universidade Federal do Amazonas

Reitor: Sylvio Mário Puga Ferreira

Editor: Sérgio Augusto Freire de Souza

#### AUTORES

Alexandre Aniceto de Souza,  
Anarcindo Onesimu Wai Wai,  
Bernardo Monteiro Flores,  
Carlos Machado Dias Jr.,  
Carolina Levis,  
Claide de Paula Moraes,  
Danielli Neves Matias Santos,  
Felipe Wai Wai,  
Fernandinho Oliveira de Souza Waiwai,  
Giulia Melilli Serbin,  
Geyson Souza da Silva,  
Igor Morais Mariano Rodrigues,  
Jaime Xamen Wai Wai,  
Jonias Souza da Silva,  
José Xokokpo Waiwai,  
Justino Sarmento Rezende,  
Sara Deambrozi Coelho e  
Sulivânia de Souza Gutierrez

#### ORGANIZAÇÃO

Alexandre Aniceto de Souza,  
Carlos Machado Dias Jr.,  
Giulia Melilli Serbin  
Igor Morais Mariano Rodrigues e  
Jaime Xamen Wai Wai

#### TRADUÇÕES

Anarcindo Onesimu Wai Wai,  
Alexandre Aniceto de Souza e  
Jaime Xamen Wai Wai

#### REVISÃO

Anarcindo Onesimu Wai Wai

#### ILUSTRAÇÕES

Jonias Souza da Silva e  
Silvane Wai Wai

#### OUTROS COLABORADORES

Alan Alves Oliveira Júnior  
Antônio Aaka Parwkuoto,  
Asakno José Katwena,  
Bernaldo Katwena,  
Carlos Yapoxi Carwma,  
Cézar Ceysan Wai Wai,  
Kĩrĩnaw Ronildo Wai Wai e  
Sandro Maia Freire Jr.

#### CONSELHO EDITORIAL

Presidente: Henrique dos Santos Pereira  
Membros: Antônio Carlos Witkoski  
Domingos Sávio Nunes de Lima  
Edleno Silva de Moura  
Elizabeth Ferreira Cartaxo  
Spartaco Astolfi Filho  
Valeria Augusta Cerqueira Medeiros Weigel

#### COMITÊ EDITORIAL DA EDUA

Louis Marmoz (Université de Versailles)  
Antônio Cattani (UFRGS)  
Alfredo Bosi (USP)  
Arminda Rachel Botelho Mourão (Ufam)  
Spartaco Astolfi Filho (Ufam)  
Boaventura Sousa Santos (Universidade de Coimbra)  
Bernard Emery (Université Stendhal-Grenoble 3)  
Cesar Barreira (UFC) Conceição Almeira (UFRN)  
Edgard de Assis Carvalho (PUC/SP)  
Gabriel Cohn (USP)  
Gerusa Ferreira (PUC/SP)  
José Vicente Tavares (UFRGS)  
José Paulo Netto (UFRJ)  
Paulo Emílio (FGV/RJ)  
Élide Rugai Bastos (Unicamp)  
Renan Freitas Pinto (Ufam)  
Renato Ortiz (Unicamp)  
Rosa Ester Rossini (USP)  
Renato Tribuzy (Ufam).

#### DESIGN GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Renata Alves de Souza  
Tipo Gráfico Comunicação Ltda.

#### REALIZAÇÃO

Universidade Federal do Amazonas  
Universidade de Bonn  
Universidade Federal do Oeste do Pará  
Universidade Federal de Santa Catarina.  
No âmbito do Projeto Patrimônio e Territorialidade. Passado,  
presente e futuro: perspectiva Tacana, T'simane e Waiwai  
(Equipe Brasil)

#### APOIO

Fundação VolkswagenStiftung

# Xakwaru wara riikomo waiwai tapota yahsitopo pokono

## Como o Japiim ensina as crianças waiwai a aprender as línguas



# Como o Japiim ensina as crianças Waiwai a aprender as línguas

## Sumário

Propósito do livro	10
<b>Apresentação do projeto e das equipes de pesquisa</b>	<b>16</b>
Equipe da arqueologia	18
Equipe da antropologia	20
Equipe da ecologia	22
<b>Como aproveitar a leitura</b>	<b>26</b>
<b>Leis e diretrizes da Educação Escolar Indígena</b>	<b>30</b>
<b>A língua Waiwai</b>	<b>34</b>
A Língua Waiwai: entre o canto dos pássaros e o curso dos rios	
Falar e Escrever em Waiwai: como o voo dos passarinhos e o rastro dos rios	34
<b>Histórias</b>	<b>46</b>
1. Histórias de lugares, pessoas e grupos	48
2. Histórias da argila	62
3. História da terra preta	70
4. Comota muito antigas	78
5. Histórias dos petroglifos e machadinho de pedra	82
6. Histórias das plantas	92
7. História das roças e quintais	102
8. História do arco	128
9. Histórias dos animais, caça e pesca	130
10. Segredo do Knawaru	138
<b>Agradecimentos</b>	<b>148</b>
<b>Autorizações</b>	<b>149</b>
<b>Referências</b>	<b>149</b>

# Xakwaru wara riikomo Waiwai tapota yahsitopo pokono

## Sumário

<b>On wara nêxpe karita mewrexapu</b>	<b>11</b>
<b>Karita yekatîntopo, karita mewreñe komo yehtopo marha</b>	<b>17</b>
Ahcena kom poko cehcamhokaxmu	19
Tooto yehtopo poko cehcamhokaxmu komo	21
Comota poko cehcanhokaxmu komo	23
<b>Waiwai mtapotarî</b>	<b>35</b>
Waiwai mtapotarî: torowo kohtatopo wara, eepu yîhtopopo wara marha Waiwai mtapotarî	
yaro kîmtapotacho mewretopo: torowo yarinîntopo wara, eepu yihtotoponho yesamarî wara	35
<b>Yehtopo</b>	<b>47</b>
1. Tooto komo yeken yehtopo	49
2. Êrmo yehtopo	63
3. Roowo cicwiyem yehtopo	71
4. Kosocho e Katraw	79
5. Toopu mewrexapu	83
6. Naatî yehtopo	93
7. Mararî e Roro yehtopo	103
8. Krapa yehtopo	129
9. Onokena komo yehtopo	131
10. Knawaru yehtopo entanî yentamexpotopo	139





Carlos Machado Dias Jr.

## Propósito do livro

Este livro nasce do encontro dos diálogos entre pesquisadores indígenas e não indígenas do projeto Patrimônio e Territorialidade e os povos na região do Alto Jatapu-Jatapuzinho da Terra Indígena Trombetas Mapuera. Ao longo do projeto, entre os anos de 2022 e 2025, navegamos pelos rios, caminhamos juntos pelas roças e florestas, ouvimos histórias, participamos do cotidiano e das festas das comunidades, e aprendemos muito. Com essa convivência, conhecemos um pouco sobre como as trajetórias de vida das pessoas, dos caminhos, das pedras, dos animais, das plantas, dos rios e das florestas se conectam e carregam memórias e ensinamentos.

Este livro é fruto do desejo das lideranças e professores e professoras da TI Trombetas-Mapuera em registrar os conhecimentos Waiwai para que eles cheguem aos jovens e sejam valorizados. Nosso objetivo com este livro é oferecer reflexões sobre as histórias e os saberes indígenas, e motivar principalmente os professores e professoras a debaterem esses saberes com os estudantes em sala de aula. O livro reúne histórias Waiwai que nos foram contadas e vividas, e que se conectam com as pesquisas desenvolvidas na TI Trombetas-Mapuera durante o projeto. São histórias que confluem visões das diferentes equipes de pesquisa e visões dos Waiwai.

Queremos que este livro sirva como um instrumento para fortalecer a diferença dos modos de ser Waiwai que, ao longo dos últimos 70 anos, foram desvalorizados e transformados pelo mundo dos brancos. Assim, o livro pretende alimentar diálogos sobre a diversidade de formas de vida e culturas, a importância do território e as maneiras como diferentes povos entendem e interagem com o ambiente. Ao trazer histórias, trajetórias de vidas e experiências, buscamos inspirar educadores e estudantes a refletirem sobre a riqueza do conhecimento indígena, e sobre a importância de aprender com aqueles que vivem e conhecem seus territórios.

## On wara ñexpe karita mewrexapu

Taa, on karita nasí cewrusom wara cehcamhokaxmu Waiwai, karaywa komo nixaro. Karita patrimônio, territorialidade. Tooto komo rowon wokpamaxapu, “Terra Indígena Trombetas Mapuera”. 2022 a 2025 ñexarono me nasí karita kmewresom. Amna cekñe eepu kwaw, roowo pore marha, maraí pore so, comota cere, amna ñencekñe ehtopo komo, amna marha xakñe akroso ahwotaco komo yimaw ewtonposo. Amna xakñe ñexamro wara xa marha ñehcanhokñe. amna nihtinoyakñe ahce waso na tooto komo yehtopo. Toopu yehtopo, onokena komo, naatí komo, eepu, comota ñexaro nasí ahce na komo yihtinotopo.

On karita nasí kayaritomo komo, panatanmekñe komo ixexa ehtoponhîrî me. Roowo wokpamaxapu “Terra Indígena Trombetas Mapuera”. Waiwai komo nihtinorî karitamaxmu me nasí, kaîpanxan komo yihcamhokacho me. Amna nihtinorî me nasí karita mewrexapu, on há kacho me anarî komo ya esehtinotopo komo me pahxa ehtoponho komo poko. Yihtinotopo poko marha. Sku yaw cehcanhokaxmu komo ya. Karita mewrexapu yaw nasí Waiwai komo yehtopo ekatînxapu ehtoponhîrî komo. Ero yipu nasí ciso ehtoponhîrî “Terra Indígena Trombetas Mapuera” yawno karita cixapu yaw. ero ñekatînyaxe cehcanhokaxmu anarmerpaso Waiwai nihtinorî.

Amna ixexa nasí on karita mewrexapu miyahxixa yihcanhokacho komo me, Waiwai yana komo, pahxa 70 cimñipu exitaw tooto pen komo niratkeñe karaywa yehtopo yaka makî. ero wa nasí karita mewrexapu yaw merpora Waiwai yehtopo ro poko ciso, kirwanhe eken komo yehtopo poko, ahce na komo anarmerpan komo yihtinotopo cewton komo po há. Karita yaka citopo amna nirakñe yihcanhokañe komo yakro, yihtinoñe komo yakro marha, ero poko cehcamhokaxmu komo esehtinotopo me ehtome. Ero waray komo nay tihtinosom mî kacho me marha tooto komo ya. Cixapu merpora kirwan komo poko kehcamhokacho yihtinoñe komo yakro cewtoyîm komo yakro ha.

Sara Coelho



Xakwaru wara riikomo waiwai tapota yahsitopo pokono



Carlos Machado Dias Jr.

Entre os povos indígenas, o conhecimento é transmitido de geração em geração, principalmente pela oralidade por meio de histórias, conversas e ensinamentos compartilhados no dia a dia e durante as festas e cerimônias. Para que esses saberes não sejam esquecidos, é fundamental que continuem sendo contados, recontados e transformados, acordando e mantendo vivas as memórias e os aprendizados que ligam as pessoas e os muitos outros seres com os quais convivem em seu território. É cada vez mais recorrente a busca dos jovens por estudar na cidade e na universidade. Essa busca por conhecimento acadêmico é importante para o futuro das comunidades indígenas. Mas existem outros sistemas de conhecimento, que também são importantes, e não podem ser acessados na cidade. O conhecimento dos mais velhos, os *poco komo* e as *caaca komo*, é fundamental para saber viver bem e cuidar das terras indígenas. Este livro quer destacar a importância desses conhecimentos, para dentro e para fora da terra indígena.

Junto com as comunidades Waiwai, fizemos uma oficina em 2025 para reflexão e organização do conteúdo e dos dados do projeto, que resultaram neste livro. Os resultados serão compartilhados com as comunidades para fortalecer o conhecimento indígena e contribuir para a defesa do território, com soberania e resiliência.

Assim, este livro é mais do que um registro, é um convite para: valorizar a história Waiwai por meio da trajetória dos velhos de hoje; e caminhar por diferentes modos de conhecer e viver o mundo, reconhecendo o território como um espaço vivo de aprendizado contínuo, compartilhado e em constante transformação.

On wara naxe tooto komo ahce na komo yih̄t̄inotopo n̄inyaxe oroto tpormansom komo ya. Tapota yari mak̄i, ehtopon̄h̄ir̄i komo yekat̄intopo nixa marha, yih̄canhokacho komo me marha. Ero wa nas̄i yiwya so ekat̄intopo enmar̄i yat̄i xera, ahwotacho komo yimaw so, anarmepaso citopo komo, yih̄t̄inotopo ehcamnopura ehtome, et̄ih̄kara nas̄i cekat̄impore, pahxa ekat̄inxapu, etak̄itotoponho komo marha. Cepakapore nas̄i pahxa ekat̄inxapu komo, tooto komo ya ehcanhokachon̄h̄ir̄i nas̄i anarkomo tooto komo ñekat̄intome cewton komo po so. Ero nas̄i oroto kārpanxam komo ya epotopo ehcanhokaxmu komo karaywa cewno komo ya karit̄i kehcanhokacho yaw ehcanhokaxmu komo ñepor̄ir̄i me. Ewtopo pona mak̄i pahxarono me nas̄i ero cixapu. Anar̄i marha nas̄i hara kirwan ehcanhokacho komo karaywa niht̄inor̄i poko ehcanhokacho komo ero xa marha mik̄ro kirwan yih̄t̄inotopo. Pooço caaca komo niht̄inor̄i re nas̄i karaywa komo cew exih̄n̄i me, ero ke thakwa kehcanhokacho mera nas̄i ero yipu karaywa yewton po. Wara rma nas̄i tko ewto po ahce na komo poko kehcanhokacho caaca komo pooço komo yaw marha ero mik̄ro ewtopo kirwanhe ahce na komo citopo. Karita mewrexapu ñenpes̄i kirwanhe ahce na komo yih̄t̄inotopo ewto po so, anar̄i ewto po so marha.

Waiwai komo yakro amna nirak̄ñe esentacho ewto po 2025 po, eseht̄inotopo, kirwanhe karita citopo marha karita cixapu yawroro. Ero yawro ro tak̄i nas̄i karita cixapu oroto. anarkomo ya t̄insonme ewto po yih̄t̄inotopo karihtoñe wara Waiwai komo chew há. Ero rma nas̄i ewton komo yukurumpeñe me miya ro ro.

Ero wa nas̄i karita mewrexapu anik̄ñe komo wara, Waiwai komo niht̄inor̄i xa tko nas̄i ñexpe rma miya roro kacho xa. Pooço komo yehtoponho nixa ro mak̄i oroto nas̄i. Anarmerpa so cetarisom wara nas̄i Waiwai komo niht̄inor̄i roowo po. T̄iht̄inopore nas̄i ȳirowon komo ahcena komo yih̄t̄inotopo ke miya rma, ero waray komo nas̄i cekat̄impore miya roro anarme nhe ehtopo komo ponaroro.



Giulia Melilli Serbin





## Apresentação do projeto e das equipes de pesquisa

O projeto Patrimônio e Territorialidade teve como objetivo compreender como os Waiwai conhecem e vivem no seu território e sobre o que pensam de seu patrimônio, considerando não apenas os objetos antigos deixados pelos ancestrais, mas também a floresta, os rios, as roças atuais e antigas, e os conhecimentos transmitidos pelos mais velhos. A pesquisa foi realizada de forma colaborativa e intercultural, envolvendo pesquisadores Waiwai, Tuyuka e não indígenas, para estudar as transformações do território ao longo do tempo e a importância dos saberes que foram construídos ao longo de muitas gerações, observando as paisagens e elaborando diferentes tecnologias em parceria com muitos outros seres que convivem em seus territórios.

Ao longo do projeto, realizamos entrevistas e conversas com os jovens, adultos e os mais velhos para ouvir histórias, suas trajetórias de vidas, suas relações e transformações em seus modos de viver em sociedade. Buscamos entender suas percepções sobre o território e suas mudanças, além de mapear os locais importantes, como as antigas aldeias, roças e lugares que acordam as memórias. Também estudamos a relação dos Waiwai com as florestas, os rios, as plantas e os animais, registrando os saberes indígenas sobre o manejo da terra e da biodiversidade. Também registramos as plantas dos quintais, roças e florestas.

As histórias narradas pelos Waiwai e os resultados do projeto que serão aqui apresentados expressam, portanto, as relações entre as pessoas, bichos, plantas, pedras, rios, e até outros seres que não são visíveis. Combinando ciências indígenas e ciências ecológicas, arqueológicas e antropológicas, observamos que as relações entre humanos e não humanos fazem parte de uma só história de vida, portanto, estão todas em um mesmo lugar.

Este trabalho contribui para que os jovens Waiwai conheçam um pouco mais sobre sua própria história e para que os conhecimentos dos mais velhos não sejam esquecidos. Além disso, buscamos valorizar os modos de viver Waiwai e fortalecer a proteção da Terra Indígena Trombetas Mapuera. Todo o processo foi conduzido com respeito aos interesses e demandas dos Waiwai, garantindo que os conhecimentos compartilhados possam fortalecer a autonomia das comunidades Waiwai.

## Karita yekatîntopo, karita mewreñe komo yehtopo marha

Karaywa komo niraxe asakî yihîntotopo, anarkomo kexe tooto yehtopo poko, anarkomo takî kexe hara onekena komo poko, naatî, eepu, toopu ero waray komo poko kexe roowo pono poko há. Waiwai komo reha kexe hara ero wa exihra nay kexe. Nihtinoyatu marha iitore cehsom me, exihra nay noro xa kacho yihyawso.ahnoro makî natu iitore ero re po makî, ero marha nihtinoyaxe ahnoro anarmerpaso netakîcesî kaamo poko ro, cewnenhe nasî kirwan mîkro ero kacho mera ahnoro makî nay iitore ehtopo.

Ehtopo ciñe nehcamhokay Waiwai komo yehtopo poko, tîrowon kom yaw ehtopo esehîntopo komo mahra ehtopo komo poko. Pahxan tho kom poko tpocon kom nînomutu, orotono marha comota, eepu, mararî orotono pahxam marha, pahxam pen komo nînomutho. Yîñemphîrî ecamhokacho komo nay Waiwai kom yakro iitore, tuyuka yana anarî kom yakro marha. ehcamhokacho komo ehtoponhîrî komo poko. Ahce waso na ehtopo nhîrî komo oroto pona roro, censo mîn hak komo iitore ciiso ehtopo ewto pono komo yakro.

Ehtopo komo mewretaw, tîmtapotaxi karpamxan komo yakro, poritomo kom pooco kom yakro marha entachome ehtoponhîrî komo pahxa ahcewa xatkeñe oroto ponaroro, entacho marha esehîntopo komo. Encetîketaw ehtopo kom, pahxan tho ewto, mararî ehtoponhîrî komo esehîntopo. Kîhcamhokesî Waiwai komo yehtopo, comota, eepu, mararî, naatî, onoke na komo, tahsîso ahcewa na ehtopo komo, Censo marha naatî kom yimîtwoso, mararî comota marha.

On etapickacho komo karpamxan komo nakronome ehtopohîrî komo poko entachome yihîntotome marha pahxa ehtoponhîrî yihcamnopura ehtome so. karpe ehtome marha yirowon komo yaw. Anohro cixapu nas okyo kacho keñe Waiwai komo yehtopo ekatîmxapu komo marha ewtopo komo yakronomacho me.



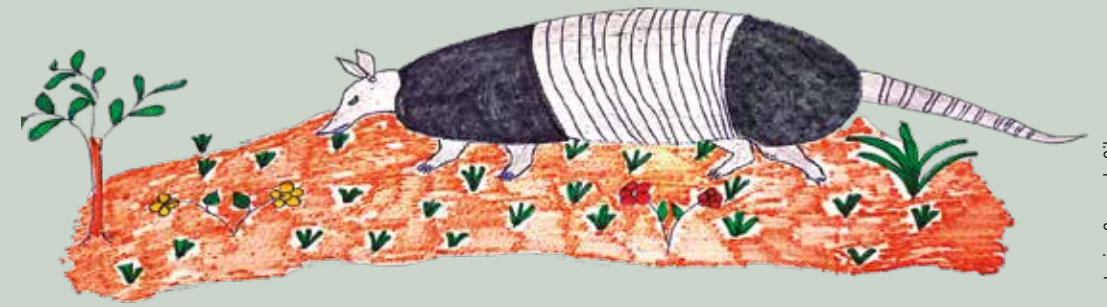
On tapota exihra nay Waiwai mtapotarí yaro. Ero nay ahce namko poko kehcamhokacho me etimtoxaputho komo poko pahxa ehxapu poko ehtoponhîrî komo marha, kîhcamhokesî marha ero way me ehtoponhîrî poko ehtopo kaamo pokororo. Ero yipu cencesî ewtotho po. “museu” yaw so marha. Ero tapota nas ehcamhokacho me ehtoponhîrî komo yîhtînotopo me ero wa xatkeñe ham ero yipu komo poko kacho me marha orotono ponaroro. Ahcena etimtoxaputho nas kîhcanhokañe me ero poko xatkeñe ham ero wa xatkeñe kacho poko. Ero wa kîcamhokesî tooto yehtopo poko ewtonthîrî komo poko marha. Yîtinopuxe tasî ahce wa kyam xatkeñe pahxan pen komo orotono panaroro, ero kîhcamhokesî asakî ehtopo poko ahce wa takî natu oroto tooto komo ahce tho rma nay yihyawso kacho poko.’

Cewñe kamorî “cinco” tooto nas amna ero poko cehcanhokaxmu me ehtoponhîrî komo poko: xamen, claide, igor, carla, camila. Camila exihra ñehxe amna yakro ehtonhîrî komo yeporataw amna ya. Xamen amna ñîhtînoya 2012 poy ro, 2015 amna toy ewto pona ehtoponhîrî komo yehso, xamen ñekatînyañe kapayo wa ehtoponhîrî komo yepotopo amna ya, ero ke kapayo kacho me nas amna.

## EQUIPE DA ARQUEOLOGIA

Arqueologia é uma palavra que não existe na língua Waiwai. Arqueologia é um jeito de estudar história investigando as coisas (*ahcenamko*) que sobraram do tempo em que elas foram fabricadas ou utilizadas, e também é um jeito de estudar a relação que as pessoas estabelecem com as suas coisas no seu dia a dia atual. Essas coisas antigas podem ser encontradas em antigas aldeias (*ewtotho*) e também no que os *karaywa* (não indígenas) chamam de museus, uma casa grande em que os *karaywa* guardam coisas de vários povos. Então, podemos dizer que a arqueologia é uma maneira de estudar a história das pessoas através dos restos que sobraram de coisas que elas fizeram durante a vida, até as relações com as coisas nos dias atuais. As coisas que sobraram dos tempos antigos são chamadas de vestígios. Então, estudamos os vestígios da vida das pessoas e comunidades. Queremos saber como as pessoas viviam, desde tempos muito antigos, para entender o que foi mudando ao longo do tempo, e assim entender também como as pessoas vivem atualmente com as suas coisas (*ahcenamko*). Existem duas principais questões que a arqueologia gosta de fazer: o que mudou na vida das pessoas e nas suas coisas? O que continua na vida das pessoas e nas suas coisas?

Nós somos 5 representantes da Arqueologia no Projeto Patrimônio e Territorialidade: Xamen, Cláide, Igor, Carla e Camila. Camila não pode vir para a pesquisa de campo durante o projeto. No campo e nas discussões contamos com a ajuda de muitas conhecedoras e conhecedores Waiwai, destacamos a parceria com Cesar Ceysan Wai Wai, que nos acompanhou e nos guiou por muitas descobertas. Xamen já conhece muitos de nós desde 2012. Em 2015, fomos fazer a primeira pesquisa de campo juntos. Lá, Xamen comentou que as pessoas na Arqueologia trabalham igual *kapayo* fazendo buracos para encontrar as coisas. Uma maneira de explicar para os Waiwai o que fazem os arqueólogos foi então explicar que trabalhamos igual *kapayo*, fazendo buracos. Somos a equipe *kapayo*.



Jonias Souza da Silva



## EQUIPE DA ECOLOGIA

Em sua origem, a palavra 'ecologia' significa o 'estudo da casa', num sentido amplo que pode incluir as paisagens, o território e todas as coisas que influenciam esse território. Os Waiwai relacionam a ecologia com a palavra *comota*, porque ela trata das relações entre todos os seres vivos — plantas, animais, pessoas e até os seres que não vemos — e o ambiente onde vivem. A ecologia estuda como as florestas, os rios, as pessoas, as plantas e os animais estão distribuídos e conectados no território. Por exemplo, as árvores dão frutos que alimentam os animais e os animais ajudam a espalhar as sementes das árvores. A chuva faz crescer as plantas e as plantas limpam o ar e protegem o solo. Tudo está ligado, assim como os Waiwai sempre souberam. A ecologia busca entender a diversidade de vidas humanas e de outros seres, e suas múltiplas formas de se relacionar, contribuindo para reconstruir a história dos povos indígenas e de seus territórios. As plantas, por exemplo, podem contar essa história. Quando encontramos bananeiras, pupunheiras, castanheiras ou mandioca crescendo na floresta, isso pode ser um sinal de uma roça antiga. Muitas árvores estão ali porque foram plantadas e cuidadas pelos antigos e outros seres, como os animais. Os caminhos na mata, os lugares onde as plantas ocorrem e até o formato dos rios podem mostrar como os antigos viveram e transformaram a paisagem ao longo do tempo, ampliando a diversidade. Por isso, a Ecologia não é apenas sobre plantas e animais, mas também sobre o conhecimento dos antigos, os modos de vida e as mudanças na floresta. Ela nos ajuda a ver e entender como a natureza guarda as histórias dos que vieram antes e que cabe a geração atual continuar cuidando dela para garantir a sua saúde e funcionamento no futuro.

A nossa equipe é formada por Carol, Bernardo, Sara e Giulia, junto com os estudantes e jovens pesquisadores Waiwai, Sulivânia de Souza Gutierrez, José Xokokpo Wai wai, Geyson Souza da Silva e Jonias Souza da Silva. Somos a equipe *comota* porque buscamos entender como a natureza e os conhecimentos indígenas se encontram, como os antigos cuidavam da terra e da floresta, e também como esse conhecimento pode ajudar a manter a floresta em pé e saudável para as futuras gerações. Junto com os Waiwai, aprendemos e compartilhamos os saberes sobre a vida no território, fortalecendo as relações entre as pessoas e a floresta.

Mehxaro no me nasî ahcena komo poko kacho, kehcanhokacho mîmo poko kacho me, porin me kehcanhokacho poko wa ke há, ero yaw nasî comota yentopo, roowo pono komo poko, Waiwai yana komo wa ketu ero ke comota ketu, comota po merpora exirke onokena komo, ahce hana komo marha, naatî, onokena, tooto, onokena wahray tho mero enîhra cehsom komo poko mero. Ceken po ehtopo komo, ero ke kehcanhokacho comota poko, eepu, naatî, onokena komo naxe roowo poko hakî mînto mînto waso roowo po. Enko xe enpotopo, weewe ñeperwasî, onokena komo nahrî me, onokena komo marha tko naraxe mîna mîna wa so weewe yeperîrî, tuuna kahyay kmohsom reha natîkresî naatînko, ocowo korokesî, nakronomesî marha roowo. Ero nasî etponare yimixapu wara ero Waiwai komo nihtînoyaxe, comota poko kehcanhokacho nasî comota poko makî kîhcanhokacho mera kwe, anarîpa poko so marha cehcanhokesî tooto yehtopo poko anarkomo yehtopo poko mero. Ero wa ehtopo poko nasî tooto ñekatînrî me takî há. Naatî komo marha tko ñekatînyasî hara tooto yehtopo. On wara eñataw tuxkma, aparpî, tîtko yepu, xeere yatîtaxapu ero mîkro ewtotho paxantho yenpotopo. Merpora weewe naatî me cehson naxe iito eyamxapunhîrî me exirke. Esama marha, ekenînhîrî naatî komo, eepu mero ñenpesî pahxa tooto komo yehtoponho anarme thakwa hatko. Ero ke comota poko kehcanhokacho poko wîkesî naatî poko, onokena komo poko kacho mera nasî, pahxa ehtoponhîrî poko so marha cehcanhokesî, tooto yehtopo poko anarme takî ehtopo poko mero, ero wa kehcanhokacho ñenpesî kîwya ahce wa comota nihtînomexpe hara kio ehtoponhîrî komo kacho pahxa mohtoponhîrî komo, oroto no marha takî pahxa ahce na komo ke eshecemachonho komo takî oroto ponaro takî akronomano nirasî. Ero wa yîhtînotopo ixe tasî pahxarono me.

Amna cehcanhokaxmu comota poko, karita cixapu projeto territorialidade. Amna nasî on wicakî: Carol, Sulivânia de Souza Gutierrez, José Xokokpo Wai wai, Geyson Souza da Silva e Jonias Souza da Silva. Amna comota, amna ñenpesî comota yehtopo, tooto iipo yehsom yehtopo marha ero waray komo ñeporasî pahxan pen komo yehtopo kirwanhe roowo citopo marha comota pire citopo kirwanhe tupunpore epeñamra ro makî anarî yaxan komo yakan hara. Waiwai komo yakro amna ñehcanhokay ero takî amna nekatînyasî hara anarî komo yakro, Waiwai komo nihtînorî roowo pono, on wara nasî cexpore comota poko kacho poko karpenthe takî ehtome marha tooto komo comota poko.





## Como aproveitar a leitura

Este livro foi feito para contar histórias sobre o território, os conhecimentos e os modos de vida dos Waiwai. Ele reúne memórias compartilhadas por jovens e os mais velhos, pesquisadores indígenas e não indígenas, trazendo visões sobre como os Waiwai vivem, conhecem e transformam seu ambiente.

Queremos que a leitura deste livro proporcione aprendizados e reflexões, conectando os leitores com os ensinamentos que o território e a floresta, os rios, os animais e os antigos nos oferecem. A seguir, damos algumas sugestões sobre como aproveitar ao máximo este material.

### 3.1 Leia e Compartilhe

As histórias deste livro foram pensadas para serem lidas individualmente, mas também em grupos, nas escolas e nas comunidades. Professores, professoras, estudantes e membros das aldeias podem discutir os temas abordados, compartilhar experiências e contar novas histórias que complementam ou trazem outra maneira de pensar sobre as narrativas aqui apresentadas.

### 3.2. Relacione com a Vida no Território

Os temas deste livro falam sobre o cotidiano dos Waiwai e sua relação com o território. Você pode refletir sobre como esses conhecimentos estão presentes no seu dia a dia. O que mudou ao longo do tempo? O que ainda permanece? Como as histórias dos mais velhos podem ajudar a cuidar do território no presente e no futuro?

### 3.3. Utilize nas Escolas

Este livro também pode ser usado como um material complementar para o ensino nas escolas. Os capítulos trazem histórias que podem ser trabalhadas em diferentes disciplinas, como História, Ciências, Geografia e Língua Waiwai. Além disso, ao final de cada capítulo, há propostas de atividades para professores e professoras e estudantes pesquisarem mais os temas tratados nas histórias.

### 3.4. Continue a Pesquisa

As histórias contadas aqui são apenas uma parte do rico e extenso conhecimento dos Waiwai. Muitas outras histórias ainda podem ser registradas e compartilhadas. Você pode conversar com os mais velhos e perguntar sobre o que eles lembram dos tempos antigos. Pode também observar o território e tentar entender como os conhecimentos Waiwai são transmitidos entre gerações e ficam registrados nas pedras, rios, solos e florestas.

### 3.5. Use como Inspiração

Este livro é um convite para valorizar a história e os conhecimentos dos Waiwai. Ele pode inspirar novas histórias, desenhos, músicas ou outras formas de expressar o que aprendemos com a leitura. O conhecimento indígena não está parado no tempo: ele se transforma e se fortalece quando é compartilhado.

Agora é sua vez!



Carlos Machado Dias Jr.

Aproveite a leitura, compartilhe com outros e ajude a manter as histórias e os saberes Waiwai vivos.

Ao longo deste livro, você encontrará QR codes. Eles oferecem conteúdos complementares – textos, fotos, vídeos ou outros materiais que aprofundam os temas discutidos. Para acessá-los, basta abrir a câmera do seu celular e apontar a câmera para o código ou usar um aplicativo leitor de QR code. Pronto, você será redirecionado para o material sobre aquele assunto.

Material complementar: acesse aqui outras histórias escritas pelos Waiwai durante nossa visita para a apresentação do livro em abril de 2025. Se você deseja adicionar alguma história, mande um e-mail com uma foto do texto escrito para: [livrowaiwai@gmail.com](mailto:livrowaiwai@gmail.com)





## Leis e Diretrizes da Educação Escolar Indígena

A Educação Escolar Indígena no Brasil é assegurada por diversas leis e diretrizes que reconhecem a importância de um ensino diferenciado, bilíngue e intercultural. Entre os principais documentos que fundamentam essa educação, destacam-se:

- A Constituição Federal de 1988, que garante aos povos indígenas o direito à educação diferenciada, respeitando suas línguas, culturas e formas próprias de aprender e ensinar (Art. 210 e Art. 231).
- A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/1996), estabelece que a educação indígena deve considerar os processos próprios de transmissão do conhecimento e valorizar as culturas e tradições dos povos indígenas (Art. 78).
- As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena (2012), que reforçam a necessidade de um currículo flexível, construído a partir dos interesses e conhecimentos dos povos indígenas.
- A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), embora não seja obrigatória para as escolas indígenas, sugere conteúdos e abordagens que podem ser adaptados conforme as realidades de cada povo.

### O Livro e o Currículo Escolar Indígena

O livro dialoga diretamente com essas diretrizes ao valorizar a oralidade, a memória e os conhecimentos indígenas como formas legítimas de aprendizado. Ele pode ser utilizado como material complementar nas escolas das aldeias, oferecendo histórias e reflexões que podem ser trabalhadas em diversas áreas do conhecimento, como:

- História e Cultura Indígena: Através dos relatos e experiências compartilhadas, os estudantes podem aprender sobre a história de seu povo e a relação dos mais velhos com o território.
- Ciências e Meio Ambiente: O livro aborda a interação entre os povos indígenas e o ambiente, trazendo exemplos de manejo sustentável e conhecimento ecológico indígena sobre as plantas, animais, rios e florestas.
- Língua e Oralidade: A valorização das histórias contadas pelos mais velhos fortalece a transmissão dos saberes tradicionais e incentiva a preservação das línguas indígenas.
- Território e Identidade: Ao destacar a relação entre conhecimento e território, o livro contribui para a valorização das práticas culturais e dos modos de vida indígenas.

Dessa forma, o livro não apenas respeita as diretrizes da Educação Escolar Indígena, mas também se torna um instrumento pedagógico para fortalecer o ensino baseado nas realidades e necessidades das comunidades na TI Trombetas-Mapuera.



Carlos Machado Dias Jr.



## A língua Waiwai

A LÍNGUA WAIWAI: ENTRE O CANTO DOS PÁSSAROS E O CURSO DOS RIOS

FALAR E ESCREVER EM WAIWAI:

COMO O VOO DOS PASSARINHOS E O RASTRO DOS RIOS

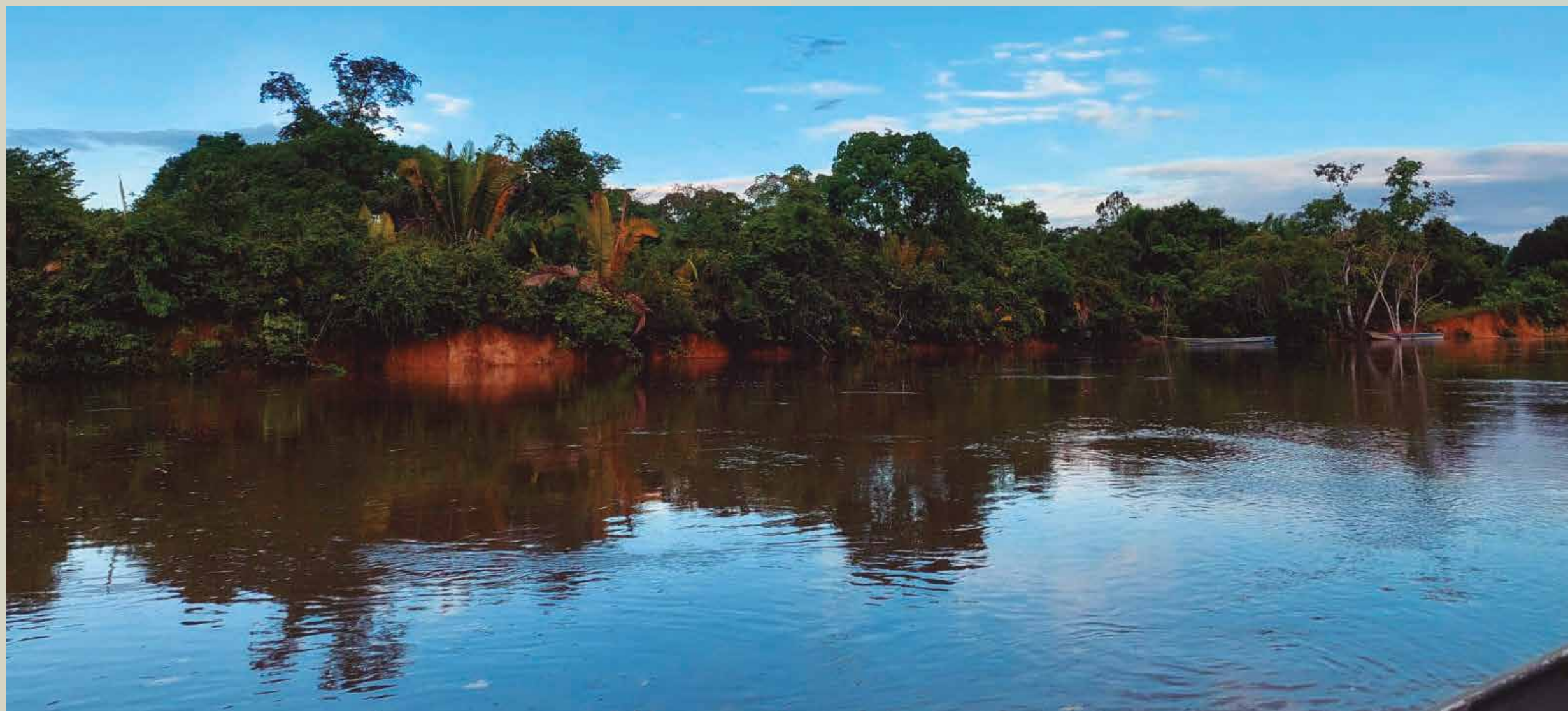
A língua Waiwai, como o *amaci* (tamanduá), desliza silenciosa pela floresta do tempo, buscando na terra da memória os sons que nutrem a alma do povo. Ela é como um rio que flui entre tempos e espaços, conectando as raízes do passado às folhas do presente. Assim como o vento espalha sementes e a chuva nutre a terra, a língua fortalece a identidade do povo, sustentando o equilíbrio entre tradição e transformação. No entanto, essa identidade linguística não se desenvolveu de maneira isolada ou estática. Pelo contrário, sua grafia e estrutura foram fortemente influenciadas por processos históricos, encontros interculturais e escolhas socioculturais.

## Waiwai mtapotarî

WAIWAI MTAPO TARÎ: TOROWO KOHTATOPO WARA, EEPU YÎHTOPOPO WARA MARHA

WAIWAI MTAPO TARÎ YARO KÎMTAPOTACHO MEWRETOPO:  
TOROWO YARINÎNTOPO WARA, EEPU YIHTOTOPONHO YESAMARÎ WARA

Taa, Waiwai tapotarî amaci, seherere tîtkêne comota pore, pahxa ehtoponhîrî yekêne wara nasî Waiwai komo yehtopo poko. Eepu wara nasî, roowo pore nasî ero wa rma, weewe micin yakro ceseskmxmu wara nasî pahxa ehtoponhîrî e weewe yarî yakro cehsom wara tko nasî oroto takî hara. Ero wa xa marha nasî hara ocowo pahyasî comota yeperîrî roowo pore, tuuna kahyayno reha roowo nucukmaresî, tapota re há nasî karihtoñe wara tooto yehtopo komo, ero wa ehtopo komo ñempesî tooto yehtoporo komo há, ahce waso na ehtopo komo marha pahxa ehtoponhîrî komo warahra ehtopo komo. Taa, tooto yehtopo nasî, yintapotacho komo mero etakîtohnîme wara kya makî. wara rma yîntapotacho komo tko kmewresom me nasî karaywa yehtopo yaw takî, pahxa ehtoponhîrî komo yehtopo cetakînso nasî, karaywa komo ya totoponho yicekaso. On wara xa ehcoko kacho marha.



Como ventos estrangeiros sopram sobre a floresta, os missionários americanos trouxeram consigo um modo de prender a palavra em sinais desenhados. Eram linguistas de formação e, junto a Ewka - então um jovem e influente líder na casa coletiva *Yakayaka* -, teceram uma grafia para a língua Waiwai, moldando-a como quem marca pegadas na terra úmida. Mas a língua nunca foi pedra; sempre foi como o voo dos passarinhos, múltipla e livre, ressoando em muitas vozes nas casas coletivas. Ao reunirem os falares distintos sob uma única escrita, construíram um ninho comum, mas também ergueram cercas invisíveis ao redor das palavras.

A escrita Waiwai, como o casco do *kapayo* (tatu), protege, mas também impõe limites. Tornou-se um símbolo de unificação, mas também carrega a marca de mãos estrangeiras sobre a pele viva da diversidade. Entre aqueles que falavam muitas variações de uma mesma raiz linguística, conhecida como Caribe, e até mesmo a língua Mawayana, da família Aruak, a palavra nunca foi fixa. Ela sempre fluiu, como os rastros dos animais na mata, que se refazem a cada passo. Pois a língua, como o rio que encontra novas margens e os caminhos das pessoas na floresta, se move e se transforma. Nenhuma grafia pode segurá-la, pois sua força vem do movimento.

Ser Waiwai é mais do que falar uma língua; é caminhar sobre o mesmo solo, compartilhar o alimento e respirar o mesmo ar que une todos em um coletivo. Como os rios que se encontram e formam um único curso, os Waiwai nasceram da fusão de muitas águas, das vozes de diferentes povos que ecoavam nas casas coletivas. Assim como as folhas nunca param de dançar ao vento e as estrelas desenhavam novos caminhos no céu, a língua também se moveu e se transformou. Entendemos que não existe uma língua original, pois toda palavra é um reflexo do tempo, fluindo como a própria vida.

A língua, tal como a floresta que se renova a cada ciclo, é fruto de encontros, de ventos que sopram de diferentes direções. O Waiwai que hoje se escreve é recente, moldado pela convivência com os não indígenas, assim como o rio, ao encontrar novas margens, redesenha seu curso. Nesse fluxo, algumas variações linguísticas foram silenciadas, como o Xerew, cujas palavras, antes vivas, agora repousam como folhas que se desprendem das árvores. Mas a língua não é pedra, e sua grafia não pode aprisionar sua essência em um leito fixo.

Podemos usar a minha própria história para dar um exemplo, sou filho de mãe Mawayana, oriunda do tronco Aruak, e pai Hixkaryana, pertencente à tradição Caribe, minha história ecoa a trajetória de todos os povos que passaram a se auto identificar como Waiwai. Nossas raízes, como os cipós entrelaçados na floresta, tecem uma identidade que não se limita a um só caminho. Assim como a terra acolhe múltiplas formas de vida e o rio se refaz a cada curva, ser Waiwai é habitar a pluralidade, dançando no fluxo contínuo da palavra e do tempo.

Neste livro, entendemos que quando os missionários traçaram os primeiros signos da escrita Waiwai, não somente esculpiram um sistema gráfico, mas entrelaçaram novas raízes em uma ideia de identidade compartilhada. Assim como o rio não é o mesmo a cada instante, uma língua e povo falante nascem em fluxo, moldados por ventos internos e externos, pelo encontro de tempos e histórias.

Mehxan anarí yana komo mohtoponho nasí apepen wara mohtoponho comota ceka, kaan karitan yih̄tinōne komo paranakaru komo, ñexamro ñehce takroso cehcanhokacho komo karita ñexpe on wara kmewreson me kacho, ñexamro xatkñe tapota poko ehcanhokaxapu komo ero ke ewka yakro xatkeñe. kayaritomo kañpanxan narakñe takî mĩmo yaka yakayaka pona. Ero ke paranakaru komo takî Waiwai tapotarí mewrekñe on wara ñexpe hami kacho marha niratkeñe, ero wa ehtoponho nasí roowo cukmano pona capi kaxapu wara, tapota ñehxe ceipu exihra toopu wara, torowo yarin̄ntopo wara makî xakñe, merpora tariñem wara ahce waso na kacho mera ro makî, tupurtaxmu wara xa marha mĩmo yawno wa. Tapota tho inare niratkeñe on wara ñexpe kmewreso kacho me, torowo tamu nirasí, ero wa xa marha niratkeñe tapota yih̄tinopun̄nh̄r̄i rma.

Waiwai yaro mewretopo nasí kapayo pĩtho wa, namenmekyasí, on wara marha makî ñexpe kesí marha. Ero wa ehtopo ñehxe on wara makî ñexpe cewñan wara kacho wa. Ero nasí anarí yana komo yamorí narĩr̄i wara kwe, kupun karit̄i pore see kacho wara nasí merponop̄in tapota poko. Merpora tapota yarono t̄intapotaxmu anarmerpaso ero re yat̄i nixan̄i rma tapota. Ero nasí t̄iht̄inoso caribe kacho me. Ero wa xa marha nasí anarí tapota yat̄i mawayana, ero yepamr̄i nasí aruak, tapota xa marha nasí ciiso hara, ero wa ehtopo nasí onokena komo yesamatho wara comota cere nasí ero wa. Apihtopo wara so ciki. Yintapotarí komo takî nasí eepu wa, eepu ñeseporasí anarí eepu yakro, ñecirasí takî yaxan me hara ero wa xa marha nasí tooto komo yesamarí comota pore etaritopo komo, anarme nhe takî. Tapura mewrexapu takî nasí ceipu ahsinme, karpe tooto komo yehtopo nirasí cetarisom wara.

Waiwai yana me kehtopo xa nasí t̄intapotaxmu me kehtopo yenpoñe me,roowo pore cetarison wara, erewsí t̄imñe me kehtopo wara, ero re ocowo ke keses̄isom wara marha, ero wa ehtopo nirasí etimere no me ahnoro, eepu ñeseporasí inare narĩro me takî neciras hara ero wa xa marha nasí ehtpo. Waiwai komo cewruson wara ñehxe eepu kway no wa, tapota ñesencesí anarmerpa so mĩmo yawso, weewe yarí manasí emapona et̄ihkanme ro mak ocowo yaperke, xirko nakih̄cesí cesamarí kapu pore, tapota ceratiron wara ñetaknamesí marha takî anarme hara. Ero ke t̄iht̄inoyasí takî exihra nasí tapota mehxiñro xa yat̄ir̄i, ero ke ahnoro tapota komo m̄ikro tooto yakroro no way makî k̄imtapotarí komo há.

Tapota m̄ikro comota waray comota nasí emapona ñexan̄iresí, eperĩr̄i yesentopo ocowo narĩtho komo anarirpa so pona. Waiwai komo takî oroto mewrexe tapota karaywa yeniñe komo takî, eepu ñeseporasí narí eepu yakro yaxan me takî ñecirasí hara ero wa xa marha. Ero wa ehtopo exirke anarme so takî nasí tapota, xerew yana komo tapotachonho t̄iĩ kamexpoce, ȳimtapotachonho komo, pahxa xakñe ȳimtapotarĩro komo, oroto takî t̄itkeñarí wara nasí weewe yarí cepirkaxmu wara marha. Wara rma tapota tko m̄ikro toopu waray p̄in, tapota mewretopo marha on wara makî ñexpe kacho mera.

Wekat̄inyasí oyehtopo rma enpotopo me awyaso, yememe mawayana xikri ow̄i, anarí tapota yaro t̄intapotaxmu aruak kacho, apapa takî hixkariyana tapotarí yepamr̄i caribe kacho. Oyehtono ñempesí ahnoro tooto yana yehtopo marha, oroto takî Waiwai yana owi kesí, wara rma amna yehtopo tko nasí hara xixinat̄i ñekaramiyasí comota chew ero wa xa marha. Amna yehtopo hara anarirpa yana ke ceseskmaxi cewñe yana makî exihra. Ero wa xa marha nasí roowo hara ahce na komo yeken me eepu komo naxe cekunxi. Waiwai me kehtopo nasí ewto po kehtopo yakeno chew yake kman̄insom wara xa t̄intapotarí yaro t̄intapotaxmu me kaamo poko ro ro.



Renan Torico

Pensar a língua Waiwai na escola é como acender o fogo na casa coletiva: um gesto de cuidado que aquece memórias e ilumina futuros. Como os múltiplos cantos dos *torowo* (pássaros) e o sussurro das árvores, a fala Waiwai se desdobra em variações, e sua escrita não deve silenciar sua fluidez. A oralidade segue viva, como o vento que espalha as sementes da palavra, sem se prender às margens do papel. E essa fluidez se reflete nas variações linguísticas do Waiwai, onde diferentes palavras carregam os traços do tempo e dos encontros entre povos. Enquanto alguns dizem *Kwaro* para papagaio, outros chamam de *Waaro*; o tucano pode ser *Kyakwe* ou *Yakwe*; a banana pode ser *Tuxkma* ou *Tuxma*. Até palavras cotidianas como *Kamisa* e *Kamesa* para calção curto mostram como a língua Waiwai se molda ao tempo, às histórias e às vozes de seu povo.

Refletir sobre essa relação é um chamado para todos — jovens e anciãos, pais e aprendizes, falantes ou não — a compreender a língua como elemento vivo da cultura, em perpétua transformação, caminhando, como as pessoas, na dança infinita da vida.

E você, que caminha sob o mesmo céu e respira o mesmo ar, que diferenças percebe entre a língua Waiwai escrita e a falada? O que faz em seu dia a dia para alimentar essa língua, como se alimenta o fogo da aldeia, para respeitá-la como se respeita a terra e para sentir orgulho dela como se sente do próprio nome?

On karita cixapu, amna ñenasî kaan karintan poko yihcanhokañe komo niritho Waiwai tapotarî poko, on wara ñexpe Waiwai yaro mewretoपो kacho, ero cixapu takî tko nasî ahce na cere toxapu wara ro makî, karayawa yehtopo yaw takî ehtopo, eepu nasî ero wa xa marha, ero re yihtînopura ro makî tasî tuuna eepu kwawno, ero wa xa marha nasî hara tooto mtapotarî cewrusom wara, ocowo nowyasî yawnonho yinkai takî nirasî hara, ero wa nasî pahxa ehtponhîrî komo.

Waiwai mtapotarî tîhtîsonsom me cexpore nasî sku yaw, ero citopo rma nasî wehto potuhtoñe wara xa ahnoro mîin yaw, pokupoku kañe wara nasî ñexpe rma tapota kacho poko, pahxa ehtoponhîrî komo poko marha, potow kañe wara nirasî pahxarono yehtopo, torowo merpora kokwaxe ero wa xa marha, weewe komo nupurwasî xa, Waiwai mtapotarî yaro nasî etacitopo anarmerpa so, ero wa mewretoपो nasî ero yawro kmeuwresom me, tapota yaro yimtapotacho komo nasî ehcamnopura ka, ocowo pahyasî comota yeperî ero wa xa marha nasî tapota. Tapota kraî wara exihra karita pona, ero wa ehtopo nasî Waiwai mtapotarî yaw, ero wa tapota yehtopo nasî mehxo, tooto yentoponho nixaro. Anarî komo ketu on wara: kwaro ketu waaro yetacitopo, anarî komo takî ketu hara waaro, ero wa xa marha kexe kyawe, anarî komo ketu yakwe kexe hara, tuxkma, tuxma, taa, orotono mero takî kamisa, kamesa, kexe kamisa poko, ero wara nasî Waiwai mtapotarî, Kaamo pokoro anarmerpa nasî tooto komo tapotarî.

A língua não é somente um meio de comunicação; ela é a alma do coletivo, o fio invisível que tece cultura, memória e pertencimento. Mais do que refletir um modo de vida, a língua molda - desenha as relações, organiza os pensamentos, dá forma à maneira como se percebe o mundo. Nos contextos indígenas, ela é também um sopro ancestral, carregando os ensinamentos dos antigos e mantendo vivos os laços entre as gerações. Como o rio que liga a nascente ao oceano, a língua conecta passado, presente e futuro em um fluxo contínuo de adaptação e resistência.

Os *karaywa* (não indígenas) enxergam a identidade como algo fixo, que define um “povo” ou uma “nação”, mas essa ideia nunca fez parte da maneira como os povos indígenas na América organizam suas vidas. Para nós, o pertencimento a um coletivo não é nada dado, mas um caminho construído no encontro com os outros, na troca, na diferença. A antropologia já mostrou que a chamada “identidade étnica” não nasce isolada, mas surge como uma resposta às relações com o mundo externo, especialmente à necessidade de reconhecimento diante do Estado brasileiro. É por isso que entendemos que identidade não é algo rígido, mas um movimento, um fluxo moldado pelos desafios da história e pelas tramas que unem diferentes coletivos humanos.

Por isso, queremos mostrar que a língua de um povo é como um rio: molda-se ao curso dos encontros, escava novos caminhos e jamais permanece imóvel. Assim também é a identidade — viva, mutável, entrelaçada às relações e ao tempo. Não podemos pensar a língua como algo fixo, nem reduzir a identidade Waiwai a uma ideia de povo puro e imutável. Cultura, língua e pertencimento são como a floresta e suas águas: movem-se sem cessar, recriando-se na dança entre passado e presente, tradição e transformação.

Diante deste entendimento que temos da língua que hoje os Waiwai falam e escrevem, vamos estabelecer algumas regras para que neste livro a gente possa ter uma padronização das palavras escritas. Porém, como já informamos, não queremos fazer desta padronização uma gramática para dizer o que é certo e o que é errado nos modos de escrever Waiwai...

Com gratidão às gerações futuras, honrando os ancestrais e os que virão, por uma língua viva como a floresta, que as palavras voem livres como os pássaros. Com amor e respeito às raízes.

Anarcindo Onesimu Wai Wai  
Carlos Machado Dias Jr.  
Danielli Neves Matias Santos

Ero wa ehtopo poko kesehtinotopo nasí ahnoro yanihtopo kaŕpanxan, pooco, rikomo yîn,cehcanhokaxmu, tîntapotaxmu, anarkomo yîntapotan komo me ro, tapota yentatopo poko, tooto yehtopo, anarme nhe, tooto cetarison wara, miyaroro kmanînsom wara há.

Amaro takî metarasî ero re kapusmun pore, mesehsasî ero re tho ocowo ke, anarme censo Waiwai tapota mewreto wara? Ero wa nasî tapota emapona yaw yîntapotacho wehto ewto pono wara. Okio kañe wa, okio tîtkesî roowo poko, osotî poko mero há? Tapota mîkro kîmtapotacho pîn makî, ero marha mîkro kekatî komo way enîhnî kehtoporo yaw so kehtopo way, pahxa pen komo yîhtinotopo, ehtoporo komo, ero wa kesehtinotopo kehtopo poko. Kesehtinotopo yakîhtotopo wara, iitore yîhtinotopo wara marha ahce na komo roowo pore yentopo poko. tooto komo anaryana komo yehtopo nasî puu kaxapu wara ehtoponho, pahxan pen komo yehtopo nasî cehsom wara tooto yîhcanhokacho komo ero wa ehtopo nasî ehcamnopîn me ciso. Ero rma nasî oroto ka cehsom komo yîhcanhokañe me. Eepu mokyasî eepu ymo kway ero wa xa marha nasî tapota yehtopo pahxanînhîrî, orotono me takî, nasî rma tko wa pahxaro no me marha hara.

Karaywa komo reha ñeñaxe tî way wa makî tooto komo yehtopo, ñetahcaxe marha tooto komo kacho me makî ahnorono me, taa, ero yîhtinopoto yawrorora nasî anarkomo yana komo hara cewyaro makî naxe ehtoporo komo, amna ya takî reha nasî ehtopo komo tîmîhnî makî mîkro kacho. Esama cixapu wa xa nasî anarî komo yakro, anarme ehtpo. Tooto yehtopo poko kehcamhokacho ñenpesî tooto yehtopo ro makî kesî makî, ero yipu rma tko ehtopo komo yeyuhtopo wa nirasî tooto komo yehtopo yekatîntopo Brasil rowon pono komo yehtopo há. Taa, censî takî tooto yehtopo ro mîkro on wara makî ñexpe kacho mera. Mehxa pahxa ehtoponho ñexaro nasî tooto komo yehtopo há.

Ero ke amna kesî tooto taporî mîkro eepu waray makî, ñeseporas eepu anarme tko exihra nasî, ero re merma nasî hara, ero wa xa mraha nasî tooto yehtopo ro, nasî makî wa há, tooto yehtopo yecenarî, esehtinopura cexpore nasî tapota poko tî way makî mîkro kacho poko, Waiwai yehtopo marha wahrarera cexpore nasî, ero cirihñî me nasî, Waiwai yehtopo mîkro comota way ro makî tuuna komo way xa, cetarison wa xa nasî anarîro cetakîtosom way xa há. Pahxa manîntoponhîrî orotono wara marha ehtoporo komo.

Ero wa ehtopo yîhtinofke takî Waiwai komo tapotarî mewreto poko mero, nay há on wara xa ñexpe mewreto kacho, karita cixapu yaw. on wara kacho mera tko nasî on xa nasî yawroro kacho mera pîra on reha nasî ananá kacho mera marha Waiwai mtapotarî yaro mewrecho.

Kirwanhe wîkesî oroto ka tormansom komo ya, pahxan pen komo yehtoponho poko tko okio kañe me exixe so was, Waiwai tapotarî nasî kaŕpe rma ka comota wara, cewnê so tapota tarînsom wara ahce waso na kacho mera ro makî torowo narînasî ero wa. Okio kacho poko marha mehxañiro ehtopo poko.

Anarcindo Onesimu Wai Wai  
Carlos Machado Dias Jr.  
Danielli Neves Matias Santos



Carlos Machado Dias Jr.

Taa, on wara tî xakñe pahxa ekatînxapu tko tan yarono ro makî, karaywa komo tî mokyañe yicikaso, wara rma entara thakwa tî xatkeñe, kamara picho komo pokono, ahce ano pono ta na ero yimaw cetkene, xiya hana kwe mîkî kwaw trombetas rio mapuera miyan ro makî rio cachorro, turuni iina wa xatkeñe hamî katwena komo yîhtîpîrî kwaw, ero yimaw tî mokyatkeñe karaywa komo neñatkeñe tî yihpoci tamriri so, anarme naxe kwe ketkeñe tî, ero nhîrî erasîra tî xatkeñe, ero nhîrî on xe nasî amna ketkeñe kya makî hatî mariya poko nînyatkeñe ciki hatko tî yiwya so, kiwi marha tî nînepekñe on wara aninko kacho kya makî tî, ero yinhîrî cewñe tî nîsehtînoyakñe noro hatî woñe tî xakñe noro entaxe ro makî was kwe kekñe, ero yanme tî xakwaru wekñe noñekñe tî kanaswe yarîrî, noñokñe marha tî yupun há kwe, taa, xakñe xakwaru, coropopo, pipi kañe tho, nîke marha kweyo ananimaw so kne y kache tarayî kokwatu há kwe iitore ro makî, ero tî noñekñe, yewnacutho, macikoko takî hatî, ano tî nêhxe há kwe, amñe tî cetkeñe hara kaykatko iina hara hara mepora kyam tî cetkeñe Kanawa yaw, karaywa yakro tî nîsepoce, ero yimaw takî nîencekñe makî takî hatî tî, nîsepoce yihyapanra marha tî cekñe yihyakaso, ero yimaw tî nîencekñe makî takî hatî kio, onxe was kekñe tî, ero yimaw tî nîekatînyakñe on wara twa ke kekñe tî tpoyno komo ya. Ero ke tî nîserepoketkeñe tî ero yimaw, ero nhîrî tî entan ro makî tî kay há kio yaypî witwo kio mînto ro makî awotî komo acoko, on nice iito nay aporî, iito yaypî amna nîwo, ero tî nîekatînyakñe tpoyno komo ya amñe tî nanwekyatkeñe, ahce wa enko xe entara ro makî tasî anaryana komo cheka kiwtoce, ow was ero ha anarkomo yana cheka owtoce entara ro makî, ero way wa tî xatkeñe, karaywa poko. ero yanme hat kwe, ero ke yarono tî mîkro ero wa kehtopo nîke apapa, ero yukmara tko was owî ha karaywa yentaxe was kekñe, yukamara tko was, yarono tî mîkro enxapu ro makî mîkro ero yipu tî mîkro xakawru, yaake natu há 4 na wa wetaci, xakawaru, macikoko kacho kweyo, coropo, yewnacutho ciki ero yipu komo tî noñekñe, ero tî mîkro entamexpoñe hakwe, cence hatî anar yana takî há ero wa tî xatkeñe pahxa, ero tî mîkro yarono ro makî há ero yipu komo yukmara taxe kiwyam, rikomo yotmetaw ero wa na wa nay há wikesî ero yipu kya makî wa wekatmo awyaso, ero kyam cekatînsom me cexpore nasî entatopo, ananimaw kukmaxat nukukme ero yipu ke há, ero yipu ero wa nîekatînya ero wa tukukmesî, ero yipu mak mîkro, wekatmo awya so, ero wa tî xakñe há ero nîekatînya apapa kirwantaw ero tho, ero wa tî xatkeñe pahxa, kacho kyam, yawroro tî nîence há kwe yaypî tho toce moso yme ham, yaypî tî nîence, ahce kacho nîence nîserepoketkeñe katwena komo ero yimaw, poritomo komo ro makî tî xatkeñe ero wa kyam apapa nîekatînya ero yipu tî mîkro ero wa yukmara tko taxe kiwyam, wikesî mak, ero yipu na entaxe mehcow xamen. Ero ke cexpore kyam ero yipu toñetaw ahce yuñuthîrî, kanaswe yarîthîrî kacho makî xa wences, ahce wa so na wa toñe há, wences kya makî tapota yuhnaka tî toñe ero yimaw takî kahxi cika takî tî cence yimtapotathîrî kacho kya makî wences, ananimaw cemaroncetu ketu ta makî na wa wikesî kya makî, noro makî xat ero wa noñekñe makî xatî, kanaswe yarîrî, yuñuthîrî komo ahce wa ta wa xakñe, nîentay hatî kwe, nencekñe makî hat entsentan, ciki yana marha tî mîkro xakñe entan ro makî yimtapotarî, nence hatî ero yipu komo ciki yana tî mîkro xakñe ananá yimtapotarî cehsom ro makî, ero wa cesehtînosom hatî piiku tî mîkro xakñe noro yosotî.



Silvane Wai Wai

Fernandinho Oliveira de Souza Wai wai

Material complementar: acesse aqui vídeos de drone da aldeia Jatapuzinho.





# Histórias



Carlos Machado Dias Jr.

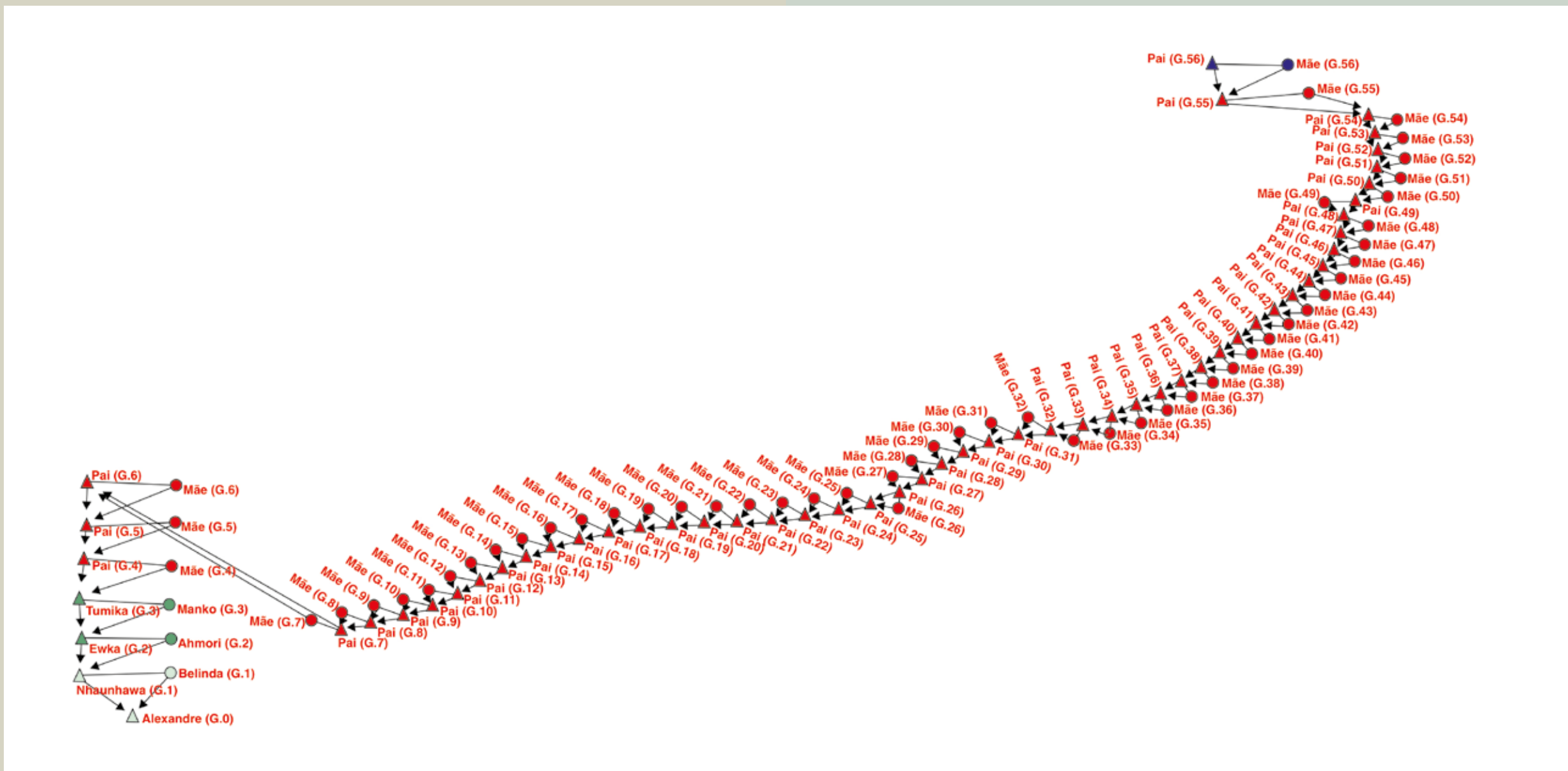
# Yehtopo



Carlos Machado Dias Jr.

# 1. Histórias de lugares, pessoas e grupos

# 1. Tooto komo yeken yehtopo



História genealógica e antropologia Waiwai: quatro gerações a partir de Alexandre até a antiga casa coletiva de Yaka-Yaka, entrelaçando relatos de vida e mitos que remontam aos ancestrais. Imagem produzida no PAJECK.

Quando os antropólogos começam um trabalho sobre a história de um povo, uma das ferramentas mais importantes que usamos é o mapeamento genealógico. Isso quer dizer que escutamos uma pessoa contar sobre seus pais, seus avós, seus bisavôs... até onde ela puder lembrar. Cada geração é contada como tendo, em média, 25 anos de diferença. Assim, conseguimos organizar uma linha do tempo, unindo nomes de pessoas e as histórias vividas com elas ou contadas sobre elas.

Com isso, mesmo que não se lembre de tudo, a pessoa que conta nos ajuda a lembrar de muitos outros que vieram antes. A genealogia nos ajuda a ver como uma aldeia se formou, como as famílias foram se conectando, como os filhos e netos de alguém continuam vivendo hoje. Também usamos outra ferramenta

On wara men naxe antropólogos komo cetapickacho yihciyatu anarí yana komo yehtopo poko, noro meuresí tapota mko pahxan pen komo yehtopo orotono komo yehtopo poko marha, ero ke on wara nexaro nihciyaxe tapota mko centapore nasí kîim komo yai, kpocon komo yai, kîimî yîm yai marha centapore nasí ero yîhtînotome kîuya. Kehtopo komo marha nasí kirwantau xa entara tasí kîim komo yai anarimau 25 cimnipu waso kexitau mak anarimauso kpakaxmu wara tasí kesereparke tooto komo yosoti poko ehtoponhiri komo poko marha.

chamada **trajetória de vida**, que permite escutar com mais atenção as escolhas, mudanças e caminhos que uma pessoa viveu — onde nasceu, com quem se casou, onde morou, como aprendeu o que sabe.

Mas nem sempre conseguimos lembrar de todas as gerações passadas. Às vezes o tempo é tão antigo que já não há mais nomes. Mesmo assim, há histórias que atravessam gerações e chegam até hoje. São chamadas de mitos. Para os antropólogos, os mitos são muito importantes, porque nos ensinam como os povos explicam a origem da vida, dos seres, das técnicas, dos costumes. São histórias que ajudam a entender não só o passado, mas também o presente de um povo.

Um bom exemplo aconteceu em setembro de 2024, durante uma grande reunião no malocão da comunidade Jatapuzinho. Naquele dia, o arqueólogo Waiwai Xamen apresentava os resultados da escavação no rio Jatapuzinho, mostrando as marcas nas pedras encontradas pela equipe. Ele explicou que aquelas marcas são provas de que muitas pessoas viveram ali há muito tempo, e que isso é importante porque alguns arqueólogos ainda acham que essas regiões são lugares vazios, onde ninguém vivia. Os dados da pesquisa ajudam a mostrar que isso não é verdade.

Enquanto ele falava, o professor Warxa levantou a voz lá do meio do malocão, interrompeu a fala de Xamen e disse que aquilo não era exatamente assim. Muitas daquelas marcas, segundo ele, não foram feitas por *enihni komo*, mas pelos *okoymo yana* — seres antigos e poderosos. Para comprovar, chamou a esposa do Verikiri para contar uma história conhecida por muitos: o dia em que ela pescou uma mulher *okoymo yana* em um poço em frente à comunidade do Soma. A história foi contada ali, para todos, e é um bom exemplo de como vivem e se relacionam com outros seres do lugar. Um mito, para os antropólogos, não é apenas uma história antiga contada no presente. Ele é o modo que um povo vive sua cultura, o modo como as pessoas se relacionam, pensam, entendem, falam e vivem no mundo.

Esta história contada no malocão e trazida pelo professor Warxa é mais uma vez um bom exemplo.



Xamen apresenta os resultados parciais da equipe de arqueologia na comunidade Jatapuzinho.

Carlos Machado Dias Jr.

Anarimau so rma tko yih̄t̄inopura tasí pahxan tho mexa exirke, wara rma kporitomom komo yai encetau tak re há eporataw marha tih̄t̄inoyas hara **Etaritoponhr̄i yehtopo yekatim̄topo**. Kporitomom komo naxe hara cehtoponhr̄i yekatim̄ne me hara t̄im̄i yehtoponho yekatim̄neme, tpoconinhr̄i komo yehtopo marha orotono ponaroro yaxan tooto komo yehtopo ponaroro, ero marha nas hara Cepamuth̄ir̄i tpocon, t̄icacanhiri komo, t̄im̄i pen komo yehtopo yekatim̄cho marha nas ero wara nas̄i ero poko ketapickacho kirwanhe xa entachome marha etaritoponhonhr̄i komo, eutonhr̄i komo yentacho, eurutoponhr̄i marha nas ehtoponhr̄i yekatim̄topo me, ero wara nas̄i ehtoponhiri komo yentane komo ero wara nehcamhokexe.

On wara taxe anarimau pahxan pen komo yehtopo kirwantau xa yih̄t̄inopura taxe pahxan tho komo xa há. Anarimau pahxantho me exirke euto tho komo yosot̄i, tooto pen komo yosot̄i tho mak tih̄t̄inoyaxe tooto me xa enihra thakua hakwe yih̄t̄inopura thakua taxe. Wara rma kpocon komo yai tko centapore nas noxamro netaratkene merpora mooxe so natkpetkene marha cepamr̄i komo, m̄into, m̄into waso kehtopo komo nesencesi m̄in hak̄i yehtopo nas marha tapota kehtopo komo yekatim̄topo wai tooto me etak̄itochonhr̄i komo Waiwai komo **yehtopo yekatim̄topo**. Ero xa nas antropólogo yehcamhokatopo me on wara exirke pahxan pen komo yehtopo nas kih̄camhokane me, ero Waiwai yanan komo yehtopo yekatim̄ne me, tan hamyam komo yehtopo, comota yih̄t̄inotopo, kahtopo, apohtotopo akacho komo ero waray komo nas kih̄camhokane me kehtopo yih̄t̄inotopo orotono ponaroro Waiwai komo poko.

Taa on wara nehxe setembro 2024 cimnipu po, on tapota komo yekatim̄topo xakne uumana yau Jatapuzinho po. Ero yimau Arqueólogo **Xami Waiwai** nekatim̄yakne kyam cetapickatoponhiri roowo yahtotopo poko kyam tooto kom ya, toopu kmeurem komo poko kyam roowo cheu enxapu komo nekatim̄yakne. Ero poko on wara kekne tan wa tooto komo pahxa xakne ham kwe eroke wa toopu komo nay maria yotho komo pohcukmatoponhr̄i komo pahxan hakwe kacho kyam nekatim̄yakne kporin̄inhr̄i poko ehtoponhr̄i komo hakwe kacho nekatim̄yakne. On wara t̄i ketu hake anari komo arqueólogos komo exihra ro kyam mak wa xatkene tan̄i on roowo po tooto komo apehra so marha xa thakua nay comota komo kacho marha nekatim̄yatu anar̄i komo on tak̄i cenaxe toopu komo, euto tho komo pahxan tho komo xatkene wa ham kwe tan on roowo po kacho cekatim̄yaxe tak̄i kiuyan erro xa nas pataurono cixapu tapota.

Ero yekatim̄yatatu xami Waiwai ya yohno rma kpanatanmekne **Wahxa** nawonyakne n̄im̄tapowakne tak̄i on wara kekne uumana yau Xami yim̄tapowatauro nih̄kocekne tapota, on wara kay, on wara wikes auya kekne, toopu mewuhtoxapu komo amaxapu komo marha toopu **okoymo yana** komo kachotho komo xa mikro ero ke thakua nay merpora eepu poko hak̄i kwe wikes mak kekne Wahxa. Ero yimau **xikin** piici nanikyak̄ne ero waray yehtopo yekatim̄so caaca m̄iiko nanikyakne ero yimau on waray nekatim̄ye an̄inso t̄i toy maxixin yaka kyam t̄i soma retkoso rma kyam t̄im̄xikr̄i yakro, ito cexitau kiiwi narmekne yukwaka ero yimau nanim̄yakne tak̄i t̄i Okoymo yana wos̄in ero waray poko nawa wahxa n̄iike há wikes mak ero ke cehsom mikro okoymo yana tuunas kwauno kekne tak̄i caaca m̄iiko uumana yau tooto komo ya. Ero rma nas kih̄camhokane me so kehtopo komo antropólogos komo ya kehtopo komo yepakane yih̄t̄inotome kiuyaso.

Ero wara xa marha nas hara mawari woxi komo yehtopo Waiwai komo nekatim̄r̄i noxamro yehtopo nas hara kyanan komo me ehxapunhr̄i komo ero nas poritomo komo nekatim̄r̄i me hara, ero wara xa marha woosam yan̄im̄tponhr̄i okoymo yana pen yehtopo nas hara, ero wara nas kporin pen komo yehtoponho, kehtopo komo marha orotono hara.

Todos sabem que uma das histórias mais antigas que os Waiwai contam, que os antropólogos chamam de mito, é a história de *Mawari* e *Woxi*. Sabemos que a história dos humanos contada pelos antigos Waiwai começou quando os dois irmãos gêmeos pescaram uma mulher que era filha da *Okoymo* e, a partir disso, os humanos passam a se multiplicar na terra. Essa história já foi contada de muitas formas e em muitos lugares, e ela continua viva na memória de muitas pessoas, mostrando como a humanidade começou, segundo a sabedoria dos antigos.

Isso é o que os antropólogos chamam de *cultura*: os modos de viver, de saber, de ensinar e de lembrar que vão passando de geração em geração. E quando os arqueólogos descobriram que, há 1400 anos, os antigos estavam fazendo *yoowu*, *kuumu*, *kwanamari* nos mesmos lugares onde hoje *Emran* tem sua roça, no *Kooso tho*, e *Kírînaw*, no *Katral*, tudo isso ganhou ainda mais força. Talvez já naquela época os antigos contavam as histórias de *Mawari* e *Woxin* que hoje ainda vivem na fala de muitos Waiwai. E naquela época, agora sabemos, se passaram 56 gerações. Agora a gente tem dois pontos de referência importante para pensar: hoje e há 1440 anos. Para entender um pouco melhor tudo isso que nos deixou muito animados e felizes, trazemos mais um exemplo, a partir da genealogia e da história de vida de *Kírînaw*, conduzida pelo antropólogo Alexandre.

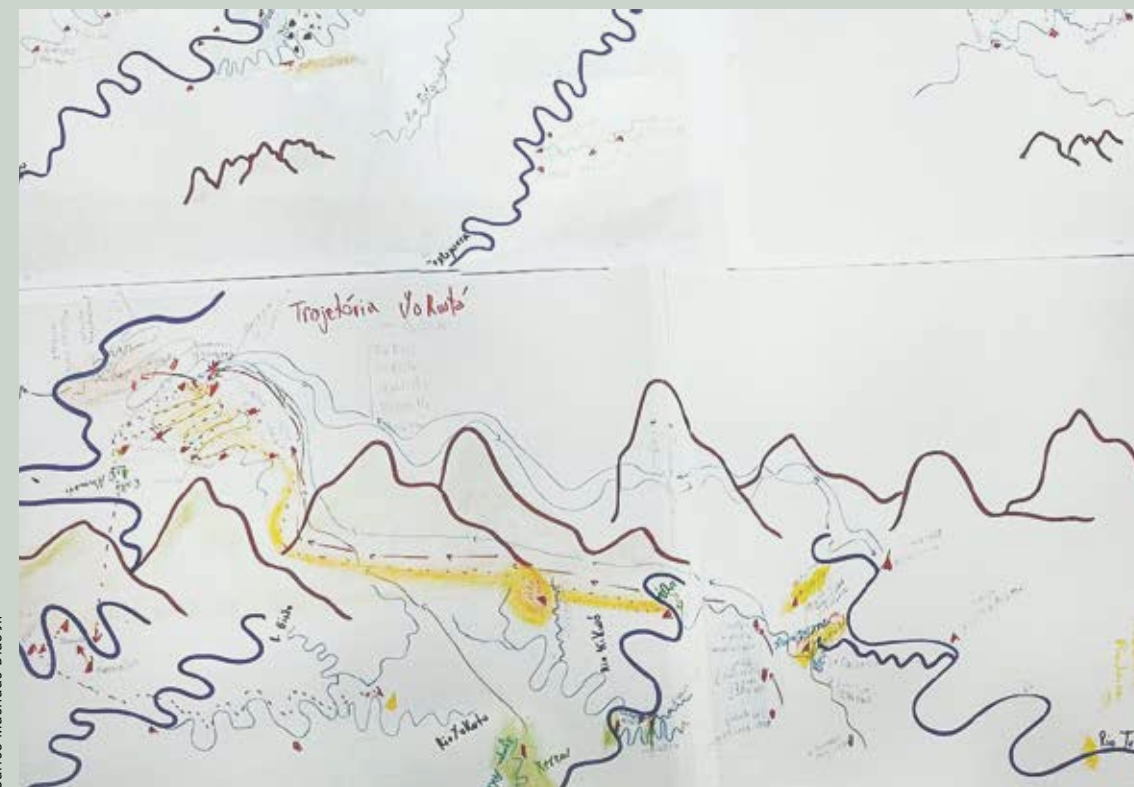
*Kírînaw* é o filho mais velho de *Ewka* e se começarmos a contar a geração genealógica a partir de Alexandre, sabemos com muitos detalhes agora, através da história de vida de *Kírînaw*, quem foi seu avô *Ewka*. E sabemos também, com detalhes incríveis, quem foi o seu bisavô *Tĩixe* e sua bisavô *Mĩiko*. Se a gente for contar as gerações genealógicas a partir de Alexandre, temos muitas informações precisas, de 4 gerações: Alexandre, *Kírînaw*, *Ewka* e *Tĩixe*. E agora, com as datações que a arqueologia apresenta, sabemos que ali no *Jatapu* e *Jatapuzinho*, há pelo menos 56 gerações, pessoas estão vivendo e, de algum modo, são os parentes mais antigos dos que segue vivendo no mesmo lugar até hoje.

Por isso estamos escrevendo este livro junto com professores Waiwai para registrar essas histórias, cruzar os dados da arqueologia, da ecologia e da antropologia, e transformar tudo isso em material didático para as escolas. Porque essa é a história dos Waiwai — e ela não pode ser esquecida.

Antropologos komo ero yipu poko netahcaxe Cultutra/kiuyan re cetahcaxe **Kehtopo ro yau cehsom** me. Ero ke wa kehtopo komo poko cehcamhokexe kepamrĩ komo ya marha cektĩmyaxe kporin pen komo yehtopo, kehtopo komo marha. Enkoxe oroto arqueólogos komo nekatĩmyatu pahxan tho komo yehtopo xa takĩ há anarimau 1400 cimnipu no nenaxe ero wa nas **Yoowu tho komo, Kuumu, Kwanamari** tho roowo cheuno hakwe ero wara naxe noxamro enkoxe **Emram mararĩn** tho pono nekaywas **kooso tho** pono há ero wa xa marha nas hara **Kírĩnau** yeuton po hara **Katraw** pono pahxan pen komo yekenhĩrĩ me nas hara anarimau na mawari Woxi yepamutho komo nawa xehxa so netaratkene há yĩhtĩnopura tko taxe hakwe pahxan thon me exirke ehtopo, ero wa xa marha nas roowo yehtopo enkoxe nas oroto 1440 cimnipu po wa xatkene ham kwe pahxa ro tha maki hakwe, ero ke takĩ orotono yĩhtĩnoyatau, pahxan pen komo yakro takha merpora ro tak mak wa xatkene tan ham kwe oroto ponaroro.

Enkoxe kírĩnau nas há Ewka mumutho potuthĩrĩ me nasĩ há, taa anarimau tak hara Alexandre toxaro yukuknometau takĩ hara tĩhtĩnoyaxe tak hara kírĩnau ekatĩmrĩ tak hara enĩrke marha kíuya so ero wara xa marha ehtoponhĩrĩ cekatĩmyas há kpoyeno komo yehtopo enixe kexitau há, onkoxe nas Alexandre pooconĩnhĩrĩ komo Tĩixe pen Mĩiko pen marha ero tho yekatĩmyatau hara nexamro toxaro tĩhtĩnosom me nas há erro yipu komo yukuknomane marha mikro arqueólogos komo cimnipu tĩmne komo, enkoxe jatapu tho poyeno ekatĩmxe kexitau cekatĩmyas há Jatapuzinho ponaroro pahxan tho komo hakwe.

Ero ke wa amna meures karita yahcono yaka ciisom me kpanatamnekne komo entome marha, ehtoponhĩrĩ komo arqueologias nekyasĩ, ecologia antropologia ero wara nekyaxe karita yaka kmeuresom me ehtome. ero wara nas **yĩhcamnopua kehtopo komo yehtome**.



Carlos Machado Dias Jr.

Desenho da trajetória de vida do velho Yakuta, produzido na comunidade do Xaari.



A ero yinhîrî tî oito yakenon xatkeñe, ero yinhîrî takî tî netimcetkeñe mixam wayama, yukuma caramca, kurumu, macarwe, caramca, yakuta, cekema, muruku ewka, ñetintoce xatkeñe rma anarikomo há woosam komo cihyiso tî cetkeñe anana efpoymo poi ana yakayaka pona. Ta ero yinhîrî takî tî ñetapace titwayitikexe kwe ketkeñe tî. Taa ero yimaw takî tî cekñe ewka yakayaka pona. Ta ero yinhîrî takî iito niratkeñe kayaritomo me yukuma macarwe. Taa yukuma tka kayaritomo mera kati xakñe Taa ero yinhîrî tî ñetinomye akri pen takî tî efpoymo po rma parawancetkeñe ero yimaw wayihye akri pen. Ta ero yimaw oito yakenon komo nice yukuma kayaritomo me. ero yimaw tko tî ixera xatkeñe hara on warai poyero nuwunwañe tî ero yipu poyero tî Anari takî ñiratkeñe. Yukuma pen yemtakan hara, ewka takî ñiratkeñe hara há karpaxan me exitaw ro makî ewka amoro xa esko ketkeñe tî yiwya. Taa ero yimaw takî ñekyatkeñe wapichana yana komo yakayaka pona takî há, ero yimaw ñetahcatkñe wapichana komo yakayaka pono komo yukwari yana me tî ñetahcatkeñe Waiwai kacho tî mikro wapichana komo ya. Taa ero yinhîrî takî xakñe pahxa xeere kaxiimo po mararîn komo há xeere ñiyanyatkeñe sarapu mararîni po há kahxiymo tî itonoro tko xakñe sarapu comota cewno ro há, ahnoro makî tî wa xakñe há comota cewno komo há tuxkma komo naapi komo sarapu ero warai komo xakñe, kiricici po twa xakñe ero wai komo. Taa mararîmnî komo tko tî nahtîtkne maaña, xeere me ciisom hatî weewe micim. Kikwo kwaw marha txakñe ha mapuera kwaw xerew komo yaw, katwena komo yaw marha pahxa ha.

## MEMÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES CONTADAS POR KÍRINAW DEZEMBRO DE 2023

Poowa ewka yepeka yakuta ewka yakno ero wara tî xakñe Ewka yakno komo.

Kiirîñaw petamaru atwicaki nay amxikri komo? Yaake hakwe 10 yakenon 7 kîrî 03 takî woosam komo há, yihcirme ka ciparawa, cuuru, kîrîici, amiyasa, ciaku, Jeremias, sida, vanilza, moises e Irene, waihye takî cewñe há 11 nhîrî takî hakwe.



Justino Sarmento Rezende

Kiirîñaw relata passagens de sua trajetória de vida para a equipe de antropologia.

Ta on warai takî entaxe was hara ahyai kîrîñaw, enkoxe ahto wa newruyakñe mîkî ewka yîimî pen komo há? , ahto newruyakñe ewka? , ahna takî cekñe porinme cexitau? ahto wa mixatkeñe yihcirme ha? Ahce pînînke wa micetkeñe iina há miya kiricici pona miya há kayana ponaroro há? Ahcewa takî mencetkeñe kaan yehtopo, kaan yehtopo mokyakñe ahyaka so? ahce wa onoke nihciyakñe ero yipu komo, onoke yihcirme nahsiyakñe kaan xikrî me cehtopo wara makî xakñe ceypu kat xakñe kwe ero yipu komo ahsîpinkacho ero wai komo kyam entaxe was. Taa ahto takî mewruye amoro hara wikes awya?

Apapa pen ewka ñewruyakñe moroto hakwe kikwo kwaw ñewruyakñe ezequibo kwaw, iito tî xakñe aporî apenerî há kikwo yaporî rma kyam ero kwaw twa xatkeñe apapa pen komo yewton iito marha twa xatkeñe yîm pen komo há, yîson marha xakñe iito há yake tî xatkeñe iito há, ayha tî, ero yimaw twa wayihyakñe thakwa há yîimîn hara apapa yîimîn ho wayihyakñe, waipuche takî tî apapan pen yinocwan kyam makî tî xakñe pormamnoñe me ayha, nhnk. Ero ke tî pormamyakñe

iito kyam hatî, wahra ka xakñe iito exitaw wayihyakñe yîm pen há kiricitho po há. Kiricici po twa Ewka ñewruyakñe apapa pen há ewka yîmñi nhîrî hatî iito tî xakñe há kiricici tho po há ero poi takî tî cetkeñe kamuxpa pona iito takî tî pormanyakñe há kicicme marha tî xatkeñe tooto komo yixera tî xatkeñe etapaxe wayihkaxe wa makî hatî ero yinhîrî tî kamuxpa pona cetkeñe, porinme nhe exitaw takî tî cetkeñe hara, cekñe anarî pona hara iritîwî tho pona hara iito takî tî pormanyakñe kaŕpamxan me cehsoro há.



Carlos Machado Dias Jr.

Kîrîñaw relata passagens de sua trajetória de vida para a equipe de antropologia.

Onoke yewton tho mîkro xakñe kamuxpa? Onoke yewton tho na mîkro xakñe há camki marha makî tko was há iina makî tko cekñe ewto pona há kamuxpa pona há. Kuumu tho poy twa mokyatkeñe? Pîra xehxa ka twa cetkeñe há miya cetkeñe, iito tka wa xatkeñe kamuxpa po, kamuxpa poi twa cetkeñe iritîwî pona, iito takî tî kaŕpamxan me xakñe porin me takî tî xakñe apapa pen há. ero yinhîrî takî tî cekñe eñexa hara kuumuwo kwaka takî hatî, iito nay kahxiymo ewto, ahto wa nay kahxiymo? kumuwo kwaw takî ha anarî kwaw takî há mapuera kwaw rakataw (Ixamna takî há). Aporî mîkro xakñe kamuxpa? aporî apeñerî tî mîkro osotî xakñe kikwo yaporî rma. Ahcewa kacho tî apeñerî? Aape pen tî xakñe merpora comota chewno naatî tî mîkro xakñe apeñerî mîkro kikwo yaporî rma. Kikwo marha nihce jatapu yepu pona marha, kamuxpa takî mîkro ewto hara kikwo yaporî rma, apeñerî po twa xakñe kamuxpa há, ero kwaw tî xakñe ewto yaake há. (Kiricici, Kamuxpa, Iritîwî). Eñexa takî tî cetkeñe Iritîwî poy kahxiymo pona takî mapuera kwaka takî hara tî, iito xakñe há mîkî pen komo yewton tho há onoke tko xakñe xapowrî, Mapoño pen komo mewxa, yihtan pen marha pocco pen komo yewton tho. Onoke yana komo twa xatkeñe iito ero ewto po há? Waiwai komo rma kyam makî tî mîkyan xatkeñe, atwicakî twa xatkeñe tan há ewto po? merpora twa

xatkeñe yaake makî hatî yaro kwe. Nhnk ewto takî makî mîkro xakñe hakwe yaake tî xatkeñe pocco pen komo há mapoño kurum pen yaake hakwe, xapowrî, onoke mîkro xakñe kuurumu? pocco pen yememe yîmñi nhîrî há ahmori yîm pen há, iito twa xakñe ahmori pen há toci pen marha kahxiymo po. Ahce takî nay kahxiymo pona miya takî há? Taa kahxiymo pona takî tî tapota xakñe iito yawaka tî xakñe tî iito, ñekyatkeñe tî mehxa ezequibo kway mokyatkeñe kanawa yaw ñhpore xa hara iito takî tî ñekaimekñe yawaka tî nay iito, pururi marha, kacipara, tenene, eŕpo, kiricici, iito xa nay kre tan cesemetanmekyaxe kwe ketkeñe twa ero ke cetkeñe takî tî, kaikatko iina ñhpore, iito tî xakñe ewto hara rakataw ewto há tupuna yewton takî hatî kahri tî osotî, ahto takî há? Mapuera pîtho yaw há kanahtaw nhe há kahxiymo kwaw ka tihces kanawa yaw, ñhpore takî kihcesî kahri tho takî iito nay hara tuuna marha nay iito há aporî há. Ahtono yaporî há, ero hatî orkowo yaporî há ero wa nay osotî ero rma tko mîkro há osotî kyam makî tî xakñe erowa. Ahto wa ñewruyakñe tiixe yîm pen há? Mihtinoya nhe ero yipu? Pîra takî há kwe, noro pen makî tî xakñe iito há tîixe pen há, tîixe yîm pen takî yihtinopura was hakwe, ahto wa xakñe tîixe pen kiricici po. On hara tî ahtoxa wa mokyatkeñe hake, ñesawnukyatekñe ka twa, tan makî kat xatkeñe on roowo pore. Anarî komo nawa xatkeñe tan há, xerew komo makî twa xatkeñe uuma. Mîkî tî xatkeñe hake wekatimyas kirwantaw xatkeñe twa karapawyana komo, parikwoto komo marha hatî, kiwyan hatî parikwoto há, waapa me tî xatkeñe karapawyana komo parikwoto komo marha hatî, ero ke tî ñetarmetkeñe, ero yanme takî tî cetkeñe miya apapa pen komo kmarañi komo nametkeñe kamuxpa pona, kiiricici tho pona miya makî tî cetkeñe kirwan komo makî tî ñesemeñeketkeñe ayha tî, iito twa xatkeñe karapawyana waapa komo cewyaro. Xiya takî há kwe kikwo kwaw xiya rma hatî kaparaw há tuuna xiyan kwaw takî há, xiya kmohsom, ero wa exirke so tî ñeraswatkeñe ero ke miiya makî cetkeñe. Por isso que ewka já sabia onde estavam os karapawyana, os xerew chegavam para visitar fazer festas com os parikwoto aqui para cima? Taa, on wara hara xiya mokuhra mixatkeñe ham uuman wece, mesawnukyatekñe makî ham yaasî kporin pen komo, mokyatkeñe rma tî xerew komo hara mapuera kwaw mînto akari kacho ero kwaw tî xatkeñe xerew komo, cetkeñe hatko yihyaka so há? Ahce wece so kyam cetkeñe há yihyaka so, Warawantaxe, Manîmso, emyawno xe ciki twa xatkeñe woosam komo marha twa naratkeñe cipici komo yahsiche cipici komo kici hatî, cipici komo xe ciki twa xatkeñe, enko xe poxwe ro makî cencesî ero tî nay iito emyawno ketaw ero ciki twa ñencetkeñe ero twa kaikatko enso ketkeñe. Taa on hara onoke twa narakñe tapota yihyakaso iito tî nay pururi komo, onoke yai mencetke? Mîkî yai caari pen cekñe wapichana narakñe emyawno pen kahxapu pona krapa wai komo pona kahxiymo pona hakwe, ahto xa cekñe kwe, iitoxa tuuna kwari xakñe esama on wara nay hake, mapuera xiya nay tawomyas ñhpore ezequibo pona takî há três kaamo tihces hakwe esama yaw há. Taa kirwanhe. (Parceiros de troca - Warawan). Ero poyeno ahna takî aano ñire caari há kahxiymo poy há? kahxiymo poi takî twa cetkeñe eŕpoymo pona apapa pen komo há, yaake twa cetkeñe há merpora tooto komo cetkeñe, yichewso marha tî cetkene xerew komo mîkî osotî woskmari yîm pen wehwe pen marha, Waiwai komo yakro cekñe cihye parikwoto wosîm yakrono há, kokonorono kyam makî mîkro Wapichana yaino makî yukwari yahrike kiwyo, yukwari yokñe, eŕpoymo po takî tî nametkeñe ewto anarî guiana po takî hatî ezequibo po takî há. Caari twa nihciyakñe warantacho yenpoñe me há yihcirme missionários komo potworono tan ehtopo komo mokuhra exitawso haka. Eŕpoymo ketu twa ahcewa exirke nosohcetkene? On wara tî, okoimo twa pakekñe maxixin yaw on waray to tî pakekñe kyo potou kekñe tî kanaswe eŕpo wa, okyo eŕpoymo wa xa kio ketkeñe tî, ero ke tî eŕpoymo me nosohcetkeñe. Trajetória de Ewka e Kîrîñaw. On hara atwicakî xakñe ewka eŕpoymo pona cetawso há, kaŕpanxan rma haka, pehwe pen makî ka xakñe kayaritomo me woskmari yîm pen há. Kaŕpanxan rma ka mîkro xakñe ewka cihye takî xakñe ewka ahmori yakro. Xerew mîkro

xakñe yikayaritomon komo me ha? Yaaro kwe. nhnk ero ke iina takí ñepamatkeñe xerew komo há kayaritomo me exirke poyeno komo. Taa on wara exirke marha tí kirwanhe tí mararí komo ñeñakñe, tooto xe xakñe kirwanhe, ero yimaw takí tí wayihkekñe akri pehwe pen iito kayaritomo me exitaw, ero wara noro wayihkekñe ero ke ñetakpekeñe marha takí tí anarí komo há, yakayaka pona cekñe apapa pen ero yimaw kmararín namekne iina marha. onoke míkro akri xakñe? mawayana yana tí míkro xakñe akri pen ceremkem hatí. Taa eremu ke twa wayihkekñe há tooto pen komo, ahce poyero wa wayihkano nirakñe? pîra, kaxehra kyam makí hatí wayihkekñe tooto pen komo exíhni me cehsoro tooto komo wayihkekñe ewto efpoymo po exitawso.

Netímtoy ciki hatí (wayama,yukuma,kurumu, macarwe,caramca,yakuta,cekema, muruku cihyeso ciki hatí tímxikeye so marha). ero nhírí takí tí ñetakpache takí hatí, títwaitíkexe kwe ketkeñe tí cewyaro so kra cehcerí ketkeñe takí hatí apapa toy há yakayaka pona há, macarwe thoi há onororo kwaw há, cewñe so makí takí xatkeñe há ñetakpayakñe makí takí há waapa yanme hatí. Taa iito exitaw takí tí yakayaka po Yukuma cokorka tí xakñe kayaritomo me, etapickara tko tí xakñe há, nuwunwakñe makí hatí, wekaxi tí tanímso narakñe, yuxukreso marha tí naratkeñe, apacakrí mko apíkíra tí xakñe tanímxe makí hatí kayaritomo kaxe hatí, kayaritomo marha owha kekñe tí yiwya so, ero waso tí xakñe yukuma. efpomoimo po exitaw rma katí akri pen parawantoché wayihye twa kwa hatí noro pen efpoymo po nínomyatkeñe marha thakwa hatí ewto tho. Yakayaka po exitaw takí tí yohno makí ñehxe kayaritomo me yukuma, kanawa yaw exitaw marha tí kwei kwei kahra ñeñatkeñe tooto komo, ero wa exirke twa nowce há yukuma pen pocco pen ewka takí tí tooto komo ñekaniyatkeñe kayaritomo me ehtopo poko, amoro cmare kayaritomo me mas ketkeñe marha tí karpaxan tho ya ero yimaw twa ewka ñecirakñe yakayaka po há. Ahce cimñipu pono wa so hakwe, yihtínopura was kwe, yememe makí xakñe tarke ero yimaw. Pahkí exiche takí porin me oyexitaw iina takí kman mokyakñe yakayaka pona há, ero yimaw takí kman mokyakñe yicekaso wapichana komo ñekyatkeñe onoke komo natu iito ketkeñe tí missionário komo wapichana komo ya ero ke ñekyatkeñe Waiwai cheka Waiwai komo iito natu yukwarí yana komo ketkeñe tí “yukwarí yokñe” povo da goma ketkeñe kyam makí hatí tokuhra takí makí xakñe amna ero yimaw Waiwai ketkeñe tí yukwarí yokñe kacho tí. On wara exirke marha Waiwai komo ketkeñe xamape sonhe tí xatkeñe Waiwai komo comota chewno me exirkeso, yukwarí punke so tí xamape xeere pun wa ero wa kacho tí míkro wapichana mtapotarí yaro Waiwai ketu.

On hara xeere meñakñe pahxa wahra awexitaw, kahxiymo po awexitaw so, xakñe twa há mararí porín hatí iito twa xakñe xeere, tuxkma, paari, naapi ahnoro hatí xakñe eníhni komo chew rma ha. Taa on hara pahxa nhe takí hara kiricici, kamuxpa tho po xakñe xeere sarapu ceipurpo mararí ahnoro twa xakñe maara marha nahyatkeñe hatí mararímní komo mat twa nahyaktkeñe ero yipu há, Maaña míkro tamnoñem makí xeere way marha weewe micim makí míkro, yukwaru waray xa marha tukumtosom marha míkro há. Tan Roraima marha nay há? Pîra mapuera po makí nay, Amazonas marha, kikwo kwaw xakñe há, nhnk xakñe, xerew komo, katwena komo, mawayana komo chew marha xakñe xeere kwe ero wara makí wihtínoyas. ero wa makí oyehtopo nay xiya rma takí oroto kehtopo komo ñemahrimay oroto ponaroro.



Carlos Machado Dias Jr.

Material complementar: vídeo do Tuxawa Kirinaw contando a história da aldeia Jatapuzinho, durante a Assembleia Geral da APIW, 2024 e vídeo do Aniversário de 40 Anos da Comunidade Jatapuzinho. Escaneie o QR code para saber mais.



## 2. Histórias da argila

No ano de 2023, uma equipe de pesquisadores arqueólogos, composta por pessoas Waiwai e *karaywa*, fez levantamento de vestígios antigos nos rios Jatapuzinho e Jatapu. Durante essa pesquisa na aldeia Jatapuzinho, os pesquisadores ouviram que quando a aldeia foi fundada, as pessoas precisavam de argila para fabricação de utensílios, assim, procuraram e encontraram argila no igarapé seco. Igarapé *eřmo yewku* é o nome como hoje é conhecido esse lugar, onde as mulheres buscavam argila e aproveitavam para pegar peixe para assar. Perto de outras aldeias, como Soma, Laranjinha, Makara e Katual, as mulheres também mostraram lugares de *eřmo*. Atualmente, as mulheres mais velhas conhecem esses lugares e reconhecem que as argilas encontradas lá são boas. Talvez, quando os povos indígenas moravam nessas aldeias, antigamente, as mulheres buscavam *eřmo* nesses lugares. Isso indica que não apenas os homens conhecem seus territórios, mas também as mulheres conhecem os lugares e os materiais apropriados para o que precisam.

As capoeiras antigas, que chamamos de sítios arqueológicos, são locais de aldeias e acampamentos das pessoas que viveram no passado. Nas capoeiras antigas, encontramos muitos fragmentos de vasilhas feitas de barro (*parakwe, tahrem, eřpo, paayu, ahpa marha*). Uma coisa que buscamos entender com o projeto é se as receitas de fazer panela no passado eram muito diferentes ou parecidas com as receitas que as *caaca komo* conhecem hoje em dia. Por exemplo: o que as mulheres do passado misturavam no barro? como elas pintavam as panelas? quais desenhos colocavam? como queimavam? elas usavam os mesmos lugares conhecidos hoje para buscar barro ou conheciam outros lugares?

O mapa apresenta a localização dos lugares de argila, segundo as mulheres ceramistas (págs: 68 e 69).

As mulheres artesãs usam argila para fazer muitos utensílios, como o *parakwe, tahrem, eřpo, paayu, ahpa marha* (vaso de beber, panela, assador de beiju, prato e concha). As argilas boas para fazer cerâmica não são encontradas nas terras altas e nem nas montanhas. Os lugares em que se encontram argilas são os igarapés e as partes que vão secando perto dos rios e lagos. As mulheres Waiwai fabricavam muita cerâmica para armazenar bebidas, para cozinhar e servir comida também. As anciãs contam histórias de que desde o tempo mais antigo, nas aldeias da Guiana, os potes grandes (*tahřem*) eram usados para armazenar os sucos nas festas, como o suco de buriti e patauá, e o pote pequeno era usado para beber o suco. Hoje em dia, as mulheres estão deixando de fazer os utensílios de argila, pois passaram a usar principalmente panelas de alumínio vindas da cidade. Mas ainda vemos alguns potes de cerâmica nas festas, onde as mulheres carregam os sucos de buriti, patauá e bacaba durante as danças.

Nós, da equipe *Kapayo*, perguntamos para muitas pessoas anciãs sobre o que elas conhecem da cerâmica e das mulheres ceramistas. Toci, Armore, Yokiri, mulheres dos povos Waiwai, foram mencionadas como pessoas da Guiana Inglesa que sabiam muito bem como fazer cerâmica. Elas aprenderam com as mulheres mais velhas do tempo delas e com o tempo ficaram muito habilidosas, faziam panelas muito boas e bonitas.

## 2. Eřmo yehtopo

Eřmo yehtopo, woomam komo kahrí me nay parakwe, tahřem, eřpo, ahpa marha. Comota po exihra nay řipí komo chewso, aporí komo yícitari mak nay, nikhtho kwaw so, wooku yen me Waiwai komo, wooto komo řiyotopo me marha nay eřmo kahxapu.

Woomam komo xatkeře kahře komo Poowa, Toci, Ahmori, Yokiri, Waiwai komo. Kahře komo yay neřatkene ham tinocwan komo yay. Wayihtíkace thakwa ahnoro kahnenhíri komo, ta eřpo me xakře, cure yaytopome.

Tahřem: wooku yen me ciisom, agosto e setembro po kahsom me nay kamo yimaw makí.

Parakwe: wooku yetopo- kesereskmacho

Paayu: keseresmatopo-prato

Ahpa: waraputuru-colher



Niels Fock, 1954

De acordo com as informações, sabe-se que existiam épocas certas para fazer cada tipo de vasilha. *Tah̄em*, por exemplo, era feita entre os meses de agosto e setembro, que é uma época boa para secar a vasilha antes de ser queimada. *Ahpa*: usado como colher.

Segundo as anciãs, para fazer *tah̄em*, que é o pote maior, primeiro, as mulheres com experiência testavam para identificar dois tipos principais de argila. Para fazer o teste tem que ir fazendo carinho no pedaço de argila. Depois de fazer carinho ela ganha a amizade da argila. O próximo passo é fazer um pote pequeno para ensinar a argila a virar pote. Uma das argilas aprendia a ser pote e não precisava de tempero. A outra, de outro tipo, para fazer os potes maiores, só aprende a ser pote se for misturada com tempero. Assim, as ceramistas experientes misturavam a argila com *kwepi ēmo* (cinza de casca de árvore jatobá) para ajudar a ensinar melhor a argila.

O processo é todo muito cuidadoso. Começa-se a fabricação pela base da vasilha e aos poucos vai levantando e alisando as paredes (aos poucos) para que a base aguarde o peso, sem quebrar. Quando as partes vão ficando prontas, as mulheres alisam com semente de inajá ou com pedras pequenas e arredondadas. Depois disso, as mulheres colocavam o que foi feito no sol para secar. Logo depois de queimar, tirando o vaso ainda muito quente das cinzas, elas passavam uma resina (*s̄ipo*) por dentro do vaso para ficar mais resistente.

As mulheres pintavam e colocavam desenhos nas cerâmicas, usavam tinta para desenhar, uma tinta preta (*yarka*). As mulheres ceramistas colocavam muitos desenhos diferentes - rabo de macaco, cachorro, guariba, munheca da cotiara (*paxki yemeknu*). Se a mulher tinha um marido bom para caçar esses animais, as esposas colocavam os representantes da caça. Se era esposa do xamã, colocava desenhos do xamanismo, por isso alguns significados eram secretos e só eles sabiam.

Assim são as histórias de *ēmo* e fabricação de *tah̄em*. Pode ser que outros conhecedores saibam mais histórias, por isso é importante continuar pesquisando e falando com as anciãs.



Claide Moraes

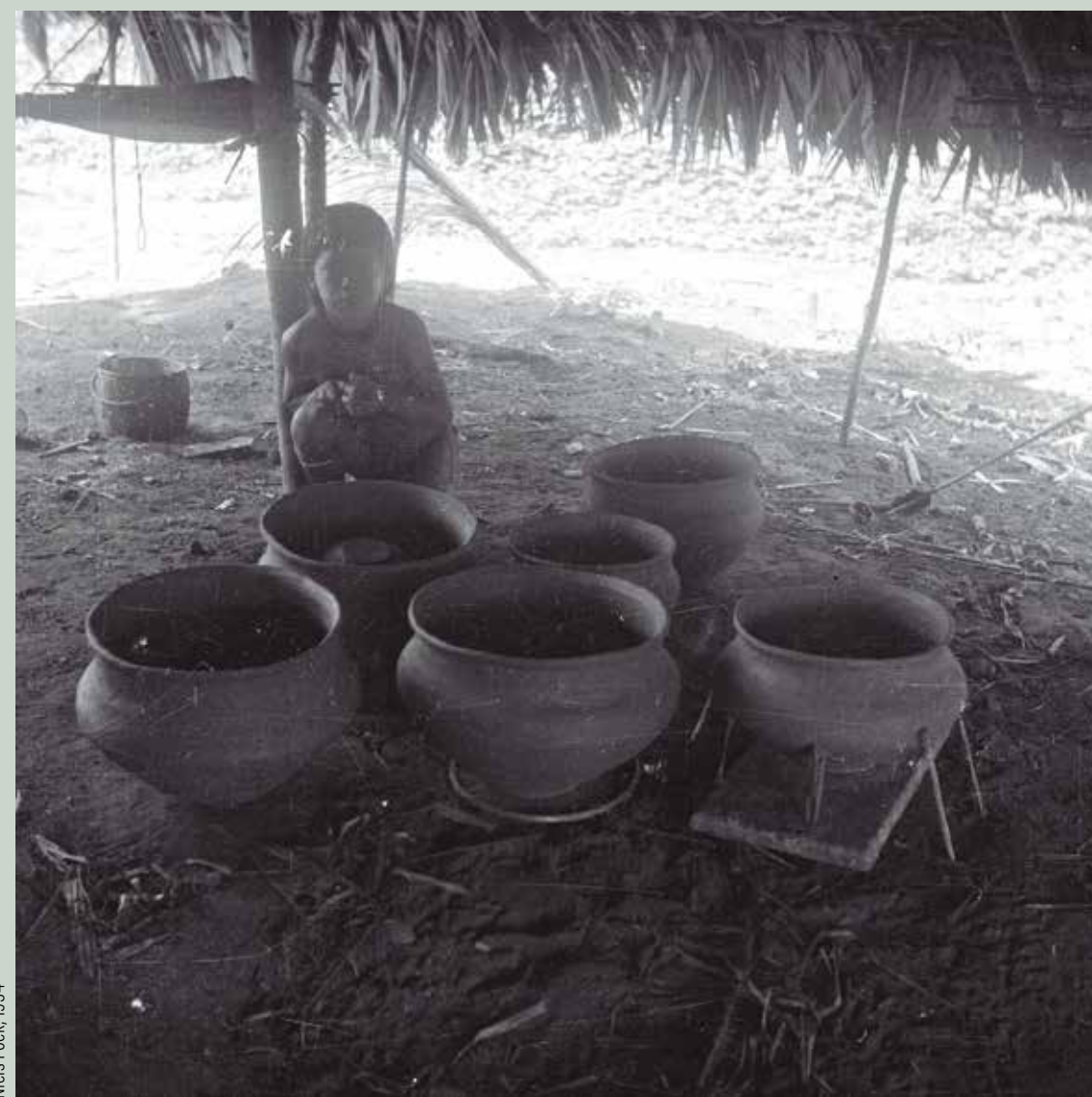
Fragmentos de cerâmica evidenciados durante a escavação na terra preta Katraw.

Porin way komo kahyataw tah̄em. Yihcirme woosam komo yih̄tinōne komo, nēnatu asak̄i nay, cesmaxkmu, on pira kacho. Taa, ero ke tah̄em me kahyataw porin komo, n̄esmetkēne kwepipi ēmo yakro. Kahyataw mapir̄i toxaro t̄ikahyas̄i, ecehtotome thaka.

Ime exitaw kahxapu, kmekmes̄resom me nay māŋpa yatho ke, tohkarara ke marha kmekmehsom ke. Kaamo cheka cirpore yuturpamtome., aknitohme. Ero wa ahkniyataw n̄eyketkēne, s̄ipoke ke. Ero way tak̄i imen mewuhcetkēne tak̄i yarka ke.

Kah̄ne me kexitaw, ero yipu komo cīŋas mewru komo, wāŋma yeknar̄i, meeku matk̄ir̄i, xapari, xipir̄i. wooto wōne komo īiño komo. Orotto nay ewtotho komo po so yih̄tinōne komo mewretho mikro há.

Ero wa nay ēmo yehtopo, tah̄em me cīisom.



Niels Fock, 1954

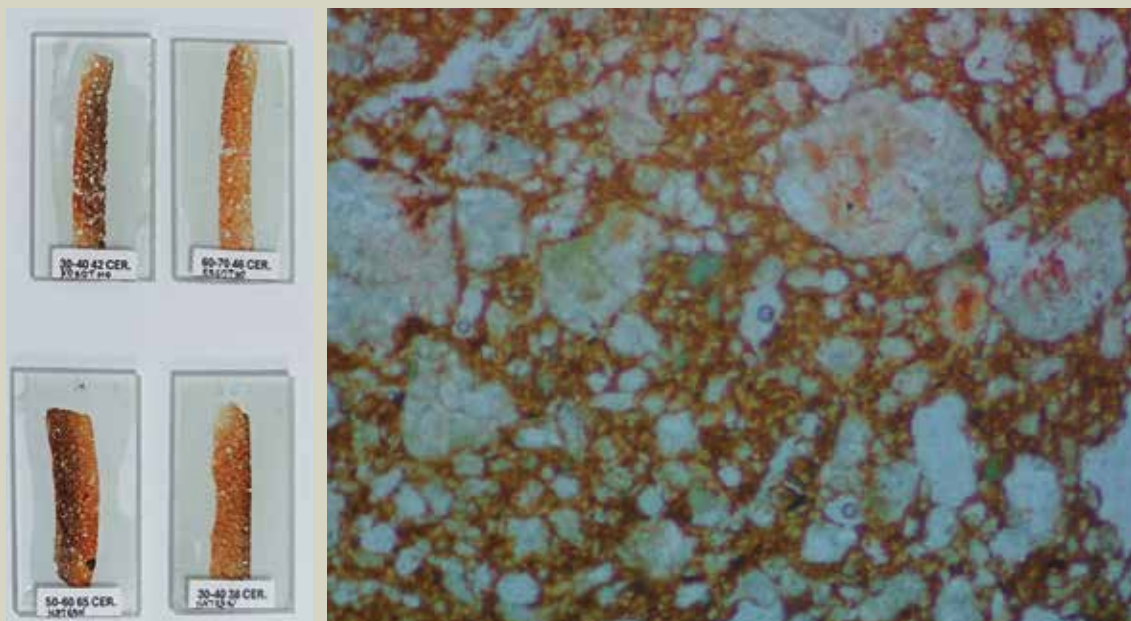
Xakwaru wara rikomo waiwai tapota yahsitopo pokono

No projeto fizemos pequenas escavações em duas capoeiras antigas. Uma é conhecida como *Koosotho*, a antiga roça do Abrão, e fica localizada na margem direita do rio Jatapuzinho, logo abaixo da comunidade Jatapuzinho. A outra capoeira é conhecida como *Katraw*, a antiga roça do Kîrînaw e Asakno, abaixo da comunidade Katual, na margem direita do rio Jatapu (perto do poço onde mora jacaré grande e perto de onde tem muito jaurizal e *poêko*). Nesses lugares, encontramos uma variedade grande de coisas feitas com argila. São pedaços de potes muito bonitos e bem feitos, mostrando que as mulheres do passado sabiam muito.



Claide Moraes

Fragmento de um parakwe com desenho na borda, encontrado durante a escavação na terra preta Katraw.



Claide Moraes

Lâminas petrográficas da cerâmica feitas no laboratório para observar quais são as misturas que existem na argila. Foto da lâmina da cerâmica vista no microscópio com aumento de 20 vezes. As partes brancas são os grãos de areia no meio da argila.



Niels Fock, 1954

Tooci fazendo instrumentos de barro. Fotos tiradas durante os primeiros contatos com os Waiwai.



Mapa mental da aldeia Samaúma com locais de argila (êrmo).



Mapa mental da aldeia Makará com locais de argila (êrmo).

Material complementar: acesse aqui fotos e mais mapas mentais.



### PROPOSTA DE ATIVIDADE: ÊRMO YEKEN

- Organize os alunos em pequenos grupos. Cada grupo será responsável por investigar os locais perto da aldeia onde há argila utilizado para fazer cerâmica (êrmo yeken).
- Com os grupos, criem mapas desenhando à mão em papel onde esses locais estão. Incentive os alunos a conversarem com pessoas mais velhas da comunidade para descobrir onde esse barro pode ser encontrado.
- Organize uma visita com os alunos até os locais identificados para observação e coleta da argila.
- Convide as mulheres ceramistas da aldeia para irem até a escola. Elas poderão ensinar as crianças a trabalhar com a argila e compartilhar histórias e significados dos utensílios e vasilhas (parakwe, tahrem, êrmo, paayu, ahpa marha).
- Com a argila coletada, os alunos, guiados pelas mulheres ceramistas, poderão produzir seus próprios utensílios e vasilhas. A atividade pode resultar em uma pequena exposição na escola.

### 3. História da terra preta

As terras pretas são as antigas aldeias e roças. Na terra preta as plantas crescem rápido e ficam grandes. Terra preta indica que esse lugar foi muito bom para fazer roça, fazer aldeia, lugar bom para plantar, pois são solos ricos em nutrientes que alimentam as plantas. Esses nutrientes se acumularam, pois os antigos cuidaram e manejaram os solos enriquecendo com os restos de seus alimentos e coisas. Nas margens dos rios Jatapu e Jatapuzinho tem muitos lugares mais altos que não alagam, mesmo durante as cheias maiores. Esses são os lugares escolhidos pelos Waiwai para fazer aldeias e roças. No passado, os indígenas escolheram de maneira muito parecida, o que mostra que esse conhecimento de escolher os bons lugares é muito antigo. Muitos dos lugares mais altos são terras pretas cheias de vestígios das coisas que as pessoas fizeram no passado. Na pesquisa, usamos um sensor chamado *LIDAR*, ele é levado por um drone e dispara feixes de laser que ajudam a construir mapas. Nos mapas é possível perceber que as terras pretas estão nos lugares mais altos.



Claide Moraes

Drone com sensor *LIDAR* levantando voo na comunidade Jatapuzinho para dar início ao mapeamento.

Ao longo do tempo, homens e mulheres traziam muita comida para a aldeia, e muitos trançados foram feitos nas matas para carregar essas comidas. Muitos cestos são feitos para usar uma só vez. Depois de usados os trançados, as cascas e sementes das frutas eram queimadas perto das casas. Como os povos indígenas moraram nessas antigas aldeias por muito tempo, as terras ficaram cada vez mais pretas, de tanto queimar onde jogavam muito resto de material, e assim deixou a terra preta e boa para plantar.

### 3. Roowo cicwiyem yehtopo

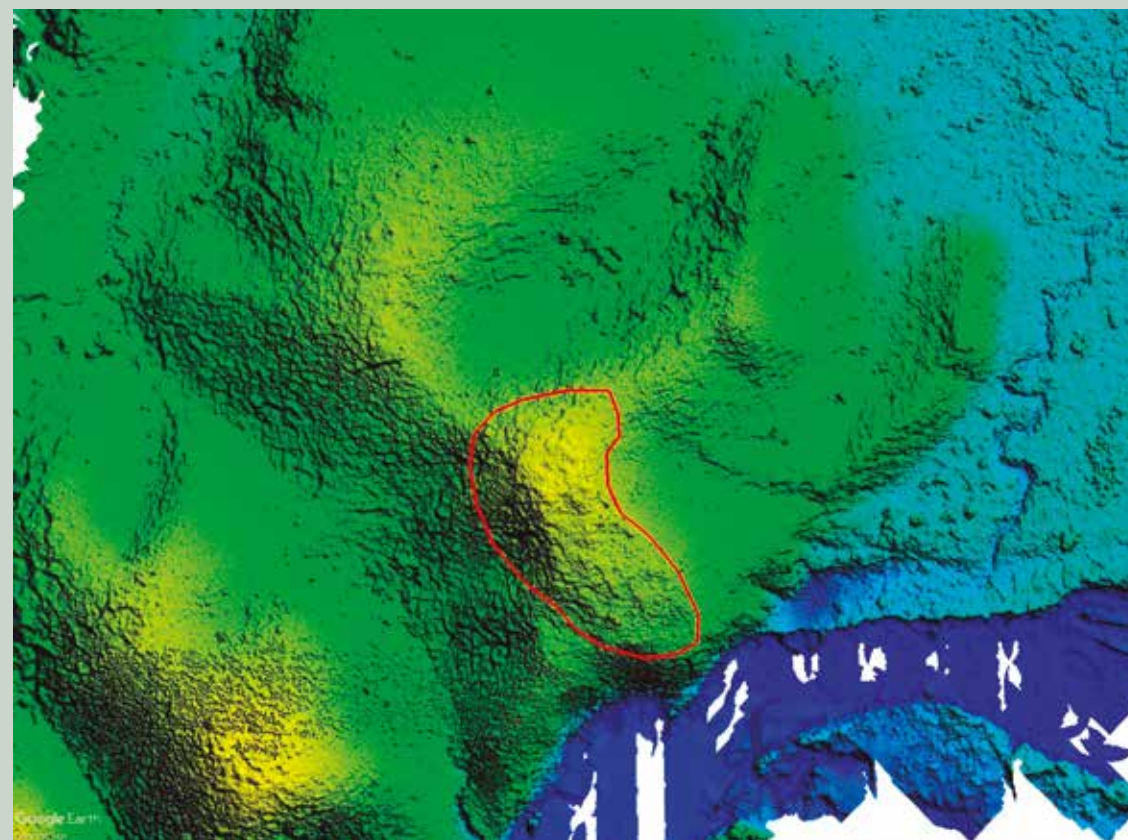
Roowo cicwiyem, ewtotho, mararĩtho komo. Cicwiyem nay roowo iito xakñe mararĩ yewtĩ me ham, ewto me marha exirpoyero erewsĩ yeken me marha. Meĩpora xa kahxaputho komo ehxapu tho komo nakniyatkeñe. Pahkĩ exirpoyero thakwa cicwiy takĩ nay roowo.

Ewtotho re nay parakwe keñe so, ahcenatho komo yawaka tho komo. Ewtotho pĩn re há roowo exihra thakwa nay ero yipu komo roowo tho pore. Ewtotho komo ñekakwa, tototo komo yekenho me exirke thakwa. Ero wa tĩ xakñe guiana po ewtotho yahsipĩnkaxapu po tĩ ñekawakñe woom komo tĩ xere ñikyatu. Yaypĩ me so tĩ cihci ketkñe. Ero ke tĩ pahxa nahsipĩnketkñe kanaxem tho kmam pen yewtontho.

Oroto ewtotho komo, po rma naxe torowo komo, akri komo, ero yipu tho ñepewasĩ penĩ komo toworo komo nahrĩ. Natĩkwasĩ marha erewsĩ komo yatho iito so há.

Aaka wero tĩ, roowo cicwiyem pahxa rma tĩ kporin pen komo, ñeporatkeñe roowo kirwan, ero yipu tora ewto ciriche thawa erewsĩ naw tasĩ, wooto naw tasĩ.

Ero ke cewetpore nas kweronomacho komo pocco komo ya, kmeñekapore roowo komo kirwan ewtome ciisom. Erowa xa marha naxe tanhamyan komo yaypĩ komo poñko komo. Meñekexe erewsĩ keñarĩ mak roowo, tporin komo ñewehcaxe.



Exemplo de imagem gerada pelo *LIDAR*. As partes amarelas são as áreas mais altas do terreno. A cor azul representa o rio Jatapu e a linha vermelha mostra os limites da Terra Preta Katraw, uma antiga aldeia que está na parte mais alta do terreno.

Xakwaru wara riikomo waiwai tapota yahsitopo pokono

As antigas aldeias estão associadas com fragmento de cerâmicas, pedaço de machado de pedra e restos de muitas outras coisas. Aldeia antiga é lugar de muitas pessoas, os espíritos das pessoas que viveram e morreram estão lá, onde as pessoas espiritualmente fazem barulho. Barulho de trabalho, sinal das mulheres durante o processo de ralar mandioca, dos homens imitando a anta e muitas outras coisas. Por que nesses lugares moraram muitas pessoas, isso aconteceu na antiga aldeia em Guiana. Aldeias abandonadas podem assustar os moradores. Por isso, as aldeias Kanaxem, Títko Mítí, Yakayaka, foram deixadas para fundar a aldeia Masakeñari.

Nas antigas aldeias, vivem outros animais e aves, nessas capoeiras cresce as sementes das frutas trazidas no passado do mato para a aldeia e das quais eles se alimentam.

Segundo Aaka, os ancestrais procuravam um lugar bom para morar e viver. Tem que saber escolher bom lugar para moradia e para viver. Ele contou que outros animais também, como anta e o porco do mato, têm seus lugares de alimentos, e sempre voltam para procurar suas comidas. Por isso temos que seguir orientações de velhos conhecedores.

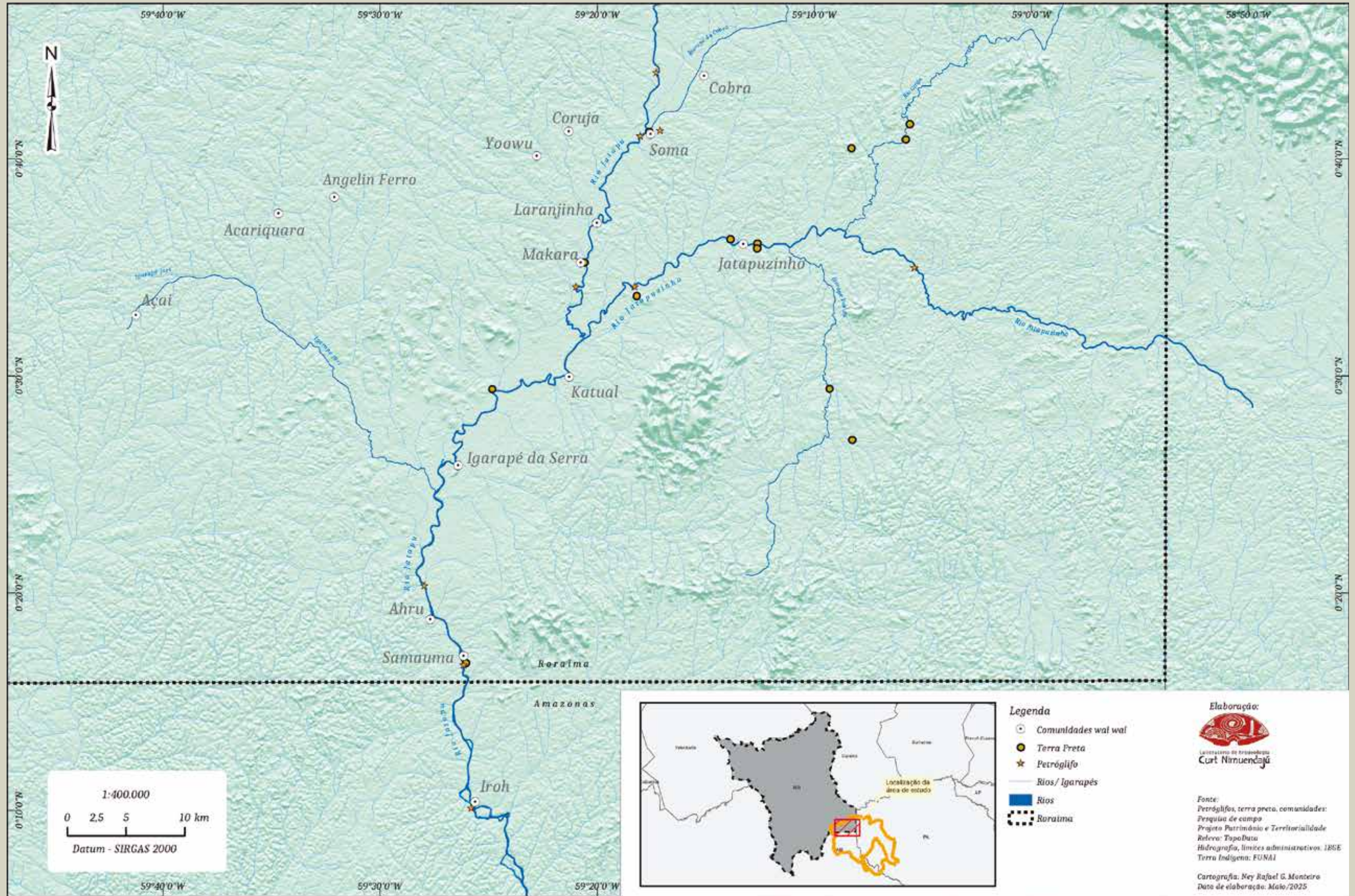
Também podemos destacar que, nos lugares de terra preta, alguma plantas costumam estar presentes e indicando aldeias antigas como: samaúma (*oromamne*), pupunha (*apañpi*), cacau do mato (*caiwa*), castanha (*títko*), taperebá (*moope*), cipó timbó (*umawa*), maracujá do mato (*akrakra*). Essas plantas eram usadas pelos antigos, e costumam sobreviver depois que uma roça ou aldeia é abandonada e a floresta começa a crescer novamente.

Jaime Xamen, ao longo do seu mestrado, também aprendeu com seu pai e seu cunhado a olhar e identificar as plantas que indicam lugares de aldeias antigas como: bacaba (*kuumu*), ingá do mato (*kipixi*), inajá (*maripa*), ubim (*mĩna*), açaí (*manaka*), buriti (*yoowu*), taro, *cawana*, *kamuywa*, *warĩma*, *kukwa*, *paxá* e tucumã (*mentho*), uxi, caoé, uva carantu, cari, abiu do mato. Por exemplo, o timbó é usado como remédio para picada de cobra e arraia, por isso as pessoas plantavam perto das aldeias. O timbó também ajuda a pescar. O maracujá do mato é difícil de ser encontrado na floresta, por isso era plantado perto de casa. Algumas dessas plantas cultivadas, ainda, indicam que as aldeias foram abandonadas há mais tempo, como o *warĩma* e *kukwa*, pois somente elas irão sobreviver depois de anos e anos de abandono da área de residência. Com o passar do tempo mais longo, outras árvores com raízes mais fortes, como o angelim (*kecekere*) e a massaranduba (*okoropo*), vão crescer, enquanto as outras plantas indicadoras de ocupação humana antiga, como ingá do mato e o buriti, por exemplo, não aguentam: elas ficam sufocadas e morrem (Dissertação do Jaime Xamen, 2023).

Como falamos anteriormente, para formar as terras pretas muita coisa foi queimada. Quando os restos das cinzas e carvões da queima foram varridos e amontoados perto das antigas casas foram formando camadas de terra muito escura. Esses carvões se preservam por muito tempo. Quando escavamos uma terra preta ainda é possível recuperá-los. Quando se trazia plantas para as aldeias para fazer comida, bebida, remédio ou veneno, algumas partes dessas plantas como cascas, raízes e sementes foram queimadas. Com as pesquisas da arqueologia é possível identificar algumas dessas plantas usadas no passado.



# TERRAS PRETAS E PETRÍGLIFOS NA TERRA INDÍGENA TROMBETAS MAPUERA – RORAIMA /BRASIL



- Legenda**
- Comunidades wal wal
  - Terra Preta
  - ★ Petróglifo
  - Rios/ Igarapés
  - Rios
  - ⋯ Roraima

Elaboração:  
  
 Instituto de Arqueologia  
 Curt Nimuendajú

Fonte:  
 Petróglifos, terra preta, comunidades:  
 Pesquisa de campo  
 Projeto Patrimônio e Territorialidade  
 Refero: TopoData  
 Hidrografia, limites administrativos: IBGE  
 Terra Indígena: FUNAI

Cartografia: Ney Rafael G. Monteiro  
 Data de elaboração: Maio/2025

Cada planta tem uma semente diferente, uma casca diferente e madeiras diferentes também. É possível reconhecer essas diferenças nos carvões. Muitas vezes, mesmo depois de queimadas, as sementes se preservam inteiras, sendo possível saber se é um buriti ou um patauá, por exemplo. Com os pedaços pequenos de carvões é um pouco mais difícil, mas, ainda assim, é possível identificar. Cada planta tem, como se fosse, uma impressão digital diferente, chamamos isso de anatomia das partes da planta. Levando um pedaço de carvão para o microscópio, muitas vezes, é possível identificar a anatomia da planta e saber qual é.



Carvão de semente de buriti encontrado na escavação da terra preta *Kosotho*.

Claide Moraes

Nas escavações das terras pretas nas antigas capoeiras *Kosotho* e *Katraw*, recuperamos alguns carvões. Já foi possível identificar alguns deles. Na escavação da *Kosotho* tinha carvão de semente inteira de buriti enterrada lá no início da camada de terra preta, numa profundidade de 70 centímetros. No laboratório, além do buriti, foi identificado também castanha, bacaba, patauá e tucumã. Ainda temos muito trabalho pela frente, mas já é possível perceber que as pessoas do passado comiam e traziam para perto da aldeia plantas que continuam sendo consumidas na atualidade.

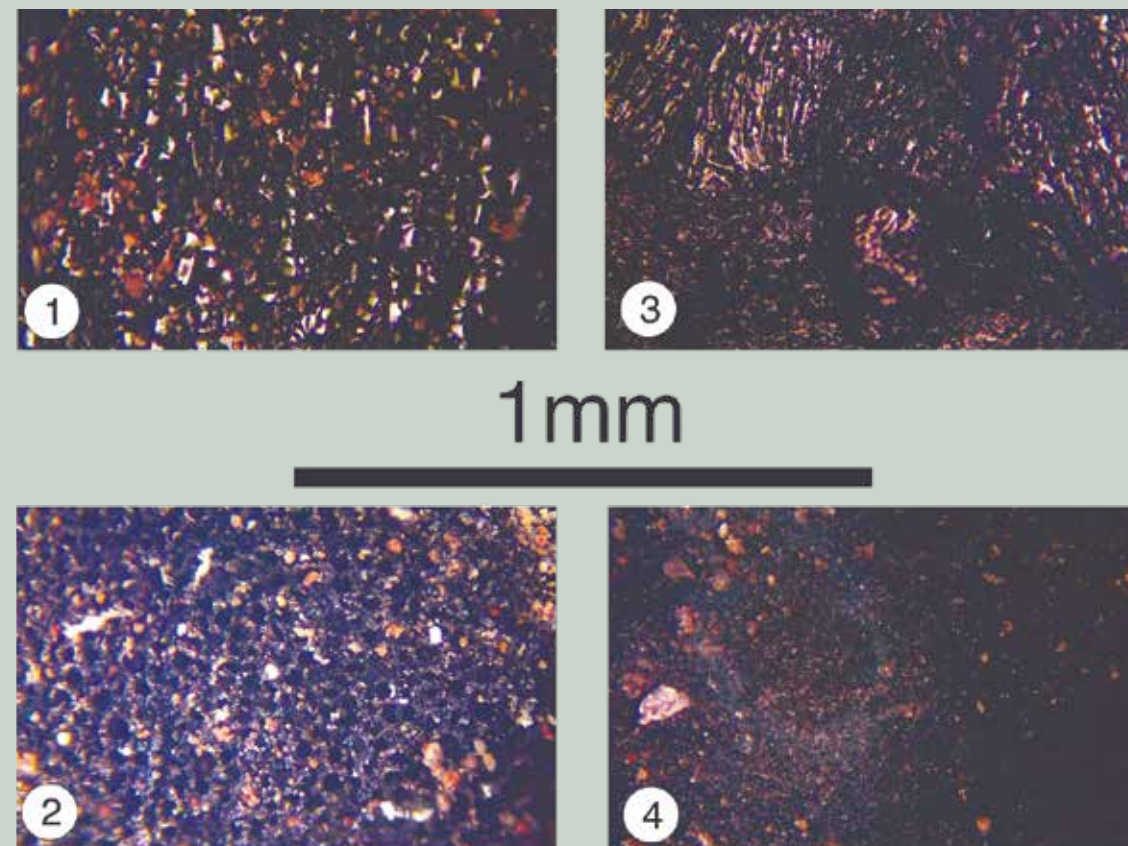


Imagem apresentando a anatomia dos carvões de uma semente de buriti (1 e 2) e de uma castanha (3 e 4). A barra preta representa o tamanho de 1 milímetro. O que vemos na imagem seria menos de 1mm do carvão da semente, aumentado 100 vezes no microscópio. O carvão do buriti apresenta furinhos pretos bem arredondados. Já o carvão da castanha brilha como se fossem ondas na água, em forma de pequenos leques, e apresenta uma superfície sem os furinhos.

Claide Moraes

Material complementar: para acessar mais informações sobre as escavações arqueológicas acesse o QR code.



## 4. Comota muito antigas / *Kosotho e Katraw*

Uma das coisas que tentamos fazer na arqueologia é saber há quanto tempo que as pessoas deixaram os vestígios da passagem delas nos lugares onde viveram. Pode ser que estas coisas que estamos investigando aconteceram em um tempo muito longe no passado, muito antigo, muitas gerações antes das nossas. Quando passa muito tempo as informações da memória vão se apagando. Mas, tem algumas coisas que ficam preservadas, como as terras pretas, pedaços de potes de barro, as ferramentas de pedra e os petróglifos (desenhos nas pedras). Esses são alguns exemplos das coisas que ficam muito tempo.

As paisagens também guardam essa identidade das pessoas. As sementes das coisas que são comidas pelas pessoas e pelos animais que vivem com elas vão transformando essas paisagens em florestas diferentes. Com esse manejo de pessoas e animais juntos, as paisagens vão ganhando mais diversidade. Por isso tem tanta comida na floresta. Essa parte são os indígenas que estão ensinando os *karaywa*, pois eles sabem como a floresta vai mudando. Torna suas plantas *natî* e vai mudando. E uma parte das plantas, como se fosse o espírito *ekatî* delas, também pode ficar preservada *ehcam-nopura nay*. Algumas dessas partes, como se fosse a alma da planta, são muito pequenas, não dá para ver com o olho normal *ero kewru ke enîhnî*. Para enxergar essas partes tem que aumentar cerca de 400 vezes no microscópio. Os *karaywa* chamam essas partes de fitólitos. Esses fitólitos são como se fossem também a identidade da planta. Cada planta tem fitólito com corpo diferente, como se fosse uma pele ou uma roupa diferente.

Mas, às vezes, sobram partes das plantas e das sementes delas que dá para ver e ainda identificar a semente. Principalmente quando essas sementes são queimadas no fogo de lenha o carvão pode durar muito tempo enterrado. Quando encontramos esses carvões na terra preta, às vezes, ainda é possível identificar qual semente era. Os Waiwai sabem muito bem que a semente de buriti é diferente da semente da bacaba, por exemplo.

Quando escavamos na terra preta do *Kosotho*, Parwe e Xamen conseguiram ver que alguns carvões enterrados, lá no fundo da terra, eram de semente de buriti. Então, dá para saber que as pessoas que deixaram aqueles pedaços de panela de barro, ferramentas de pedra e miçanga de pedra estavam também fazendo bebida de buriti e jogando a semente para queimar no fogo. É dessas partes queimadas das sementes e lenhas, os carvões, que a arqueologia tira amostras para fazer o que nós chamamos de datação de Carbono 14. No carvão, é como se tivesse outra parte da pele, roupa ou alma da planta, que os *karaywa* chamam de Carbono. Esse Carbono tem várias partes diferentes, um chama C12, o outro C13 e tem o C14. Esse Carbono 14 circula pelo ar também. Então, quando nós, os animais e as plantas respiram também estamos absorvendo uma parte desse Carbono que vai acumulando no nosso corpo, no corpo dos animais e no corpo das plantas.

Quando a planta morre ou quando uma semente ou uma parte da madeira é queimada ela para de receber esse C14 e o C14 que a semente ou a madeira já tinha no corpo dela vai começar a se transformar. É como se o C14 começasse a tirar a roupa dele para virar outra coisa, que os *karaywa* chamam de Nitrogênio. Esse processo do C14, de se transformar em Nitrogênio, acontece muito devagar e é essa transformação lenta que os *karaywa* aprenderam a medir no laboratório. Pelo tanto de C14 que já se transformou em Nitrogênio é possível saber há quanto tempo aquela semente foi queimada. Assim, o tempo daquela semente é também o tempo das pessoas que estavam lá e deixaram todas essas coisas.

Como vocês já sabem, no projeto Patrimônio e Territorialidade, após conversar com as lideranças e os conhecedores, foi decidido que nós da arqueologia escavaríamos duas das terras pretas que os Waiwai conhecem, a antiga roça do Abraão (*Kosotho*) e a roça e bananal do Kîrîraw (*Katraw*). Nesses dois lugares nós encontramos muita terra preta, pedaços de panelas de cerâmica, ferramentas de pedra, miçangas de pedra e alguns dentes e ossos de caça que as pessoas do passado comeram por lá. Encontramos também muito carvão de lenha e sementes. Tinha casca de castanha, sementes de buriti, de patauí, de bacaba, de tucumã e de outras que ainda estamos tentando descobrir do que é. As pessoas foram deixando essas coisas lá e o tempo foi passando e, à medida que foi passando, essas coisas foram ficando enterradas lá no fundo. Até quase 1 metro de profundidade ainda tinha semente queimada e muito pedaço de panela de barro.

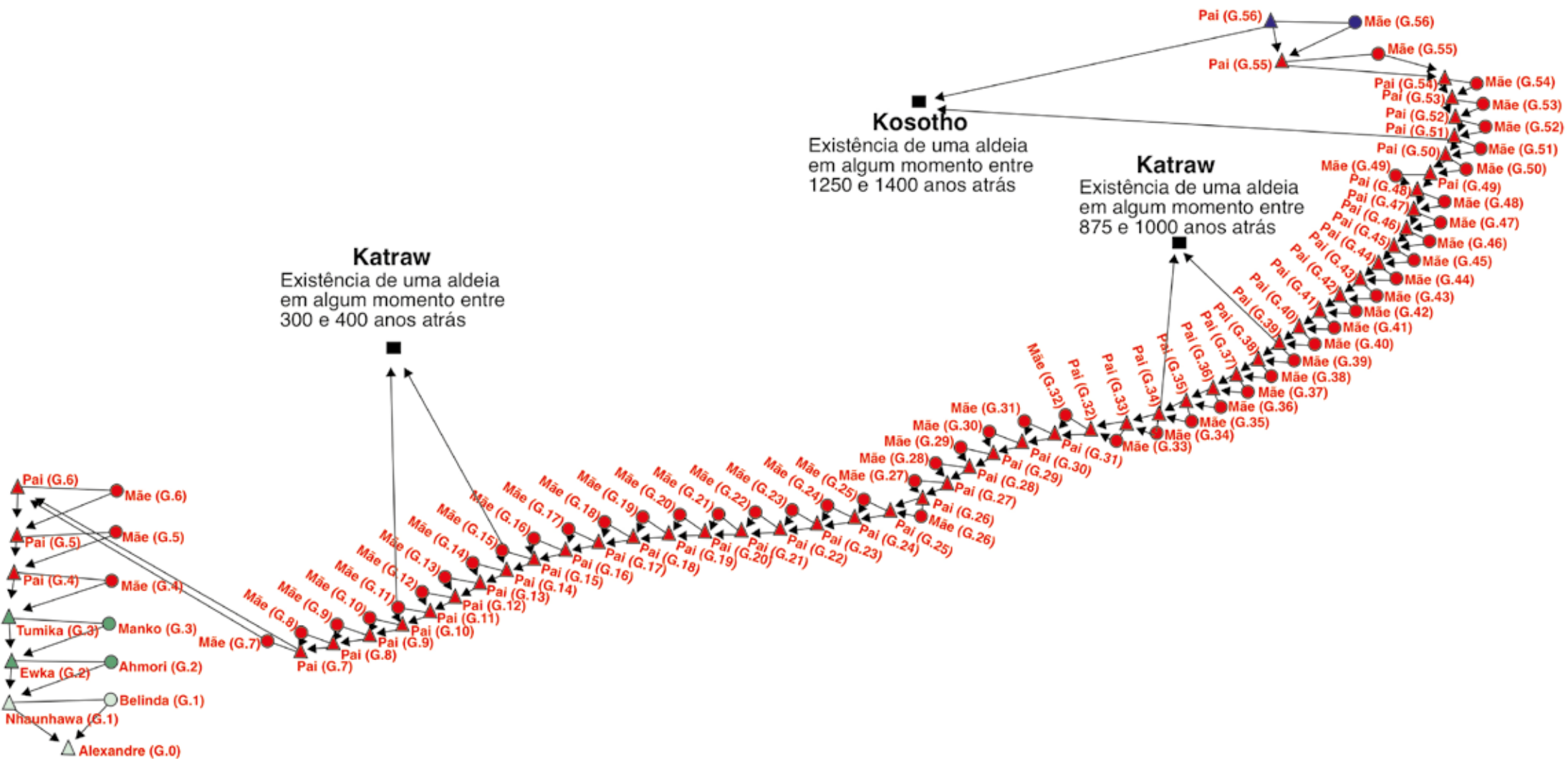
Na escavação nós fomos separando as coisas por camada, pensado que o que está mais embaixo é o mais antigo. Assim, nós fomos separando as amostras a cada profundidade de 10 centímetros e guardando os carvões separados. Depois, separamos 6 amostras de carvão para mandar para o laboratório. 3 amostras do *Kosotho* e 3 amostras do *Katraw*.

Do *Katraw* nós separamos 1 pedaço de carvão de lenha que estava enterrado junto com pedaços de panela de barro a 70 centímetros de profundidade. Separamos também mais 2 pedaços de semente de tucumã queimadas que estavam 1 em 40 centímetros e outro já perto da superfície, a 10 centímetros de profundidade. Assim, queríamos saber quanto tempo tem a camada mais profunda, a do meio e a mais próxima da superfície.

Fizemos parecido com as amostras do *Kosotho*, separamos uma lá do fundo, a 80 centímetros de profundidade, uma semente de buriti queimada. Depois, pegamos um pedaço de semente de castanha queimada que estava enterrada a 50 centímetros e outro pedaço de semente de patauí queimada que estava próxima da superfície, enterrada a 10 centímetros de profundidade. Mandamos essas 6 amostras para o laboratório medir quanto ainda tinha de C14 e quanto já tinha trocado de roupa e virado Nitrogênio. Eles trabalharam de forma parecida com o laboratório que faz exame de sangue, procurando os Carbonos e os Nitrogênios na amostra. Assim, seria possível saber há quanto tempo que o carvão foi queimado. Recebemos o resultado agora, dia 02 de maio de 2025.

Baseado nos resultados que o laboratório mandou podemos pensar da seguinte maneira:

A roça do Kîrîraw, *Katraw*, começou a ser uma aldeia há aproximadamente 1000 anos atrás, essa foi a medida de tempo daquele carvão de lenha mais do fundo da escavação. Em algum momento, por volta de 400 anos atrás, lá também foi uma aldeia e as duas sementes de tucumã foram deixadas queimadas junto com pedaços de panelas de barro quebradas e pedaços de ossos de caça. Tudo isso foi encontrado junto com cinza do fogão e de outras coisas que estavam virando adubo para as plantas, num monte, perto da casa. Muitos anos depois vem o Kîrîraw e abre uma roça lá, que está produzindo banana até hoje. Carlos Machado fez as contas e, para ajudar a pensar mais ou menos o que significa essas datas, é como se pensássemos nas gerações atuais, a dos mais velhos. Por exemplo, é como se o Kîrîraw voltasse na geração do pai e da mãe dele, como se voltasse na geração do avô e da avó dele, para depois voltar mais 40 gerações antigas para o passado. Seria nesse tempo (de 40 gerações) que alguém fundou a aldeia na localidade *Katraw*, há 1000 anos. Vinte e quatro gerações depois da primeira aldeia, há 400 anos atrás, lá estava outra aldeia. Treze gerações depois, lá estava o Kîrîraw, abrindo a roça no ano de 1992.



História Genealógica e Escavação Waiwai: 1400 Anos de Patrimônio e Territorialidade Ancestral.

A roça do Abraão, *Kosotho*, é mais antiga ainda, aquele carvão de semente de buriti lá do fundo da escavação, que Xamen e Parwe encontraram, deu uma data de 1400 anos. Os outros dois carvões, o pedaço de castanha enterrado a 50 centímetros e o pedaço de caroço de patauá enterrado a 10 centímetros, também deram datas muito parecidas. Então, *Kosotho*, antes de ser a roça do Abraão, há 1400 anos atrás, era uma aldeia indígena. Passou muito tempo até chegar nos dias de hoje, mas muita coisa ainda está preservada lá. Pensando parecido com o exemplo do Kirinaw, vamos pensar na geração do pai e da mãe do Abraão, no avô e na avó dele, depois vamos pensar em 53 gerações de avôs e avós de antes. É no tempo da vida dessas pessoas (53 gerações antes da do Abraão) que algumas pessoas fundaram a aldeia, há 1400 anos atrás. Cinquenta e três gerações depois da aldeia, veio o Abraão e abriu a roça, que queimou a *kooso*. No finalzinho de 2024, Xamen foi lá, com a ajuda de vários Waiwai, fez a escavação e estamos agora podendo falar dessas coisas.

Estamos muito felizes de saber que as histórias das pessoas na Terra Indígena Trombetas-Mapuera são tão antigas. E devem ser muito mais antigas, pois, até agora, fizemos muito pouca pesquisa arqueológica. Deve ter muito mais coisa.

Podemos dizer também: pelo menos, desde 1400 anos atrás os indígenas que estavam vivendo na região estavam coletando castanha, buriti e patauá. Tucumã aparece no *Katraw* há, pelo menos, 400 anos. E ainda falta identificar muita coisa. A floresta de hoje é então o resultado de todas essas histórias e de muitas outras que os Waiwai sabem contar. Os Waiwai são fundamentais para manter estes conhecimentos, histórias e florestas vivas.

Material complementar: acesse aqui mais imagens sobre o trabalho da arqueologia em campo.



## 5. Histórias dos petroglifos e machadinho de pedra

Os mais antigos desenhavam nas pedras e talvez *okoymoyana* também. Essas pessoas desenhavam os animais, a caça, as pessoas e outras coisas nas pedras.

Yapoxi contou os acontecimentos antigos, a história de uma família que foi para outra aldeia vizinha e acampou no mato. "As pessoas fizeram suas casas de folha de açai. Nesse dia choveu muito e uma árvore falou para uma pessoa *"yarî ketunhekremsî"*, "vou cair". O filho acordou seu pai: "papai acorda, a árvore está dizendo que vai cair". O homem mandou seu filho ir dormir, disse que isso era mentira. Alguns minutos depois a árvore começou um barulho de que ia cair. O filho levantou de sua rede e correu. Tentou acordar seu pai e sua mãe, mas não deu tempo de eles levantarem". Assim foi esse acontecimento antigo, nesse lugar de acampamento que ficou conhecido como *tooto wayihtoponho*. Esses lugares ficaram sinalizados com nome, talvez com alguma marca também. As pessoas registram suas histórias para ninguém mais dormir nesse lugar, que agora é conhecido como lugar perigoso. Assim, Yapoxi ouviu de seu pai, Yukuma, uma história antiga do homem que viajava para outra aldeia. Esses petróglifos *toopu mewrexapu*, contam a história de vida das pessoas.



Claide Moraes

Marcas de polidores e afiadores de ferramentas fotografadas no rio Jatapuzinho, acima da aldeia Jatapuzinho.



Claide Moraes

Marcas de polidores e afiadores de ferramentas fotografadas no pedral do porto da aldeia Samaúma.

## 5. Toopu mewrexapu

Toopu mewrexapu yehtopo. Poritomo pen komo nakihcetkeñe toopu komo, anarimaw na okoymo yana komo hana. Nexamro nakihcetkeñe tanhamyan komo, Wooto komo, tooto komo me miyan komo rma nakihcetkeñe toopu komo pore.

Pahxa tî xakñe tooto yîmxitahnî, eroke tî onokena komo makî pormanoyakñe. Kwaro komo, xaapi komo, okoymo komo. Amñe pahkî exiche tî, osom tî cekñe esetakaxi wekñe tî akri. Taa kooso wara. Nkeyakñe tî, amñe tî tooto komo yîmihcawno komo cetkeñe yukwaypîthîrî wece. Erowa thakwa tî nîmtîkay tîmihcawno komo ya. Amñe tî tooto komo erowa mohxapu komo, takî tî ketkeñe petaru tî xakñe okoymo yosotî. Petaru awosom ñekî kooso awotî nîmî há kekñe tî? eroyimaw tî petaru nirwonimye ro mak, tosom poko, amñe exiche tî akri tho cik tî ñekye iyotî, on há awotî petaru, nahsîyakñe thakwa tî tosomunhîrî, ñermomyakñe tî, ñemahciyakñe tî epuyimo kwaka. Amñe tî yaskomo komo takî, wayawaya me cetkeñe eposo petaru, uuma tî cekñe petaru. Amñe tî neñatkñe weyun yaw tî xakñe. Wayawaya komo tî wayihketkeñe petaru pen, naratkeñe tî toopu pona, okoputhîrî, erowa karaketkeñe thakwa tî petaru pen, erowa exiche tî mokyatkeñe tariñem komo espomaxi tî kamxuku ke, xaapi komo, kworo, yakwe, miyan komo. Erowa ehtoponhîrîito nay toopu, oroto okoymokoto me osotî. Wayawaya komo tatho yekenho komo capi capi waso há pocco komo wero.



Renan Torico

Petroglifo no rio Jatapu, abaixo da aldeia Samaúma.



Claide Moraes

Petroglifo no rio Jatapu, próximo da aldeia Soma.



Claide Moraes

Petroglifo na margem esquerda do rio Jatapu, acima do limite da Terra Indígena Trombetas Mapuera.

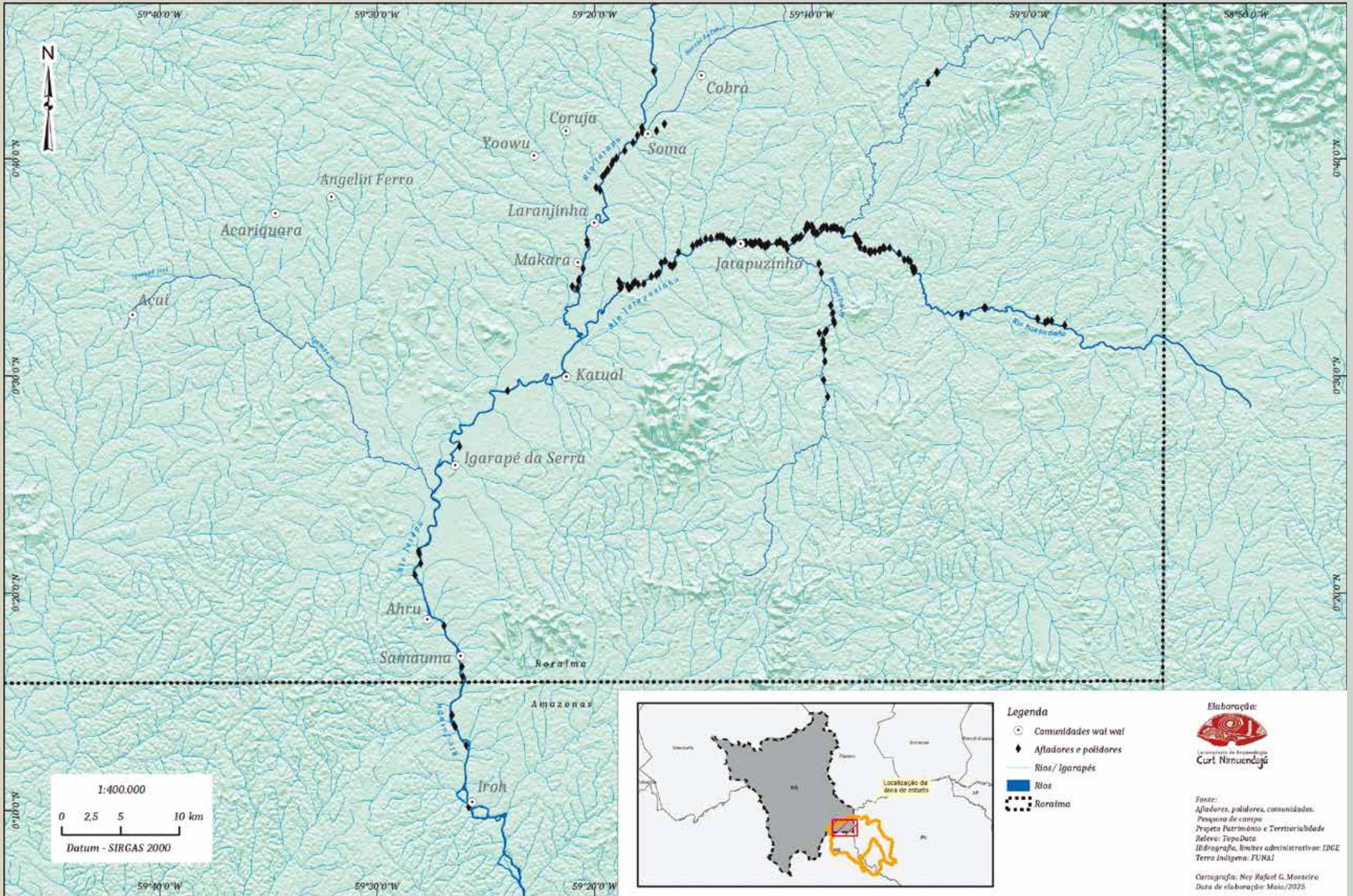


Claide Moraes

Petroglifo no rio Jatapu, abaixo da aldeia Samaúma.

## HISTÓRIA DE *OKOYMOKOTO*

Antigamente tinha um homem e sua esposa. Eles não tinham filhos, por isso eles cuidavam dos animais como papagaio, arara e sucuri. Depois de muito tempo, o dono foi caçar e matou cutia e veado. Trouxe a caça para casa. Depois, os vizinhos chegaram para pegar os pedaços de carne. Quando as pessoas retornavam para suas casas, falavam para *Petaru* (que era uma sucuri), que seu dono matou cutia e veado e perguntaram para *Petaru*: seu dono deu carne de caça para você? Depois de ouvir isso, *Petaru* ficou com muita raiva. O dono levou cutia para ela e disse "está aqui a carne para você, *Petaru*". Mas *Petaru* não pegou a carne e atacou seu dono, engolindo ele e fugindo em seguida, a jusante. Ela queria fugir para o rio grande, para ficar difícil de ser encontrada. Depois os xamãs se transformaram em animais, com o uso de seus *ñokwa*, e foram atrás de *Petaru*. Depois encontraram *Petaru*, que estava no poço do rio, escondida. As ariranhas atacaram ela, a mataram e levaram o corpo de *Petaru*, rio acima. Rasgaram a pele de *Petaru*. Depois disso vieram as aves e se pintaram com o sangue do corpo de *Petaru*. Vieram as araras azuis e vermelhas, o tucano e outros. Desse acontecimento tem-se hoje a pedra chamada *Okoymokoto*, onde cortaram a sucuri. Tem as marcas dos pés das ariranhas. Isso é contado pelas pessoas antigas.



- Legenda**
- Comunidades waiwai
  - ◆ Afiadores e polidores
  - Rios/ Igarapés
  - Rios
  - Roraima



Fonte:  
Afiadores, polidores, comunidades.  
Pesquisa de campo  
Projeto Patrimônio e Territorialidade  
Relev: Topo Data  
Hidrografia, limites administrativos: IBGE  
Terra Indígena: FUNAI

Cartografia: Ney Rafael G. Monteiro  
Data de elaboração: Maio/2025

Antigamente, os homens fabricavam machado de pedra. Assim como as mulheres hoje fazem com a pedra dos dentes de ralador, tinha que escolher pedras específicas para fazer a lâmina de machado. Uma pedra de cor cinza claro que os *karaywa* chamam de basalto era muito boa para a fabricação. Usaram essa tecnologia antes de existir machado de ferro. Antigamente, antes de aparecer as ferramentas de ferro como terçados, facas e machados, os indígenas usavam as pedras e outros materiais como dentes de animais (como o da cutia), ossos e madeiras duras para fazer as ferramentas para quebrar e cortar.

Quando usavam machado de pedra, as pessoas não derrubavam as árvores grandes, abriam apenas as pequenas áreas. Se precisassem tirar uma árvore muito grande, podiam usar o machado para tirar a casca da árvore, esperar ela morrer e depois botar fogo. Usavam esse machado com muito cuidado para não quebrar, pois eles eram muito importantes para as pessoas. Por isso, existem várias formas de fazer machado de pedra e vários usos.

Nas terras pretas que fizemos escavações, encontramos parte da história do jeito de fazer machados de pedra. Na terra preta da antiga capoeira *Katraw* tem muito vestígio da fabricação de machado de pedra. Depois de encontrar e escolher uma pedra boa para fazer machado, era preciso começar a dar a forma de machado para ela. Como ela é dura, demora muito para polir. Então, era preciso tirar o máximo possível da pedra antes de começar a polir. O jeito de começar a fazer era um pouco parecido com o jeito de fazer dente de ralador. Naquela época também não tinha martelo de ferro. Então, as pessoas usaram uma pedra arredondada como martelo. Ia dando batidas na pedra e tirando lascas até ficar com o formato parecido com o do machado. Chamamos isso de dar uma pré-forma para o machado. Só que, às vezes, dava uma batida errada ou a pedra tinha uma trinca que a pessoa não percebia e a pré-forma quebrava antes de ficar pronta. Por isso, hoje encontramos as lascas e as pré-formas quebradas nas antigas aldeias.

As pré-formas que davam certo eram levadas para os pedrais na beira ou no meio do rio para polir e afiar. O polidor também precisa ser a pedra certa, tem que ser mais dura que a pedra do machado. Nos rios Jatapu e Jatapuzinho tem muitas pedras duras que os *karaywa* chamam de granito. É nessas pedras que estão as marcas de polir e afiar, as oficinas de fabricação de machado.

Cesar Ceysan Wai Wai participou conosco das expedições para registrar essas pedras com polidores nos rios Jatapu e Jatapuzinho. Registramos quase 200 pedras com milhares de marcas de polir. Depois de ver muitos polidores, Ceysan nos contou que entendeu como os antigos e o povo *okoy moyana* faziam os machados. Sentados na pedra eles iam colocando água e areia para ajudar no polimento. Algumas marcas em forma de bacia ou sulcos longitudinais, parecidos com o fundo de uma canoa, eram os lugares para ir dando forma nos machados e os polidores mais planos eram para afiar o gume. Quando usava durante muito tempo tinha que voltar nos polidores e afiar novamente. Por isso, as pedras dos portos das antigas aldeias também são cheias de marcas de afiar. As coisas fabricadas no passado, às vezes, eram deixadas e fabricavam outras. Hoje em dia, nas aldeias antigas, aparecem muitas lâminas de antigos machados, alguns já quebrados, usados pelos povos indígenas ancestrais dos Waiwai.

Yawaka yehtopo toopu tî niratkeñe, kîrîrî komo nîrîrî xakñe yawaka. Ceypuru mak cisom me nay. Eroway komo niratkeñe yawaka yaka ferro exihra exitaw. Pahxa ka mariya exihra exitaw. Toopu tî niratkeñe yawaka me mariya komo me tî niratkeñe onoke na komo yorî, akri komo yorî.

Toopu yawaka me exitaw tî merpora amahra xatkeñe, pahxa wahra makî tî nametkeñe wahray komo mak. Tîpîñe tî xakñe yawaka, ixexeh toopu komo me exirke. Anañmerpa so tî nakîhçetkeñe yawaka, poko ehtopo komo me.

Nametkeñe tî cukmano men komo, wahray weewe komo, eroke tî nîyohçetkeñe pasara ke, tîyoke ehtome. Toopu ke so, ceyehrî me so eroyitho komo, oroto eçihtare so nay toopu pore so yawaka iyohtotoponho.

Erowa akîhtoxapu tho komo, ninomyakeñe anarî makî. Ero yipu komo cenhaxe oroto ewthotho komo pore merpora, porin pen komo poko ehtoponho Waiwai komo. Karapawyana komo ñekatîmyatkeñe Matuhta e Sohnî, komo exitaw comota chew yîm komo tî kekyatkeñe awci yaw yawaka ke tî nahketkeñe

Kîrîrîyaw ya marha tî Pañañaka ñekatîmyakñe. taa amna marha nahkeñe hara toopu pona, amna numunukyañe weewe, ewnarî yaw, ahkachome toopu pona kekñe tî. Pahxa ro makî tooto komo nahyatkeñe tîtko, ocorono me so niratkeñe, nupuratkeñe kîrîrî komo tko apuhra xatkeñe yupuxapu, pawxi tî nusunukya moxe, nemahçiya twoñe yay. Ta erowa so tî niratkeñe kaatî me so tîhkatî me so há, kîrîrî komo woosam komo.

Yakuta marha kekñe hara kaatî komo poko e ninyatkeñe twarawan komo ya mohxapu komo ya anarî ewto poy. Eroyipu poyero ara po so xakñe, erowa so tîmsom twarawan komo ya.

Ero wa nay yawaka yehtopo.



Cláudia Moraes

Machado de pedra encontrado por Irayca durante trabalho de coleta de castanha.

Hoje em dia, já quase não existem notícias sobre o uso dos machados de pedra, mas, os karapawyanas Matuhta e sua esposa Sohní contaram que quando seus povos estavam vivendo no mato, sem usar ferramentas de ferro, viam seu pai trazendo muita castanha no jamaxim. O ouriço da castanha era quebrado com lâmina de machado de pedra. Segundo Kírínaw, Pañañaka contou para ele, que eles também quebraram ouriço de castanha enfiando um pedaço de madeira no bico para depois bater contra pedras para quebrar, sem cortar. Muito tempo atrás, os povos já comiam castanha, como mingau de castanha e assado de ouriço. Os homens não podiam comer, senão mutum sempre fogiria da pessoa. Os homens e mulheres também usavam óleo de castanha no cabelo, que era extraído com o uso de um pequeno tipiti. Segundo Yakuta, às vezes, o óleo de cabelo era negociado com outros visitantes, de outras aldeias, em troca de outra coisa. Por isso, deixavam muito desse tipo de óleo no jirau de casa, para trocar com os outros.

Nas escavações que fizemos encontramos casca de semente de castanha queimada enterrada a mais de 70 cm de profundidade. Naquele tempo, certamente só tinha machado de pedra. Então eles provavelmente quebraram as castanhas de maneira parecida com o que relataram Matuhta e Kirinaw.

Assim é história de toopu yawaka.

Igor Moraes Mariano Rodrigues



Material complementar: acesse aqui para mais informações sobre os polidores e petroglifos



## 6. Histórias das plantas

### HISTÓRIA DO BURITI

Ao caminhar nas trilhas das matas, avistamos os buritis em seus lugares (*yoowu yeken*) nas florestas alagadas (*apassu*), perto de igarapés. Desses encontros com os buritis, surgem narrativas Waiwai que expressam uma relação especial com essas plantas. Em meio às florestas alagadas, os buritis são alimento dos animais e são por eles cultivados, como a cutia, paca, anta e porco do mato. Durante as caminhadas para coleta de frutos, são esses lugares que os homens acessam para cortar os cachos dos buritis e levá-los para a aldeia. Nas aldeias, as mulheres preparam bebidas e vinhos com a massa do fruto, depois de deixá-lo na água quente o esperando amolecer. O fruto é consumido como alimento e bebida nas refeições festivas e no dia a dia, desde o tempo antigo até hoje em dia. Nas histórias que os mais velhos contam, as folhas e frutos dessa planta já eram usados antigamente por eles e elas e pelos seus antepassados nas aldeias da Guiana, durante os rituais e festas. Na antiga aldeia *Katraw*, pedaços de sementes de buriti foram encontradas bem no fundo da terra, indicando que o buriti também era usado pelos antigos habitantes do rio Jatapu, há muitas gerações atrás.



Sara Coelho

Preparo do suco de buriti.

Hoje em dia os buritis são cultivados na maioria dos quintais das aldeias pelos Waiwai, mas nem sempre foi assim. Antigamente, uma das principais plantas cultivadas nos quintais da aldeia Jatapuzinho era a pupunha. Os mais velhos contam que a pupunha era dos *Karapawyana*, quando esse povo habitava ali na região. Com o passar dos anos, os Waiwai chegaram no território, algumas pupunhas foram retiradas e os quintais foram transformando-se em buritizais, a partir das sementes que brotam quando são jogadas ao redor das moradias e cozinhas depois das mulheres prepararem os sucos, ou quando alguém traz um fruto escolhido da floresta para cultivar no quintal. Os frutos dos buritis não são iguais e os Waiwai chamam de dois nomes: *tískoske* e *yiskon*. Explicam que um fruto tem sementes pequenas como pulgas, e outro fruto só tem uma semente grande. Existe um fruto amarelo muito bom, existe também outro de fruto vermelho que é mais fácil de descascar.

## 6. Naatî yehtopo

### YOOWU YEHTOPO

Yoowu re há nay erewsí me, wooku me nay, knahrí me. Moxe so nay, apor kwaw so nay, ecihtarero nay cewukrem porero. Etímerehra nay yoow, tískoke nay, anarí yiskomní me nay. Taa tixewekem me nay ero yipu xa erewsí me, cucurem me marha nay.

On yipu komo nahrí me nay yoowu, akri, wiiña, xaapi, yaypî. Ero yipu komo nahrí me nay yoowu. Tamasom me nay, cehsom me nay ewto pona, yíswantache takî yupurmache tukurimyas.

Taa, pocco komo kuywa me kahyatkeñe xarawu, xorwiko ponon me marha tî niratkeñe yatkiñi. Erowa nay yoowu ixé ehtopo komo me nay, ceptosom me Waiwai komo ya.

Poriciwi xaraw poko exitaw ero nay karitan yaw Igor Rodrigues de 2022 po. Pahxa tî xaraw pokono komo, woosí mren komo poci pore tî ketkeñe on wara. Cetape tî cow cow cow tîkes yîhpoci pore. On wara tî kesí.

Yîhpoci tî atîkreko puu,puh, tîmsoke tî cirko. Ahpoci wa xa marha tî cirko kawu yîmsotî puu puh. Ero wa kache xaraw wa xa marha tî woosí poci natîkre hara tîmsotî wa.

(Poriciwi, dia 25/02/20)

Erowa nasí kehtopo ekatîmxapu komo, kñentarí me ehtome ekatîmtopo pocco komo ya, erowa comota komo ya ketkeñe kacho yîhtînotome.



Carlos Machado Dias Jr.

Aldeia Jatapuzinho, em 1993.

Algumas partes do buriti são usadas para fazer diferentes manufaturas (*kahxapumko*). As pessoas conhecedoras coletavam uma parte da folha de buriti, uma seda de folha chamada *xaraw*, para fazer rede, pentes (*wayamakasî*), roupa de dança e outras coisas. No caso de roupas para festas, diversos fios compridos de *xaraw* eram amarrados em aros de cocares (*tamîtkem yecepu*).

Quando Poriciwi estava tirando *xaraw* (tese Igor Rodrigues 2022), ele chamou suas netas para passar o *xaraw* no cabelo delas. Enquanto fazia o gesto, ele falava assim: deixa fazer o cabelo dela crescer, muito comprido igual seu cabelo. Deixa crescer o cabelo dela, muito comprido (Poriciwi, dia 25/02/20).

Assim, a história oral tem grande importância para contribuir na compreensão dos usos, significados e da relação dos Waiwai com a natureza.

### KURUNI YEHTOPO

O frutinho dessa árvore é estourado na boca da criança, por aqueles que falam bem a língua, para a criança também aprender a falar bem. Assim, o conhecimento da fala e da língua é transferido de uma pessoa para a outra.



Giulia Melilli Serbin

Kuruni.



Renan Torico

Aldeia Jatapuzinho, em 2024.



Renan Torico

Aldeia Jatapuzinho, em 2024.

Xakwaru wara rikomo waiwai tapota yahsitopo pokono

## AYÑAN YEHTOPO

No igarapé Kaponá, Aaka percebeu algo curioso: sempre que matava um porcão, sentia um cheiro forte de alho. Ele decidiu observar o animal mais de perto. Um dia, ele viu o porcão comendo e se esfregando em uma planta da floresta chamada *añam*. Além disso, notou que o porcão batia nos troncos das árvores com força, mas nunca se machucava. Aaka começou a pensar que essa planta poderia ser um remédio. Decidiu experimentá-la, dando banho em um dos seus filhos que estava gripado e descobriu que aquela planta funcionava como remédio, aliviando dores e fortalecendo o corpo. A partir daquele dia, Aaka passou a usar o *añam* como remédio, compartilhando o conhecimento com sua família e transformando a planta em um recurso valioso para todos. Hoje em dia é possível encontrar essa planta em diversos quintais e roças pelas aldeias do Jatapu e Jatapuzinho.

Aaka aprendeu a observar os animais e seus comportamentos com seu pai, seu avô e outros mais velhos que também aprenderam do mesmo modo, observando e conversando com os mais velhos: *“Antigamente existiam grandes conhecedores, doutores mesmo, da floresta. Eles observavam os animais para ver como eles vivem, o que eles comem, o que eles sabem fazer. Os mais velhos antigamente viravam animais também e falavam com eles, igual os humanos mesmo. Todo mundo até hoje sabe disso, Ewka virava poñko mesmo. Ele tinha roupa dele no pakara e quando ele ia na floresta vestia roupa e saía andando igual poñko mesmo. Era assim”* (informação de Aaka explicando para equipe de antropologia, aldeia Ahru, 2023). Essa história mostra que os conhecimentos dos Waiwai são construídos de um modo diferente do conhecimento dos *karaywa* e, nos últimos anos, quando os Waiwai passaram a viver mais perto dos *karaywa* foram abandonando seus modos de conhecer e transmitir para seus filhos e netos. Na antropologia, os pesquisadores e pesquisadoras chamam este conhecimento de “cosmotécnico” e na ecologia de “conhecimento ecológico indígena”. Muitas pesquisas estão sendo produzidas agora com os próprios indígenas que estão entrando nas universidades dos *karaywa*.



Antônio Aaka Wai Wai

Planta de Ayñan.



Carlos Machado Dias Jr.

Aaka na aldeia Ahru.



Carlos Machado Dias Jr.

Frutos de buriti (Yoowu).

## ANARME NHE EHTOPO YENPOTOPO

Pahxa nhe ka xakñe naatí ciyamso ewto Jatapuzinho po apařpu, ero poko ketkeñe karapawyana komo naatítho mĩkro ketkeñe ha. Amñenhe takí cimñipu ñenahcakñe yakero, ero yimaw takí apařpu tho takí iyamra xatkeñe, yoowu makĩrha takí ewto po ñeyamatkeñe oroto ponaro ro nasí yoowu Waiwai komo natĩrme. Ero wa xa marha nasí mĩmo mĩina ke cixapunhĩrĩ telha ke makĩ takí ciso.

Os antropólogos nas universidades já realizaram muitas pesquisas entre os povos indígenas sobre esses modos diferentes de produzir seus próprios conhecimentos. Hoje, com a entrada dos indígenas nas universidades, a antropologia está melhorando cada vez mais esses conhecimentos. Entre os Waiwai já existem muitos pesquisadores que foram estudar nas universidades e alguns já estão fazendo pós-graduação em muitos cursos. Neste ano de 2025 vamos ter o primeiro doutor Waiwai em antropologia, o Alexandre Souza, que pesquisou o conhecimento “cosmotécnico” do arco e da flecha. O trabalho do Alexandre está dando uma grande contribuição para o conhecimento da antropologia que os *karaywa* fazem nas universidades e, mais importante ainda, acreditamos que será também muito importante para os próprios Waiwai.

A palavra “cosmotécnica” é um conceito que os antropólogos criaram para falar sobre outras formas de produzir conhecimento que são diferentes dos modos da ciência. Também chamamos esses modos de “metodologias”. A palavra “cosmotécnica” é formada por duas outras que são “cosmos” e “técnica” e a intenção dos antropólogos é mostrar que os conhecimentos que são diferentes da ciência não são simples quando a gente consegue entender que eles são produzidos com outras lógicas de entendimento. Quando a gente compreende estas outras lógicas podemos ver que elas possuem técnicas elaboradas.

### PĪRĪ YEHTOPO

Num dia de sol, os estudantes de ecologia foram fazer uma atividade para conhecer as roças na aldeia Jatapuzinho. No caminho, encontraram uma palmeira diferente, cheia de “cabelos”. Os moradores contaram uma história diferente: diziam que as crianças que comiam os frutos dessa árvore ficavam peludas quando cresciam. Essa história deixou todo mundo curioso e animado. Além de aprender sobre as plantas e a roça, os estudantes se divertiram com as histórias. Foi um dia cheio de descobertas! As prefoliações (*yatkîrî*) da palmeira *pîrî* são usadas para fazer diferentes tipos de manufaturas (*kahxapu*), como abano (*wayapamsî*) e bandeja (*weeci*), que auxiliam no preparo do beiju (*cuure erematantopo*). Antigamente, também se usava as prefoliações dessa palmeira (*pîrî yatkîrî*) para fazer jamaxin (*awci*).



Giulia Melilli Serbin

Palmeira *Pîrî*.

### PĪRĪ YEHTOPO

Kaamo me exitaw cehcanpokooockmu komo comota cewno poko toce, ahce na komo yenso Jatapuzinho pono komo maraîn pona. Ero yimaw esamayaw ñence pîrî yepu, anarmen eepu, twonuîyem, tîhpoxem wara. Ewto pono komo ero yehtopo ñekatinaxe. On wara rikomo komo pîrî yahyataw naxe tîhpoxe ro makî twormanceso ero yehtopo yentace ahnoro ro makî okyo ahce wa hara entaxi xa wasî kirwanhe kacho xakê, tahwore marha xatkeñe, cehcanhoketaw so naatî komo poko, maraî pono. Ero ke cehcanhokaxmu komo ero yehtopo ñekanyatkeñe poxwe ro makî, ero xakê kaamo ero yipu komo yentacho yîhtînotopo marha.

Material complementar: acesse aqui o livro de colorir com atividade de alfabetização.





Geneide Souza dos Santos

Frutos de uxi (*tawana*)

PROPOSTA DE ATIVIDADE: HISTÓRIA DE VIDA

A história que Aaka contou é um bom exemplo de conhecimento “cosmotécnico”. Quando ele resolveu experimentar aquela planta que o *poñko* estava usando, podemos entender que Aaka pegou um conhecimento do *poñko* e trouxe para os Waiwai. A metodologia que ele usou para fazer esta planta virar um remédio para os Waiwai é diferente, mas não é inferior à metodologia da ciência. Como ele mesmo explicou, todo mundo sabe disso, antigamente os humanos até conversavam com os animais e até hoje os mais velhos sabem que isso era normal. Isso, como vimos, é uma metodologia diferente de produzir conhecimento.

Outro bom exemplo de um conhecimento “cosmotécnico” dos Waiwai foi contato pelo antropólogo Alexandre na história quando ele fala do *Knawaru* (último capítulo deste livro). A partir destes exemplos, faça uma conversa com um pooco ou caaca que você conhece, explique para ele ou ela o que você aprendeu sobre o modo dos Waiwai produzir conhecimentos, explique para ele ou ela o que é o conhecimento “cosmotécnico” e pergunte se eles teriam outros conhecimentos “cosmotécnicos” para te contar.

Taa, Oroto Wekatimyas Caaca Pen Yehtoponho, Cewñe tî Xakñe Noro pen Mîimo Tho Yaw. Ero Yinñîrî Caaca Tho Tînahîrî Nîyeñe Tawana Mîimo Tho Yaw Kyam, Amñe Kokmamce Kosope Exitaw Takî tî Mokyañe Yawari Tîhnañe Yapunso Caaca pem Yaka Nîmye haka tî, toyî xa hara tî Yawari Panahra tî Xakñe, Amñe Caaca Nîrwonañe Yawari Poko Ahce wa wiiña Yawari pen kica Wîhyasî Oroto Cukuiwe ke kekñe taki Caaca pen. Amñe Caaca ñenukreñe Cukuiwe Ocoh. Anarî Kaamo enmapuce Caaca xa hara Nîhyekñe Tawana wooku me ciisom kyam tî nîyeñe kooso tî Cekñe hara Yîmîn mîtkoso Kosope Kaamo Exitaw Tîmreñe ya Takî Tî wopoyi kooso pen weñekarî Exitaw Yînapuhtîrî yahrîke Nîrwonañe Caaca pen. Ero wara Makî Nai Caaca pen Yehtoponho. (texto da Sulivania de Souza Gutierrez, aluna da Ecologia)



Giulia Meillli Serbin

Paari

Xakwaru wara rikomo waiwai tapota yahsitopo pokono

Como o Japim ensina as crianças waiwai a aprender as línguas

## 7. História das roças e quintais / *Mararî e Roro yehtopo*

Nas aldeias da TI Trombetas-Mapuera há muitas roças e quintais que circundam as moradias. As roças e quintais são de grande importância para os Waiwai e lá estão muitos alimentos. Olhando para as plantas podemos aprender sobre a história e modos de viver Waiwai. Vocês conhecem as plantas que estão em suas roças e quintais? Conhecem as histórias dessas plantas? Acompanhadas das donas e donos, observamos as plantas cultivadas que crescem nesses lugares. Vimos que as sementes, mudas e manivas circulam com as pessoas e animais por todo o território Waiwai, entre aldeias, florestas, quintais e roças. Algumas plantas são cultivadas pelos animais, como a pimenta, açaí e goiaba são cultivadas pelos pássaros. Outras plantas são escolhidas pelas pessoas e trazidas da mata para serem cultivadas nos quintais, como o buriti, patauá, açaí, bacaba, castanha e caju. Outras plantas são trazidas dos quintais e roças dos vizinhos e parentes, até de lugares mais distantes, como as aldeias dos parentes na Guiana e Mapuera. Algumas manivas que estão hoje no Jatapuzinho já haviam sido plantadas lá antigamente por outros povos e antigos habitantes. Outras plantas vieram da cidade, quando são compradas ou doadas pelos *karaywa* (não indígenas). Também há aquelas plantas que nascem quando as pessoas jogam as sementes no quintal depois de prepararem os sucos. Assim, as pessoas e os animais cuidam, cultivam e trocam uma grande variedade de plantas. Outra transformação no uso das plantas nos quintais foi a mudança dos telhados de algumas moradias, de palha de ubim para telhas da cidade.

Visitamos 20 quintais nas aldeias Jatapuzinho, Katual, Makará, Samaúma, Igarapé da Serra e Ahru. Aqui nessa tabela estão as plantas mais encontradas nos quintais:

Nome Waiwai	Nome português	Nome botânico
<i>oranci</i>	laranja	<i>Citrus sinensis</i>
<i>yoowu</i>	buriti	<i>Mauritia flexuosa</i>
<i>kokonatî</i>	coco	<i>Cocos nucifera</i>
<i>orosî</i>	caju	<i>Anacardium occidentale</i> e provável <i>Anacardium giganteum</i>
<i>xaa</i>	capim cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i>
<i>awataka</i>	goiaba	<i>Psidium guajava</i>
<i>mamkuru</i>	manga	<i>Mangifera indica</i>
<i>mamaya</i>	mamão	<i>Carica papaya</i>
<i>asîsî</i>	pimenta	<i>Capsicum spp.</i>
<i>kipixi</i>	ingá	<i>Inga edulis</i>
<i>kupuwasu</i>	cupuaçu	<i>Theobroma grandiflorum</i>
<i>xeere makaxera</i>	macaxeira	<i>Manihot esculenta</i>
<i>rimaw</i>	limão	<i>Citrus limon</i>
<i>tîtko</i>	castanha	<i>Bertholletia excelsa</i>
<i>akrakra</i>	maracujá	<i>Passiflora edulis</i>
<i>kuumu</i>	bacaba	<i>Oenocarpus bacaba</i>
<i>kwanamari</i>	patauá	<i>Oenocarpus bataua</i>
<i>paranci</i>	cana-de-açúcar	<i>Saccharum officinarum</i>
<i>tuxkma okohyopo</i>	banana	<i>Musa spp.</i>
<i>xeere ceypirpo</i>	mandioca	<i>Manihot esculenta</i>

Você sabe o que é o nome botânico de uma planta? Cada sociedade desenvolveu sua própria maneira de reconhecer e dar nome a uma planta. Os povos indígenas podem dar nomes diferentes para uma mesma planta. Por exemplo, o ingá, que em Waiwai é chamado de *kipixi*, para o povo Tuyuka é chamado de *Wiña mere*. Já os *karaywa* dão apenas um nome botânico para uma planta. Esse nome botânico é utilizado pela ciência *karaywa* no mundo todo e é composto por duas palavras escritas em latim, que correspondem ao gênero e espécie da planta (Manual de etnobotânica, 2017). O nome botânico do ingá pode ser *Inga edulis*. *Inga* é o nome do gênero, e *edulis* é o nome da espécie. Outro exemplo, *Mauritia flexuosa* é o nome botânico do buriti. *Mauritia* é o nome do gênero, e *flexuosa* é o nome da espécie. Em qualquer lugar do mundo o buriti será chamado pela botânica de *Mauritia flexuosa*.

Além dessas plantas, existe uma grande diversidade de outras plantas cuidadas e cultivadas nos quintais visitados: *aape, anan, apara, aparpî, asîsî, awataka, boldo, caana, cacau, caiwa, carambola, cerora, cerora waray, dende, ekexe, epemrutun, gengibre, kaawe, kamara panarî, karanaru, karayuru, kasaray kitipiriyeci, katwaru, kawe, wayara imo, kipixi kuyuru yewnarî, kipixi marwawana, kipixi potho, kipixi xipiri matko, kokonatî, krewetî, kueruru, kumu noto, kurawa, kuruni, kuumu yakwe yeuru, kuutu, kuxuxwi, kuyi, mamaya, mamkuru, manaka, marakasasa, mawrî, mentho, memkaru, meresiway, moope, napi, niipo, noku, onomto, oranci, oranci kawawano, oranci porintho, oromamne, orosî, osokmuru, parana, paranci, pari, peni, piîri, pirarucu, pixko repu pixko yewru, pomniko, ruumu, sawakwa, sawakwa imo, sawsa, tahxa, tanxirina, taratara, tutum, tuxkma, waapu, waiwî, warakapa, watwa yori, wayara imo, weriki, kapawu, wiira petarî, wohsa, worki, xaaka, xaari, xambo, xeere, xeremomicho, xohri picho, xokrewe, xoroxoro, xoroxoro imo, xueruru, yakari, yakwe yamoxoxon, yaypimka, yihso, yohta, yomi, yururi.*



Renan Torico

Abrindo a roça coletiva, Jatapuzinho 2024.



Giulia Melilli Serbin

Queima de roça.

Os Waiwai procuram um lugar bom para fazer roça e iniciar a plantação. Tem que ser um lugar que não inunda na época da chuva, pois na região tem muitos igarapés que alagam as partes baixas e muitas pessoas já perderam suas roças nos últimos anos por enchentes e alagamentos. Assim, os locais mais altos são melhores para fazer roça. Nas imagens do LiDAR, no capítulo 3, é possível ver essas regiões mais altas. Isso de procurar terra boa e lugar bom para viver é o que os Waiwai chamam de herança. Eles sabem que os mais antigos tinham vivido nesses lugares mais altos, que esses lugares são bons. Então, é comum que nas roças mais altas também tenham vestígios das aldeias antigas, com terra preta, cacos de cerâmica e machadinhos de pedra. Também procuram por um lugar sem saúva e outras formigas, pois elas prejudicam a roça.

Depois de escolher o lugar, começa a derrubada das árvores. Antigamente, derrubavam com machados de pedra. Hoje em dia pode ser com terçado, machado de metal ou motosserra. Após a derrubada, as madeiras serradas devem secar para que possa colocar fogo (isso ocorre normalmente nas épocas de seca, pois a chuva atrapalha a queima). Depois de queimar, a roça já pode ser plantada. Quando a roça é plantada, enquanto as mandiocas não são colhidas, tem que tirar os matos que crescem. Quando as mandiocas crescem e dão flores significa que já estão boas para coletar. Tem que proteger as roças porque os animais também gostam de comer seus alimentos. Atualmente, algumas roças estão ficando muito longe e fica muito difícil carregar o jamaxim.

“Em 2005 fundaram a comunidade Makará, gostei daqui pois a terra é boa. Lá no Jatapuzinho tinha muita saúva e descobriram que aqui a roça nascia bonita e não tinha saúva. Quando chegaram a mata alta já tinha pé de cacau, então já tinha indígenas aqui. Tinha também samaúma, era tudo aberto e limpo embaixo. Já tinha também *marakasasa* (para artesanato), tinha muito bambu para fazer flauta e ponta de flecha. Chegou aqui pois já vinham perto quebrar castanha. Tinha muitos pés de castanhas aqui.” (Rivelino, aldeia Makará)



Banana (*Tuxkma*).



Caju (*Orosi*).



Laranja (*Oranci*).



Mamão (*Mamaya*).



Manga (*Mamkuru*).



Patauá (*Kwanamari*).

2005 cimñipu po, nihciyakñe Makará yewitkmacho, kirwanhe roowo wenakñe tan. Jatapuzinho po re há xakñe merpora yawko pen, tan takí re há mararí natítwakñe kirwanhe ro makí naatí komo yawko komo keñehra marha xakñe. Amne oona mokuce so comota kawno komo xakñe tan ero chew tko xakñe hara, kakaw yepu. Ero ke wikesí xatkeñe tan tooto eníhní komo, xakñe marha oromami yepu, makatari amnora ro makí, xakñe, marakasasa, kahsom me cison, merpora xakñe ceesí raatí me ciisom, waiwí poturme ciisom me marha nay, oona kmokye títko yahkaxi merpora xakñe títko yepu pen komo tan.

Antigamente, as roças eram coletivas e o plantio e colheita eram coletivos também. Desde 1999 as roças passaram a ser divididas por família. Algumas pessoas dizem que gostavam dessa época pois era mais rápido o trabalho em grupo. Hoje em dia, as roças são das famílias, cada uma planta a sua roça. Em 2024, a comunidade Jatapuzinho abriu uma nova roça coletiva para usar suas colheitas nas festas.

Material complementar: Acesse aqui os vídeos da abertura da roça coletiva na aldeia Jatapuzinho, 2024.



Durante nossas atividades do projeto, visitamos as roças ao redor das aldeias, acompanhadas por suas donas e donos. As mandiocas (*xeere*) são as plantas mais encontradas, ocupam a maior parte do espaço cultivado e são um alimento muito valorizado. A importância das mandiocas pode ser vista pela grande quantidade de tipos (ou variedades) cultivadas nas roças das comunidades. Em 12 aldeias onde visitamos, encontramos 55 tipos de mandiocas cultivadas, e uma média de 12 variedades em cada roça. As variedades mais cultivadas são *kakmokin*, para fazer farinha, e *ceypîrpo*, *axukna* e *xurwa*, para fazer beiju. Algumas são mais difíceis de encontrar, como *yihso* e *mapokmo*, usadas para fazer uma bebida, mas tem que saber fazer, pois são venenosas. São apenas poucas mulheres, na maioria as mulheres mais velhas, que sabem fazer. A importância da mandioca para o povo Waiwai é também vista nas casas de farinhas e nas cozinhas, onde os alimentos derivados da mandioca são preparados para as festividades e para a alimentação do dia a dia, como as farinhas, beijus, tapioca, goma para os sucos e *papa*. No quadro abaixo apresentamos os nomes das variedades encontradas e a ilustração de algumas delas.



Preparando beiju (*cuure*).

Grúlia Melilli Serbin



Abertura da roça coletiva na aldeia Jatapuzinho, em 2024, vista de cima pelo drone.

Renan Torco



Mandiocas (*xeere*).

Sara Coelho






Além das mandiocas, existe uma grande diversidade de outras plantas cuidadas e cultivadas nas roças visitadas: *ahru*, *akrakra* (maracujá do mato), *apara* (abacaxi), *aparpi* (pupunha), *asîsî* (pimenta), *caiwa* (cacau do mato), *cerora*, *karamtu imo*, *karanaru*, *katwaru*, *kecekere* (angelim-ferro), *kipixi* (ingá), *krewetî*, *kumho*, *kupuwasu* (cupuaçu), *kuumu* (bacaba), *kuupa*, *kuxni*, *kuxuxwi*, *kuyi*, *kwanamari*, *kwanapicho*, *mamaya* (mamão), *mamkuru* (manga), *manaka* (açai), *marawa*, *mawrî* (algodão), *mentho* (tucumã), *mîina* (ubim), *moope* (taperebá), *moope imo*, *murumuru*, *naapi* (cará), *nîipo* (piquiá), *noku*, *okoropo* (massaranduba), *oranci* (laranja), *oromamne* (samaúma), *orosî* (caju), *paranci* (cana), *paari* (batata-doce), *paaciya* (melancia), *peeca*, *pîiri*, *pixko yewru*, *taratara* (embaúba), *taratara waima*, *tîtko* (castanha), *tuuwa* (arumã), *tuxkma* (banana), *umawa* (timbó), *waapu* (açai), *waiwî* (flecha), *wataki*, *xaari* (bambu), *xohri picho*, *xueruru*, *yakwe yamoxoxon*, *yawara poniko etoti* e *yoowu* (buriti).

Nas roças e quintais há diferentes tipos ou variedades de *apara*, *asîsî*, *naapi*, *paranci*, *paari* e *tuxkma*. No quadro a seguir apresentamos os nomes das variedades dessas plantas.



Aaka e Coy, em sua roça na comunidade Ahru.

Carlos Machado Dias Jr.

Planta	Variedade	Lugar	
Abacaxi Apara	atroari	quintal	
	caka	roça e quintal	
	guiana	quintal	
	imo	roça e quintal	
	kamara pitho	roça e quintal	
	kayana	roça e quintal	

Pimenta

Asîsî

Planta	Variedade	Lugar
	ayinim	roça e quintal
	cuyuye enaram	roça
	kanayme	roça
	makuxi	roça
	paxki wetî	roça e quintal
	pinipici	quintal

Giulia Meilli Serbin e de Sara Coelho

Planta

Variedade

Lugar

Planta	Variedade	Lugar
	pirikintum	quintal
	porin	quintal
	potucici	roça e quintal
	poxuem	quintal
	tamnonem	quintal
	tayinem	quintal

Pimenta

Asîsî

Giulia Meilli Serbin e de Sara Coelho

Xakwaru wara rikomo waiwai tapota yahsitopo pokono

**Pimenta**  
**Asísí**

Planta	Variedade	Lugar
	tixewekem	quintal
	xoroxoro	quintal
	xoroxoro imo	quintal
	yaya imo	quintal
	yewkramtu	quintal
	yuruma	quintal

Giúlia Meilli Serbin e de Sara Coelho

**Planta** **Variedade** **Lugar**





Planta	Variedade	Lugar
	cicwiye	roça
	cucurem	roça
	mapitu	roça e quintal
	pakako	roça e quintal
	tamkacurem	roça
	tayaskayem	roça
	tumutwem	roça
	yewnamomo	roça e quintal
	yrtapapa	quintal

**Cará**  
**Naapi**

Giúlia Meilli Serbin e de Sara Coelho

Planta	Variedade	Lugar			
Cana	Paranci	atroari	roça e quintal		
		kmewrem	roça e quintal		
		xiwiri	roça e quintal		
Batata-doce	Paari	anauá	roça		
		cicwiye	roça e quintal		
		cîmîkno	quintal		
		cucurem	roça e quintal		
		kewyatîrî	quintal		
		macucu	roça e quintal		
		marahxixi	roça e quintal		
		maraxexe	quintal		
		tixewekem	roça e quintal		
		tumutwem	roça e quintal		
		wakanama <i>pitho</i>	roça		





Giulia Meilli Serbin e de Sara Coelho

Planta	Variedade	Lugar			
Banana	Tuxkma	aporci	quintal		
		atroari	quintal		
		cîmîkno	roça e quintal		
		karaioatho	roça		
		karaywa	roça e quintal		
		kumiri	roça e quintal		
		kwoto matko	roça e quintal		
		marimso	roça e quintal		
		markaru	roça		
		marpaci	roça e quintal		






Giulia Meilli Serbin e de Sara Coelho

Planta	Variedade	Lugar	
<b>Banana</b> <i>Tuxkma</i>	menkari	roça	
	okohyopo	roça e quintal	
	okohyopo waima	roça	
	papayari	quintal	
	parana	roça e quintal	
	payahcucu	roça e quintal	
	payaya	roça e quintal	
	pewyo	roça e quintal	
	pokuntho	roça e quintal	




Giulia Meilli Serbin e de Sara Coelho

Planta	Variedade	Lugar	
<b>Banana</b> <i>Tuxkma</i>	waima matka	roça e quintal	
	wapuhya	roça e quintal	
	yakakawa	quintal	
	yakayaka	roça e quintal	
	yakayakathi	roça	
	yumari	roça e quintal	






Giulia Meilli Serbin e de Sara Coelho

Planta		Variedade	Lugar	
Mandioca	Xeere	atroari	roça e quintal	
		axukna	roça e quintal	
		bateria	roça e quintal	
		belém	roça	
		brasilía	roça	
		cayuma	roça	

Giulia Meilli Serbin e de Sara Coelho

Planta		Variedade	Lugar	
Mandioca	Xeere	cehmutwem	roça	
		ceypurpo	roça e quintal	
		cicwiye	roça	
		entre rios	roça e quintal	
		hixkariyana	roça e quintal	
		kahyana	roça e quintal	

Giulia Meilli Serbin e de Sara Coelho

Planta	Variedade	Lugar		
Mandioca	Xeere	kakmokin	roça e quintal	
		kanar	roça	
		karapa yepu	roça e quintal	
		karapapo	roça	
		kassaua	roça	
		kaxkmi	roça	

Giulia Meilili Serbin e de Sara Coelho

Planta	Variedade	Lugar		
Mandioca	Xeere	kayana	roça	
		kmura kmura	roça	
		kwacipo yeepe	roça	
		letem	roça	
		macarrão	quintal	
		makaxera	roça e quintal	
		makaxera cucurem	roça	
		makaxera manteguinha	quintal	

Giulia Meilili Serbin e de Sara Coelho

Mandioca

Xeere

Planta	Variedade	Lugar
	makaxera tarson	quintal
	makaxera tixewekem	quintal
	makaxera tumutwem	roça e quintal
	manaus	roça
	manteiga	roça e quintal
	mapokmo	roça
	mawapo	roça e quintal
	mayango	roça
	meretweyu	roça



Giulia Meilli Serbin e de Sara Coelho

Planta

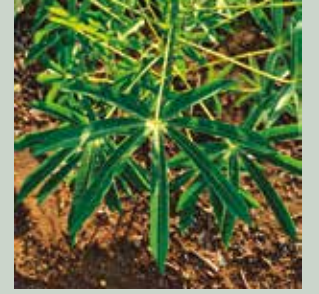
Variedade

Lugar

Planta	Variedade	Lugar
	orohantuse	roça
	ouro preto	roça
	para	roça
	pica pau	roça e quintal
	rosita	roça
	sueyana	roça
	tariswayem	quintal
	tîmkacurem	roça




Mandioca

Xeere



Giulia Meilli Serbin e de Sara Coelho

Xakwaru wara rik'omo waiwai tapota yahsitopo pokono

Planta	Variedade	Lugar		
Mandioca	Xeere	tiriwonim	roça	
		tîrwonem	roça	
		tixewekem	roça	
		torouopo	quintal	
		truwaru	quintal	
		tumutwem	roça	
		tutumpo	roça e quintal	
		valdemar	quintal	
		wanhamtu	roça	
		watpo	roça	
xaari yaken	roça			

Giulia Meilli Serbin e de Sara Coelho

Planta	Variedade	Lugar		
Mandioca	Xeere	xiiku	roça e quintal	
		xurwa	roça e quintal	
		yapinipici	roça	
		yaxkixki	roça e quintal	
		yihso	roça e quintal	
		yumankanuho	roça	

Giulia Meilli Serbin e de Sara Coelho

Xakwaru wara rikomo waiwai tapota yahsitopo pokono

## PROPOSTA DE ATIVIDADE: EXPLORANDO O CONHECIMENTO SOBRE AS PLANTAS DAS ROÇAS

**Objetivo da Atividade:** Promover o aprendizado sobre o conhecimento tradicional dos Waiwai a respeito das plantas da floresta, suas propriedades e seu papel no território, por meio de uma turnê guiada com conhecedores locais.

### Preparação (Antes da Turnê)

- Dividir os alunos e alunas em grupos de 4 a 6 integrantes.
- Selecionar um ou mais conhecedores locais, como anciãos ou outros membros da comunidade com profundo conhecimento das roças.
- Definir os locais para a turnê guiada, considerando áreas acessíveis e com diversidade de plantas.
- Fornecer orientações aos alunos e alunas sobre respeito à cultura local e as práticas de registro de informações.

Durante a turnê, cada grupo deve acompanhar o conhecedor local, que será o guia da caminhada, conduzindo o percurso na roça. Os alunos e alunas devem fazer perguntas abertas, como: "Qual o nome desta planta?"; "Quais os usos dela?"; "Há alguma história ou tradição associada a esta planta?"

Registrar o máximo de informações possíveis sobre as plantas mencionadas, incluindo: Nome indígena e, se conhecido, o nome em português ou científico; Usos (alimentação, medicina, construção, rituais, entre outros); Habitat ou características das plantas (onde são encontradas, época do ano em que frutificam, etc.); Sempre pedir permissão antes de fotografar ou coletar qualquer planta.

Após o passeio, os grupos devem organizar as informações coletadas e selecionar as plantas que consideram mais interessantes para a apresentação final.

Cada grupo deve criar uma apresentação, que pode ser feita em cartolina ou outro suporte visual, contendo: Fotos ou desenhos das plantas mencionadas; Nome indígena e possíveis traduções; Usos e outras informações relevantes obtidas durante a turnê; Reflexões sobre a importância do conhecimento tradicional para a preservação do território.

**Apresentação e Compartilhamento:** Os grupos devem apresentar suas cartolinas para a turma e, se possível, para outros membros da comunidade; As apresentações podem ser feitas em um evento comunitário ou na escola, valorizando a troca de conhecimentos entre os alunos e alunas e a comunidade.

**Resultados Esperados:** Estimular o interesse dos alunos e alunas pelo conhecimento tradicional e pela biodiversidade local; Contribuir para a valorização do saber indígena e da interação entre gerações; Produzir materiais visuais que possam ser utilizados como ferramentas educativas na escola ou na aldeia.



Giulia Mellini Serbin

Ralando o Paari para fazer suco. Esse tipo de ralador é usado desde antigamente, como escutamos as histórias e vemos os registros nos museus.

## 8. História do arco



Alexandre A. de Souza



Alexandre A. de Souza



Sara Coelho

Krapa yepu pé de arco, na comunidade Katual abril 2024.

## 8. Krapa yehtopo

Taa on wekatîmyas hara kîuya so krapa pokono tapota, on wara men wa nasî krapa yehtopo ha kopi comota cheuno makî mîkro krapa mooxe cehsom makî euto yai, apasu cheu exihra marha nasî noro îpî waipo so makî nasî comota rakatau ero wara nasî noro yehtopo. on wara marha nasî krapa tosomkem men mikro noro ha pepeyuru men nasî noro yosom me arapapetî marha nasî yîisom me ero wara nasî noro yehtopo. yaake marha nasî krapa poyeno komo, on wicakî nasî Kapayo krapan, pakra krapan kexe anarî komo erotho poka ero nas atumnapiñe xamape marha nasî yupun ero wara nasî noxamro krapan ero ke thakwa ausunra nay krapa yakache kîuya ha.

Anarî takî nasî hara yakwe yeunarî krapa kmeurem, nasî marha mewuhnî cucurem makî atumnarî ero re nasî krapa me ciriche tausune nas apotkmîkî marha krapa xe xa me exirke ero wara nas krapa yanan komo yosotî Waiwai komo yaino tan on ehtopo.

On wara marha nas krapa yehtopo, ixatî komo neporaxe comota chere mooxe ehso cexe, ito marha nametu niraketu marha, yîrakaxapu takî nekyatu cehcemaxmu me kacipara ke, ero yimau cehcematikache pakra yorî ke nîhwexe krapa me cehsoro, yake men nay krapa ciisom komo, tamnonem, papakyem, tîmkakokyem me marha nîhwexe yîhtînone komo, ero yimau krewetî takî nekposaxe auyaci me ehtome kirwanhe me xa ehtome tak tasom me comota cheka waiwî yarmane me ehtome ero wara nasî noro yehtopo.

### WAIWÎ YEHTOPO

Taa on wara reha nasî Waiwî anarmerpaso men nasî noro yehtopo hara, kîîrî yemyauno me makî nasî, noro makî neyamyasî roowo cheka tamnone ehtome marha waiwî yupun, anarî re nas hara Waiwî woomam komo neyamutho mararî mapitaka papakye woxam niritho kaxi, ero yipu thakua kirwanhe wotopo mera nas papakye exirke, ero wara nasî Waiwî yehtopo.

Waiwî marha nas twonîye esepantopo tî mikro wonîn panahno exitau tooto amorî noro pen wonîresî ero wara marha nasî noro yehtopo hara. Mararî mapitaka mak ero yipu ceyamyasî, amne pormance tousom me nas noro, kaporî yakwerexapu yîhkotonhîrî xa hara yecenaro tîhkoces há ero wara nas, on wara marha ciirasî ero ha tuuna ke tîkorokes axawa kenarî yakro wonîn toutome ero yimau kaamo cheka marha ciirasî yuskuypantome, yuskuipantikache tak tupurasî wehto pona pepesmarî me pexumkachome patau cehsoro, twerî tko takî ciirasî mîimo yantaka tîsîñem ñeexa ciisom mak mîkro xîkîwî apura ehtome hatî ero wara nasî waiwî yehtopo wîkes kîuyaso.

On wara nasî Waiwî pexunkaxapu yuskuipanxapu marha tapohtosom me nasî ero, yihcirme ka apohtoxe kexitau on wara cihciyasî, Waiwî cexpore pexumkaxapu taa, maani marha cixapu, taa pauxî yaporî esemtakan, taa krewetî eikaxapu, taa mauyuru yakwe mauyuru anarimau xaapi kworo komo pooci rma ha ero wara nasî noro yapohtopo potkem marha mîkro Waiwî, pohcukyem, wenpo, ciyaxkem, yoswa, raapu yocho ero wara ciisom mîkro waiwî komo ha ero wara nasî noro hara.

Material complementar: Assista ao documentário sobre a produção do kmarawete okomkîrisî com Asakno e Kîrîñaw no Kataual, e a caçada de Yapoxi Caruma. Vídeo de Carlos Machado Dias.



Mutum (Pawxi).



Catitu (Pakra).



Arara azul (Xaapi).



Paca (Wiira).

Jonias Souza da Silva

## 9. Histórias dos animais, caça e pesca

Outras fontes de comida muito importantes para os Waiwai são os animais e peixes da caça e pesca. Na tabela a seguir temos alguns exemplos dos animais encontrados na TI.

Animais de caça	Waiwai	Aves de caça	Waiwai	Peixes	Waiwai
Porcão	<i>Poñko</i>	Mutum	<i>Pawxi</i>	Trairão	<i>Aymara</i>
Anta	<i>Yaypî</i>	Nambu	<i>Potwo</i>	Surubim	<i>Okoropicho</i>
Queixada	<i>Poñko</i>	Arara	<i>Kworo</i>	Piau	<i>Kmamu</i>
Macaco prego	<i>Meeku</i>	Tucano	<i>Yakwe</i>	Pacu	<i>Pakuci</i>
Guariba	<i>Xipîrî</i>	Cujubim	<i>Kuyuwî</i>	Mandim	<i>Warakaka</i>
Macaco preto	<i>Poroto cicipiyem</i>			Pirarara	<i>Kworoymo</i>
Paca	<i>Wiñra</i>			Filhote	<i>Piyoci</i>
Veado	<i>Kooso</i>			Curimatã	<i>Poosu</i>
Tatu	<i>Kapayo</i>			Piaba	<i>Kutakru</i>
Jacaré	<i>Watwa</i>			Piranha	<i>Poni</i>
Catitu	<i>Pakra</i>			Tucunaré	<i>Parana</i>
Cutia	<i>Akri</i>			Peixe cachorro	<i>Reeyu</i>
Macaco aranha	<i>Poroto</i>			Jandiá	<i>Kanamuruku</i>
Jabuti	<i>Wayamu</i>				<i>Paxixi</i>
Tamanduá	<i>Amanci</i>				<i>Eresi</i>
				Bocão	<i>Purapurari</i>
				Arraia	<i>Xpari</i>

Normalmente a caça é realizada na floresta, em áreas alagadas, onde tem buriti que as antas e o porcão comem, e na beira do rio também, onde tem várias árvores que servem de alimento para os animais. A pesca ocorre nos rios Jatapu e Jatapuzinho, mas outro local muito importante para a pesca são os lagos e poções. Tem muita fruta beirando os rios. Não cortam essas plantas para atrair os peixes.

Com o tempo, estão percebendo que os animais estão cada vez mais longe. Para caçar, tem que ir para longe, pois os animais não chegam mais tão perto das aldeias. Para pescar também tem que ir longe. Atualmente a caça é feita com rifle (arma), antigamente usavam o arco e a flecha para caçar.

Os Waiwai criaram áreas de poupança (*comota apehñî*), que são longes e consideradas importantes para conservar os animais nesses locais para não acabar. Lá, na região de poupança, não pode caçar, apenas tirar os frutos. Assim, os animais aumentam.

## 9. Onokena komo yehtopo



Igor Morais Mariano Rodrigues

Ponta de flecha de pedra encontrada no porto da aldeia Laranjinha pela *cacaa* Cawiri.



Jonias Souza da Silva

## HISTÓRIA DO PETARU

Há muito tempo atrás, existia um homem que não tinha filhos pois a sua esposa não conseguia engravidar. Eles resolveram criar uma cobra sucuri. O homem encontrou um filhote de sucuri grande e o colocou numa cerâmica e cuidava do animal. Ele o alimentava todos os dias para que o filhote crescesse. A cobra que se chamava Petaru cresceu e ficou bem grande. Um dia, o homem resolveu ir caçar no mato para alimentar o seu animal e acabou matando um caititu e uma cutia. Um menino passou correndo bem na frente da cobra Petaru e falou que seu dono matou um caititu e uma cutia, mas ele iria dar só a cutia para ela comer. Então, a cobra sucuri ficou brava e matou o seu próprio criador, levando-o, em seguida, para à margem do rio Mapuera. A esposa do homem ficou muito triste e resolveu procurar o pajé. Quando o encontrou, ele aceitou seu pedido de ajuda e falou tudo o que necessitava ser feito. Então, o pajé mandou lontras e os ariranhas irem procurar a cobra sucuri. Elas a encontraram e logo em seguida envenenaram o rio com timbó bem forte. A cobra sucuri saiu do rio e acabaram matando-a, puxando o seu corpo para cima de uma pedra. Até hoje a pedra onde ocorreu a história dos nossos antepassados é conhecida. O local onde ocorreu a história fica bem próximo da Aldeia Bateria. (texto do José Xokokpo Wai wai, aluno da Ecologia)

## HISTÓRIA DA ARANHA E A PREGUIÇA

A aranha dizia à preguiça:

- Cunhado! você consegue andar sobre a escada?
- Sim, respondeu preguiça, sei andar sobre a escada.

E perguntou novamente a aranha:

- Será que seus braços não cansam até chegar lá? A preguiça disse sim!

Então a aranha fez escada até a outra margem do rio. a preguiça começou a andar sobre escada, e dizia “ os meus braços não são fracos ” caminhava, caminhava e custava muitas horas pra chegar, quando chegou ao meio dia ela estava no meio da viagem em cima no meio do rio, o sol queimava suas costas de tanto ficar no sol. Por isso as costas de preguiça são meio queimadas de sol e os braços são tortos de tanto esforço que faz no caminho longo, se segurando para não cair da escada. antes preguiça era normal. E por causa dessa ida sobre a escada, hoje seus braços entortaram e também suas costas.

(Texto de Felipe Wai Wai publicado no Histórias do povo Wai Wai. In: CARVALHO, Fábio Almeida de; FONSECA, Isabel Maria; RAPOSO, Celino Alexandre (orgs.). *Leitura e textos indígenas*. Boa Vista, RR: Editora da UFRR, 2019. p. 100-119.)

## PETARU YEHTOPONHO

Taa, on wara tî pahxa xakñe tooto yimxitan thakwa tî mîkî xakñe yipici okwe, ero yinhîrî tî. on wara kekñe cipici ya. okoymo tipormamnorî yimxîkîhra thakwa tasî okwe kekñe tî cipici ya. amñe tî iîño nahsîyakñe okoymo xikrî, tahñem yaka tî nênkayatkekênê. amñe pahkî nhe exîche takî tahñem tho nahkekñe, porinme xa takî ñehtikekñe okoymo. Taa amñe tî osomu cekñe esetakaxî tooku yotî yeposo ero yimaw tî wekñe (pakña-akri), wara wekñe, amñe tî rikomo cekñe petaru yaka: onwara tî kekñe petaru ya, awosom nîwo pakña-akri wara ero yimaw tko akri tho makî naañakñe petaru yotî, eroke wayihkekñe tosomunhîrî okwe. twacanthîrî marha tî macakekñe ñemahciyakñe makî ero yimaw. taa ero yimaw takî tî woomam yîñonho cekñe yaskomo yaka, wayihkatopo poko tî nîmtapowakñe yaskomo yakro, ero yimaw takî ñeñepokñe wayawaya komo petaru yeposo uuma tî mokyatkekñe wayawaya komo petaru pen censoro enîche takî tî wayihketkekñe nihxikyatkekeñe toopu pona yupun thîrî, erowa xakñe pahxa petaru pen yehtoponho. oroto rma nay ero toopu tîhtînosom me ewto Bateria mahyaw okoymo koto kacho me. (texto do José Xokokpo Wai wai, aluno da Ecologia).

## MOYOSÍ XOHRI KOMO YEHTOPO

On wara tî kekñe moyosî xohri ya.

– Poymo tîtosom amoro ha ehyu porê? kekñe tî xohri ya.

– Onwara tak tî neyukyañe xohri nhnk kiwcesî romak ha kekñe tî xohri, onwara xa hara tî kenhe mosoyosî.

– Apowaypura re may ha kekne tî yiwyá? nhnk romak ha kekne tî xohri. ero ke takî tî niñakne ehyu moyosî eeco ponaroro maki. cekñe tak tî xohri, on wara tî kekñe tîtorî me apowaiipîni romak ow hakwe, kekñe tî xohri, cekñe tî cekne tî cekñe tî pahkî ro makî kamarakataw cehso ro, eepu yepoy tî xakñe kamarakataw exitaw ñecakyañe ro makî tî yimkari kaamo chew exirke.

Eroke tî wa nay yimkari eahxapuwara aporî marha nay wowwa totoponhîrî mooxe, kirwanînhiri tika mik xanher xohri pahxa. erowa ehtoponhîrî poyero tak tiwa nay oroto apori kixixpe, yimkari marha.

(Texto de Felipe Wai Wai publicado no Histórias do povo Wai Wai. In: CARVALHO, Fábio Almeida de; FONSECA, Isabel Maria; RAPOSO, Celino Alexandre (orgs.). *Leitura e textos indígenas*. Boa Vista, RR: Editora da UFRR, 2019. p. 100-119.)

## HISTÓRIA DO VEADO

Além de comer a carne do veado, os antigos usavam o chifre do animal para apertar a ponta de flecha e com o osso do fêmur fazer flauta. Antigamente usavam esse instrumento musical para acompanhar as danças. Para enfeitar a flauta colocam pena de arara. Ossos de onça também eram usados para fazer flautas.

Alexandre, Xamen, Yapoxi e Igor viram diversos desses instrumentos em suas visitas aos museus na Europa.

Num tempo muito mais antigo, quando as pontas de flecha ainda eram feitas de pedra, para ajustar a ponta e dar os retoques finais no lascamento, também era usada a ponta do chifre do veado para pressionar contra a pedra, fazendo sair pequenas lasquinhas de retoque. Na comunidade Laranjinha, *caca* Cawiri encontrou uma dessas pontas de flecha antigas muito bonitas.

## DENTE DO MACACO PREGO

O macaco dorme em cima do *yawara*, que é uma árvore com espinhos. Quando um espinho fura a pele de alguém, se esquentar o dente do macaco no fogo e colocar onde o espinho está o espinho sai. Para a ferrada de arraia usa alho e para a mordida de jararacá (*kamaxakari*) usa a gordura do porcão.

Material complementar: acesse aqui um material em pdf com exemplares de manufaturas (*kahxapu*) visitadas em museus na Europa.

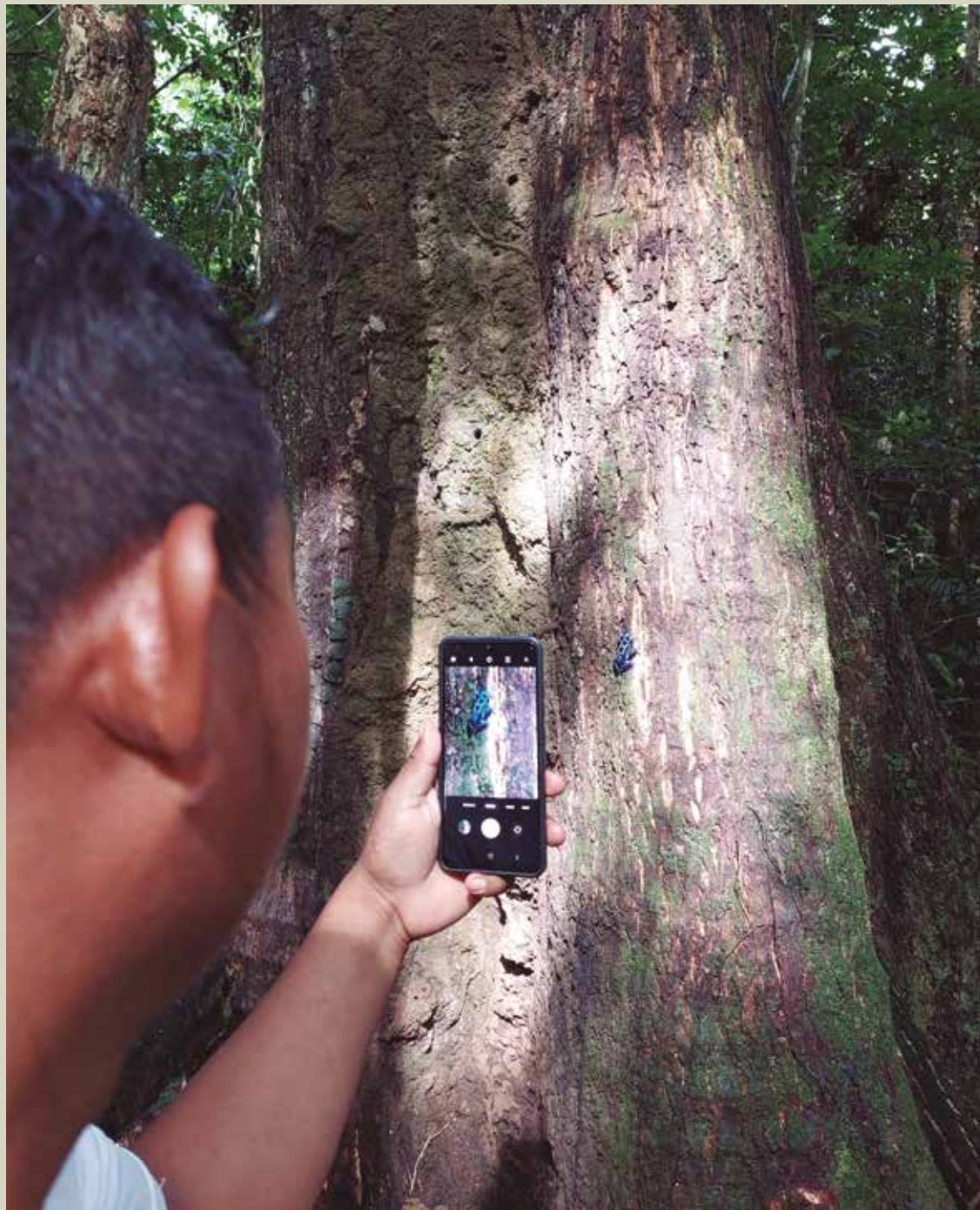


Flauta feita com osso de veado.

MVD, Staatliche Kunstsammlungen Dresden, Foto: Sylvia Pereira

## PROPOSTA DE ATIVIDADE: EXPLORANDO O CONHECIMENTO POR MEIO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

**Objetivo da Atividade:** Desenvolver habilidades de escuta, registro e valorização do conhecimento tradicional e cultural da comunidade, utilizando o método de entrevista semiestruturada para explorar temas relevantes sobre o saber local.



Tirando foto do sapinho na árvore de castanha.

Giulia Melilli Serbin

## ETAPAS DA ATIVIDADE

### Preparação (Antes da Entrevista)

**Escolha do Tema:** Cada aluno ou grupo (dependendo da organização) deve selecionar um tema relacionado à cultura ou conhecimento local, como animais, plantas, roças, histórias antigas, artesanato, língua indígena, pinturas corporais e celebrações tradicionais

**Planejamento do Roteiro:** Orientar os alunos e alunas a criar um roteiro com perguntas abertas, que incentivem o entrevistado a compartilhar histórias, detalhes e reflexões sobre o tema escolhido. Exemplos de perguntas: Para o tema "Animais": "Quais locais os animais são caçados?" ou "Como era a caça com o arco e flecha, quais as etapas para elaboração do arco, flecha, veneno?"; Para o tema "Histórias antigas": "Quais são as histórias que você ouviu dos seus pais ou avós?" Para o tema "Roças": "Como vocês escolhem o local para plantar?" ou "Quais plantas são mais importantes na roça?"

### Escolha do Entrevistado

Cada aluno ou grupo deve escolher um membro da família ou da comunidade para entrevistar, como pais, avós, tios ou outros conhecedores do tema escolhido.

### Realização da Entrevista

**Local e Ambiente:** Realizar a entrevista em um local tranquilo e familiar, onde o entrevistado se sinta à vontade.

**Condução:** Seguir o roteiro, mas estar aberto a explorar respostas interessantes e permitir que o entrevistado conduza a conversa; usar um gravador de áudio ou um caderno para registrar as respostas (sempre pedindo permissão antes de gravar); Demonstrar respeito e interesse pelas histórias e informações compartilhadas;

**Flexibilidade:** Adaptar as perguntas ao longo da conversa, dependendo das respostas e do fluxo da narrativa.

### Análise das Respostas

Após a entrevista, cada aluno ou grupo deve revisar o material coletado, organizando as informações de forma clara e coerente. Refletir sobre o significado das respostas e a relação delas com o tema escolhido.

### Produção de Texto e Apresentação

**Produção do Texto:** Escrever um texto baseado nas informações obtidas, destacando os principais pontos e aprendizados. O texto pode incluir: Introdução sobre o tema e o entrevistado, Informações coletadas durante a entrevista, Reflexão sobre a importância do conhecimento compartilhado.

**Apresentação:** Cada aluno ou grupo deve compartilhar seu texto com a turma, podendo complementar com desenhos, fotos ou gravações feitas durante a atividade.

**Resultados Esperados:** Incentivar a interação entre gerações, valorizando o conhecimento tradicional e cultural, desenvolver habilidades de comunicação, escuta e escrita e produzir materiais que reflitam a riqueza dos saberes locais e possam ser usados como ferramentas educativas na escola e na comunidade.

## 10. Segredo do Knawaru

O segredo do *knawaru* da floresta: Regra que o jovem precisa saber

Esta é uma narrativa do povo Waiwai, que é utilizada para transmitir lição sobre os valores morais, educacionais e culturais aos ouvintes que se interessam em embarcar nos processos de cura que existem nas florestas. Nesta ocasião, contado por Kanarca no dia 20 de julho de 2024, ele inicia a história relembrando do seu pai Yukuma e tios por parte do seu pai, que foram os que apresentaram a ele um pouco sobre os segredos do anfíbio, *knawaru*, na língua materna, esta espécie que vive na floresta adentro e não pode ser encontrado facilmente. Relata que, há muito tempo atrás existia um homem chamado de Mawanaru, certo dia ele saiu junto com seu jovem filho de, aproximadamente, 13 anos, rumo a uma pescaria que seria feita com o uso de matapi no igarapé, mas quando os dois estavam a caminho avistaram um animal, uma irara, que estava muito manso, porém, este animal não era o que estava aparentando ser naquele momento, na verdade ele era o *knawaru*, da espécie *knawaru* da onça/*kamara knawarun*, que havia se transformado em irara, e então quando o Mawanaru viu que a irara se aproximara resolveu surrar nas costas do animal com uma vara, assim ele foi embora, e então continuaram a caminhada por muitas horas até o local da pescaria, na intenção de pescar trairão, ao chegarem lá, escolheram um ponto estratégico para acampar.

## 10. Knawaru yehtopo entanî yentamexpotopo

Twerî men esko Knawaru yekamacho poko

Comunidade Indígena Laranjinha, Terra Indígena Trombetas Mapuera, Geraldo Kanahca 2024

Taa, mîkî kyam entaxe wasî, knawaru yehtopo ahceway xa mikro ke? ahtoxa mokyê? onoke kom ñenpoce ero yipu komo? onoke komo yana yai enxapu ananimaw entaxapu? Taa parîkwoto komo yaino katî katwena komo yaino katî mikro? Ahcewa cekamaxmu mikro ahto cena ero yipu? Kacho komo kyam twa entaxe wasî, ekatîmra thakwa apapa komo exirke thakwa owya marha ero yipu poko ha wîkesî, exitaw ahyaw, on warai mikro ketaw awya kirwanhe cmare nas ha, nhnk? Mîkî was hake ekatîmxapu kyam makî enîhra rma tko was ou ha ekatîmxapu ero wa tî xakñe kacho kyam makî pooco pen komo yai há, on wara há knawaru pokono asakî twa nay knawaru ketu ha yaronno tho xa há (*verdadero*) nay takî knawaru anaritho tohnawno (falso) mîkî hat knawaru yaronno tho xa yekamache kirwanhe twa awîra ha, ahcewa so na kirihra ro makî, mîkî takî hatî retî knawaru tohnaw exitaw takî há apoko takî twa ñetakîche kamara me, ero ke twa anarmeso kokwatu há nhnk? Knawaru noro xexa knawaru, pataw makî nîke ehsamara, knawaru tho takî kamara me cetakîtosom ñehsame takî wa há kokwa kwa,kwa, kwa ke ero makî, ñetikmanya rma hare, kwa ke rma takî hara yamoro, noro tî mikro ekametaw hat kiwya kirwanhe rma tîre wa nay há knawaru rma tî re mikro há cetakîtosom hatko tî yiwya so, ero wa tî ñetakîcekñe yiwya so pahxa hatî ketkeñe tî kpocon pen komo. Onoke yaino na mikro há parikwoto komo yaino hatî, parikwoto komo takî makî xatkeñe hake



Neste ponto, considerado ideal, armaram as suas redes e o pai, Mawanaru, logo foi colocando o anzol e também o matapi na água, no seu retorno ao acampamento ele rapidamente caiu no sono profundo, à meia noite o *knawaru* começou a cantar, kwa, kwa, kwa, enquanto o pai do menino estava dormindo, o menino estava ouvindo, e começou a ficar com muito medo, ele tentou acordar o seu pai dizendo: papai tem um bicho cantando aqui, mas o seu pai não respondia. O *knawaru* se aproximava cada vez mais do acampamento, e o medo no menino aumentava também, foi então que o *knawaru* chegou bem pertinho do menino e como se fosse gente, falou perguntando: você é o filho do velho que me surrou, que bateu nas minhas costas? Disse o anfíbio para o filho de Mawanaru em voz de pessoa. O menino tomado pelo medo, rapidamente foi acordar seu pai e disse: papai, papai acorda, o *knawaru* está chamando por você, mas quando o pai acordava, o *knawaru* ficava em silêncio, como ele não ouvia o anfíbio falando ele dizia para o seu filho ir dormir, dizendo que não havia nada ali. Quando Mawanaru retornava a dormir o *knawaru* começava a chamar por ele novamente, o menino já com muito medo, pensou: - vou subir na árvore mais alta me proteger, mas rapidamente lembrou-se do seu pai que estava dormindo e resolveu ficar por perto, nesse momento Mawanaru acordou rapidamente e disse para o seu filho ir dormir, que ele estava atrapalhando o sono dele, então o menino ficou quieto e observando a aproximação do *knawaru*. Quando o pai caiu no sono novamente, o *knawaru* se aproximou ainda mais dele, e quando o menino novamente chegou perto do seu pai, ele presenciou o sapinho se transformando em onça e logo derrubando o seu pai da rede, a onça mordeu-o no pescoço, dessa forma, matando o velho Mawanaru. O filho ficou muito desesperado e chorando, ele permaneceu ali até o amanhecer, e bem cedinho retornou à sua casa e avisou os seus familiares sobre o ocorrido da forma como aconteceu, em que o *knawaru* matou seu pai e que esse mesmo sapinho também falava como humano e se transformou em um grande animal feroz da floresta, a onça pintada, e ele presenciou tudo isso, viu o seu pai sendo levado e devorado pela onça. Com isso, ficam os ensinamentos para os jovens, para que prestem bastante atenção quando forem pensar em escolher a sua medicação feita com o *knawaru*, porque existem algumas espécies de *knawaru* que são chamadas de *knawaru* falso, que podem causar um efeito negativo em quem usa, onde a pessoa tem muitas visões errôneas da realidade, enquanto o outro *knawaru* próprio para ser usado em curas masculinas, para se tornarem bons de alvos, segundo os Waiwai.



Marcelo Gordo, 2013

yihcirme, ero yimaw twa osotî komo ñetaknamekñe Waiwai me hatî, parikwoto nhîrî rma hatî, ero ke parikwoto komo yaino xa mikro há wîkes, ero wa ehtopo komo há ñekametkeñe twa há, on há ñexamro nihtînorî rma na mikro xakñe há. ero wa makî ñexamro yai xa amna ñeñakñe ñencekñe kacho ekatîmra tko xatkeñe há. Ero warai tî mikro kacho kyam makî ñekatîmyatkeñe, ero takî *knawaru* takî há tî tohnawno tho yekametaw hatî awya, mîcekeñe e rma tire, mîwekeñe rma hatî re ike há wara rma mîkî hatko tî tîtko yarî yapikiche takî hat kamara me metakicekñe mîkî hat *knawaru* kamaran yekamanenho, ero ke takî tko ñetakicekñe tîtko tî mapikya amoro há awesetaketaw tîtko yarî ñetakicekñe takî tî noro añekamathîrî rma takî kamara me takî hatî awece takî ce há awapar me rma ero wa tî xakñe, ero yanme twerî cehtopo ero yipu yekamaxe awexitaw twerî poko cexpore kekñe kyam makî wa pooco pen ero poko, tîtko yarî apikiche kamara me twa metakiche, ahce kacho takî hatî ñetakicekñe tîtko yarî yapikiche há? tîtko twa nay kamara yorî wa há ke yathîrî, kirwanhe wences hakyó, ero wara makî ero way yanme ñetakicekñe, ero tweri entacoko *knawaru* kokwataw, *knawaru* tî mikro tweno, ananimaw kosope makî nawa tahsîyas há katpanaw nawa esenpora ro makî nay hakwe, on twa nay há tuuna twa nay yaw há axawa komo ha twa nay tohkarara komo warakaka ciki twa nay yukwaw há. ero waray mikro *knawaru* yehtopo, ero ke twerî ehcoko *knawaru* yekametaw awya so kacho kyam makî wa ñekatîmyakñe pooco pen owya, ero waray tî mikro *knawaru* kacho. Ero ke *knawaru* yeporatau kosope makî tahsîyas há, ananimaw tîtpotokomes yîmîn thîrî enîxe kexitaw ahsîtome kiwya ero waray mikro noro, okyo (respeito) tîtkes rma hatko yîmîn poko ahsiyataw hatko, kirwanhe tahsîyasî ceñepes hara entopo kyam mak, oroto takî ero poko exihra takî natu há Waiwai komo kepamuthîrî komo yaxam nhîrî komo (geração) ero pokohra takî nat ha ero wa xatkeñe pahxan pen komo ñekametkene pooco pen komo, ero yanme twa wetkeñe pohcira tî xatkeñe pohcira ro mak twa xatkeñe yuwuhre komo tî xakne asakî mak (02) ananimaw poroto woso tîcetaw so naratkeñe ciyaxkem cewñe kmarawetî yapon cewñe, worî ke hatî pohcira mak twa xatkeñe ha, ero yipu tî mikro xakñe *knawaru* yehtopo há kacho, ero ke mikro yarono há, pahxan yekatîmxapu enîhra thakwa wixakñe ow ha, ñexamro mak wa ñekatîmyatkeñe pooco pen komo owya ha, ero yimaw rma ka pooco pen komo nihtînoyatkeñe há, ero waray mikro *knawaru* yekametaw twerî tko ekamakî há kacho kyam mak wa xakñe, ero ke ahcewa na cekame há, cecaïke ciki twa há miki ke rinatî ke, ahcewa nawa tîtkes rinatî xeh xeh wahra so ciki ha. ero takî see ketkeñe nayke ro mak tko twa há, ahcewa see tîtkes há? ewkuro mak tahsîyasî tan ciki wa yipumta ha, yipumtaw wa nay ehkuru há, kewru kwaka tî kahra tay nayke ro mak twa há, ananimaw xehxa so ketkeñe cewan pore so tî, ero kyam mak há, ero yanme ero wa kyam mak nay ehtoponhîrî wîkes.

Ahcewa takî tay *knawaru* yekamace tay há? Cetakriya yohno rma ceseneme, tîhce makî kat woso, woosam komo poko epohkara tay, erewsî komo tikporem komo apuhra takî tay? ahceway nay ero yewetitopo há wîkes, nay há. ero kachoro cewyaro há wîkes makî. Woosam poko awexiche takî hatî cetike twa hakwe wohra takî tî may hára, yohno rma kache awya há ceuñe nuuni cixapu tho yanwekiche auya wohra takî may hara, pahkî nhe awexiche takî hatî ceuñe nuuni waso ananimaw ceuñe cimñipu etowra takî twa nay apun chei há. ero wa kacho wencekñe, ero kyam makî ñekatîmyatkeñe, ekatîmxapu marha kyam makî tan, onenîtho pîn ero wa makî wa ketkeñe, ero exitaw wohra takî tî xatkeñe hakwe kacho kyam ekatînxexi. Taa mîkî hara amoro hara woñe amoro há? Mekamay ero *knawaru* wîkes takî awya há? Pîra ekamara wehxe, owyaniro xakñe wotopo ananimawso ciki makî wiwekñe, ananimaw pîra ero waso wixakñe, on waray mak xa owî wotopo poko wixakñe kehcamhokekñe makî krapa poko ahna xa wecehce wotohme kacho makî xa xakñe wecehcekeñe, wecehcekeñe, oona xa wecehce ham wîkekñe makî ero wa kacho makî re xakñe opoko ow há, ekamara wîxakñe kwe enihra marha takî wa *knawaru* hakwe oroto ponaroro, wences hatko wenari xa tohra hatko, ekayimra wece wixakñe, wencekñe rma hare, ananimaw rma sikihsiki wîkekñe camki matko takî wixakñe owtotopo poko cewñe so keraswakñe marha kosope oyekayimxera ero kyam makî wixakñe oyanmero no kyam makî mikro wotopo xakñe, ananimaw so

wipohciyakñe, wipohciyakñe wohra cewñe kaamo so há, ananimaw so wiwekñe ero kyam makí wixakñe, ero warahra twa xatkeñe ero yipu yekamañe komo wetkeñe ro makí twa há pohcira ro makí hakwe ero wa wetkeñe patawro no makí yuwuhre komo xakñe roowo pona epirka xakñe waiwí wooto poko makí ñekyakñe ero wa kyam makí tí xatkeñe. Ero yipu kyam makí wa entaxe was hake, ero yipu oroto exihra nay karita yaw so, ahyawso makí tko nas há ero yipu komo ahtipírí yaw so há wíkes poritomo komo yaw so há. Orotono komo yaw takí kâpanxam komo yaw ero yipu exihra ro thak makí nay hakwe, onoke mîkro ketaw há ahcena mîkro há ketu makí há kwe, ero wara ket há kmarawetí poko há, ahce mîkro kmarawetí ketaw yiwya so? ahce hana ketu makí hakwe, awyaso ketaw takí há meyukyaxe takí camkira, kmarawetí mîkro on mîkexe takí há, on yipu mîkro mîkexe marha, ero poko kyam wa kehcamhokes ahtipírí yawno nho komo karita pona cirixe was wíkes makí awya. Amne takí kimxithírí komo entome, ayha on waray komo makí wa xakñe kihyawso kachome yiwya so kyam, kirwanhe tko wencesí há ero wara marha anma nimtapotay katural po yapoxi yakro kírînwaw yakro anarí komo yakro marha yihthinoñe komo ero waray poko, ero way yihthínopoto tí mîkro yihcamnopun hatí (patrimônio) kporin komo nînomutho kíhyaw so há. Ero yihthínopoto komo há. Ero ke erotho ehcamnopura ehtome kmewrepore nas há karita yaka há, awaipuche so maraxe makí awakroso hara wíkes makí tinomra awexiche so há, enko nay oroto krapa há, waiwí marha, akro takí nay ham kmarawetí nay marha takí hami knawaru ero wa ehtopo komo há wíkes, ero ke kirwanhe wíkes há ero yipu yentacho poko há, eroke ero wa kyam makí wa nay há ero pokono há, on wara mahra xa nas amna poritomo komo enpora yaxan kañpanxan komo ya ham ke enkoxe krapa yesihra natu weñas kyam umana yaw hake sarai wetaw há, camkí natu krapa yahsítoto poko karaywa xikrí wa mak takí, kícicme hakwe “valorizar” kahra ehtopo komo, ero wara marha natu omxikrí komo hakwe krapa yesihra, ñehsatu rma hare camkí makí, kirwanhe esihra thakwa kahsí wooto komo wohra, oní tan waiwí xakñe amna yaw há, ahnoro wotopo ro makí ha, poroto, xipírí, pawxi, yakwe, poñko, yaipí, kamara, kooso, ahnoro wotopo há, owí wítwoi waiwí ke ahnoro, poñko, yaipí, kooso, pakña, kamara witwoi ero wa waiwí ke arakapusa keñehra há, pahkí wehxe arakapusa kenehra há ero ke makí witwekñe waiwí ke há, oroto nhe takí wohra nhe takí was witwesí rma hatko, ahce kacho kasko? Kirwanhe eníhra takí was há meyehra makí weñas kwe, poritomo me oyexirke, ananimawso wempormes witwesí rma hatko ananimawso eniche krapa ke, tanmero meeku pen witwoy hakwe, ero wa tasí rma há, ero was há ou rma há yihcamnopura rma há, yihcamhokara oyexitaw há kañpanxam komo há waras thakwa wa tînomura owya há, enkoxe há oroto mehcamhokexe amñe takí awehcamhokatikache on há kahra thakwa mas há awyan takí makí mîkro há, awaipuche maarí tha makí há kwe. Ero wa thakwa wa was ou há ananimaw takí krapa yesiñepín tho komo makí takí ñetinomyatu há kwe, camkí krapa yihwacho komo poko camki cehsom komo makí takí ñetinomyatu, yihcirme maria ke tíhwesí ero yimaw takí pakra yori ke tíhwesí wa makwa tíhwesí pahxan pen komo ñenpotho makí mîkro há iitore citopo komo, ero wa kyam makí nay Krapa Waiwí komo yehtopo, ero ke wa kañpanxan komo waiwí apohtora natu oroto kañpanxam komo, krapa yihwara natu esetakara marha natu ero kekñe, ero nay tahsípínkaxínhe oroto, merpora tko tahsípínkax nay há oroto há, ero yipu yihthínopuxe was amoro marha karita pona cirixe, on wara xatkeñe ham kwe ero yimaw pahxa kachome kyam yiwyasó.

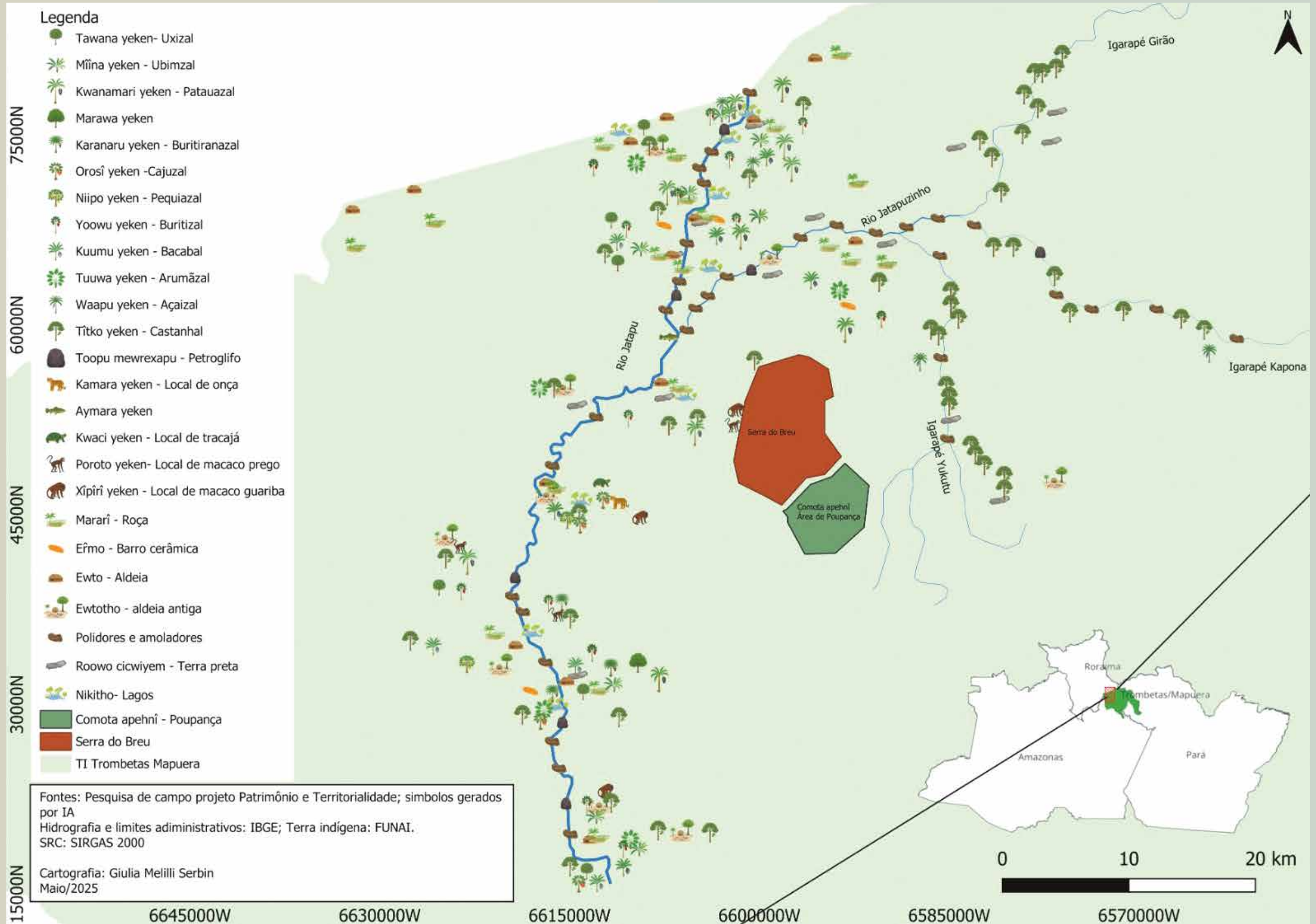
Taa, noro twa knawaru ñekamekñe hakwe, mîkí tí xakñe osotí mawanaru pen hatí tooto yosotí, ero ke takí tí noro pen ñetakicekñe tîmxikrí yakro rma hatí, kaika aymara yemcinohso kekñe tí yiwya, ero kyam tí cekne tîmxikrí yakro rma kyam hatí, yîmxikrí tí xakñe ananimaw 13 cimñipu waso hatí, ero yinhírí takí tí cetawso so esama yaw neeñakñe takí tí wenayko weenu yemene tweríhra ro makí tko twa xakñe há, noro rma tko twa ñetakicekñe há knawaru há knawaru (falso) tho há, noro tho rma twa ñetakicekñe há, noro pen takí tí mawanaru ñetapekñe tooto yimkari wenaiko tho, ñetapay wayihkara tko tí ñehxe há, amñe takí tí mooxe titocheso ona cetakri há aymara cickarí há kekñe tí yîm pen. Taa ñetkminmache amñe takí tí kiwi takí

tí niire, amñe takí tí kosope rakatawno wa takí hatí noro takí tí nîmmapowakñe noro hatí, onoke na knawaru takí tí kokwakñe há kwa kwa kekñe tí, niwinikye takí tko tí poritomo há yumumuru makí tí yiwímkíra xakñe ero ke takí tí ñencekñe mawanaru “owene” kekñe tí mawanaru omkoto kekñe tí omkari oyetapa kacho tí mîkro kwa kwa kekñe rma hatko tí nîmmapowakñe hatko tí tooto me, ero takí tí tîmî ñenpakekñe aapa, aapa, apakakí entakí ka knawaru awetacas kopi kekñe tí rakatawro hatí kwe, ahrika ou mewrucpes kica kekñe tí yîm oyetacihra ro makí nay há kekñe tí yiwya, ero tko tí cewke exitaw etacira xakñe há, ero yimaw niwinikye xa hara tí, cewke rma tí yumumuru há, ero rma tí kekñe meyehra takí tí mokyakñe yihyaka so noro tho hat kamara me cetakitosom tho há, mokyakñe takí tí yamoro meyehra xa takí hatí ñeraswakñe takí hatí yîmxikrí, kíwces kra weewe pore kekayimyas kekñe tak hatí, ero ke takí tí ñesentinoyakñe ahcewa tko na apapa niira kica kekñe takí hatí, ero ke takí cekñe hara, meyehra ro makí takí hatí yihyai ero takí tko tí ñeskay há kraw yîm pen exenaw narmay takí tí yukuywan thírí poi naare takí tí tonoso kraw kraw noñekñe takí hat, iito tí yimxikíthírí xakñe pahkí cenmaxiro enmapuche takí tí cekñe tîmîm yaka ekahtoso apapa nono kamara kwe kekñe tí ero wa tko níka nimtapota hatko kwe knawaru rma ero way tí xakñe amna yehtopo pahxa yîmî yumumuru yehtoponhírí, ero way komo kyam makí tí xakñe pahxan pen komo yehtoponhírí komo, ero ke twerí esko knawaru falso tho yekametaw awya há kacho kyam makí ñekatiymatkeñe, ekamara tko takí wixakñe há ero wara ketkeñe pooço pen komo owya há ero wa marha kekñe yukuma pen owya há apapa tko enpora xakñe owya hakwe neraswakñe nawa anana ekamacho poko owya há. Ero wa kekñe há. Amna poyeno ahnoro amna wes há carakura, wapena, yapoxi ou ero wa nas amna, cewñe makí wohra nay Amauri makí enihra was wotopo narme rma re krapa wohra hatko.



Material complementar: acesse aqui um documentário sobre a preparação do veneno *Okomkírísí* e uma explicação do especialista Marcelo Gordo sobre o que os cientistas acadêmicos sabem sobre o *Knawaru*.







## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Fundação Volskavgem pelo apoio financeiro para o desenvolvimento do Projeto “Patrimônio e Territorialidade: percepções do passado, presente e futuro entre os Tacana, T’simane e Waiwai (2023–2025)”; a Universidades Federal do Amazonas (UFAM) como principal instituição do projeto; a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) como instituição coparticipante do projeto; a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como instituição coparticipante do projeto; a Universidade Federal de Roraima (UFRR) e ao Insikiran pelo acordo de colaboração com o projeto; ao Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI) pelo apoio logístico e estrutural; à Universidade de Bonn (Alemanha) pela parceria acadêmica; a Associação dos Povos Indígenas Waiwai (APIW) pelo apoio durante os trabalhos na Terra Indígena; ao *tuxawa* Francisco, que inicialmente autorizou a realização da pesquisa na Terra Indígena Trombetas Mapuera, e ao *tuxawa* Fernandinho, que, ao assumir a liderança, manteve o apoio ao projeto. Estendemos nossos agradecimentos a todos os *tuxawas* das 15 comunidades envolvidas, bem como a todos os Waiwai que participaram e contribuíram com a pesquisa. Agradecemos o Världskulturmuseet – Museu da Cultura Mundial (Gotemburgo - Suécia) e Museum für Völkerkunde Dresden (Alemanha) por receber os pesquisadores do projeto e ceder as imagens dos objetos Waiwai que estão em seus museus.

Material complementar: Acesse este livro completo em PDF.



## AUTORIZAÇÕES

O projeto obteve todas as autorizações necessária para o trabalho na Terra Indígena Trombetas Mapuera: Autorização de ingresso em Terra Indígena da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) (Processo no 08620.002971/2023-01), autorização da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP) (CAAE: 75105723.5.1001.5020 e 75105723.5.3002.0121), autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (Processo nº01419.000097/2024-97) e autorização do Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SisGen) (Número de cadastro: A28F38C).

## REFERÊNCIAS

- Manual de etnobotânica: plantas, artefatos e conhecimentos indígenas / organização Aloisio Cabalzar...[*et al.*]. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), 2017.
- Rodrigues, Igor Morais Mariano. Tramas da Tecnologia: etnoarqueologia da variabilidade dos trançados dos povos do Mapuera. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2022.
- WAI WAI, Felipe. Histórias do povo Wai Wai. In: CARVALHO, Fábio Almeida de; FONSECA, Isabel Maria; RAPOSO, Celino Alexandre (orgs.). Leitura e textos indígenas. Boa Vista, RR: Editora da UFRR, 2019. p. 100-119.
- Wai Wai, Jaime Xamen. Arqueologia e história das aldeias antigas do rio Kikwo, Pará, Brasil. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia – área de concentração em Arqueologia), Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.



Ficha Catalográfica elaborada por Suely Oliveira Moraes Marquez – CRB 11/365

D541x Dias Jr, Carlos Machado

Xakwaru wara riikomo tapota yahsitopo pokono = Como o japiim ensina crianças waiwai a aprenderem línguas / Carlos Machado Dias Jr. [ et al.]; Organizadores: Carlos Machado Dias Jr.; Jaime Xamen Wai Wai; Giullia Melilli Serbin; Alexandre Aniceto de Souza; Igor Morais Mariano Rodrigues: Manaus: FUA, 2025. 152 p.; il.; 17,5x25 cm.

Este livro faz parte do Projeto Patrimônio e Territorialidade (apoiado pela Fundação VolkswagenStiftung).

ISBN 978-65—5839-246-0

1. Povos Indígenas. 2. Wai Wai. 3. Saberes indígenas. 4. Memórias e ensinamentos. I. Dias Jr, Carlos Machado (org.). II. Wai Wai, Jaime Xamen (org.). III. Serbin, Giullia Melilli (org.). IV. Souza, Alexandre Aniceto (org.). V. Rodrigues, Igor Morais Mariano (org.). VI. Título.

CDU 316.72(= 1-82)



Encontro do Projeto em Manaus, participação de 67 Waiwai, representantes Tacana, T'smane, Moseten, colegas da WCS-Bolívia da Coordenadora proponente da UniBonn Carla Jaimes (Fazenda da UFAM, Novembro de 2022).

Giullia Melilli Serbin



Malocao na comunidade Jatapuzinho.

Sara Coelho

Este livro faz parte do projeto “Patrimônio e Territorialidade: passado, presente e futuro — percepções Tacana, T’simane e Waiwai”, construído pela equipe no Brasil, por muitas mãos e pensamentos. Foi realizado com a participação de pesquisadores indígenas e não indígenas, unidos pelo desejo de aprender com os conhecedores da floresta e valorizar seus modos próprios de viver, ensinar e lembrar.

O projeto foi coordenado pela Universität Bonn (Alemanha), em parceria com a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e a Wildlife Conservation Society – Bolívia (WCS-Bolívia). Nosso objetivo maior é fortalecer o conhecimento dos waiwai sobre seus territórios e histórias, unindo a força dos saberes ancestrais com ferramentas da ciência e da escola.

Nas páginas deste livro, os leitores — especialmente os jovens, os professores waiwai — encontrarão histórias contadas por quem conhece bem a terra, os rios, as árvores, os animais, os caminhos deixados pelos antigos e os muitos outros seres. São palavras, imagens e sons que falam da floresta como casa, como memória e como futuro.

Aqui, o patrimônio não é visto como coisa parada, mas como algo que vive, que se transforma e que precisa ser cuidado com sabedoria. Esta obra é um convite a olhar para o passado com orgulho, viver o presente com atenção e preparar o futuro com coragem.

Agradecemos, com respeito, à VolkswagenStiftung, fundação que tornou possível esta caminhada coletiva. Este livro é, sobretudo, uma ferramenta para as escolas, um apoio à luta pela continuidade de conhecimentos waiwai — não como lembrança distante, mas como força viva que segue se transformando.



**UFAM**



NUCLEO DE ESTUDOS DA AMAZÔNIA INDÍGENA  
PPGAS - MUSEU AMAZÔNICO

